

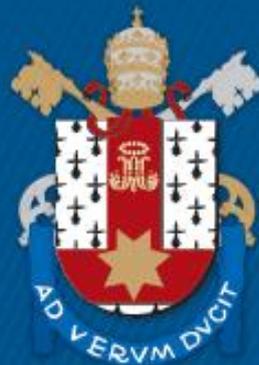
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

RICARDO SUPERTI DE OLIVEIRA

ANTIFASCISMO NO BRASIL: A TRAJETÓRIA DE UM IMIGRANTE ITALIANO E OS
MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIA NA DÉCADA DE 1920

Porto Alegre
2024

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

RICARDO SUPERTI DE OLIVEIRA

**ANTIFASCISMO NO BRASIL: A TRAJETÓRIA DE UM IMIGRANTE ITALIANO E
OS MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIA NA DÉCADA DE 1920**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Área de concentração: História das Sociedades Ibéricas e Americanas.

Orientador: Prof. Dr. Antonio de Ruggiero

Porto Alegre

2024

Ficha Catalográfica

O48a Oliveira, Ricardo Superti de

Antifascismo no Brasil : a trajetória de um imigrante italiano e os movimentos de resistência na década de 1920 / Ricardo Superti de Oliveira. – 2024.

139 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Antonio de Ruggiero.

1. Antifascismo. 2. Redes de Sociabilidade. 3. Grupo Antifascista Giacomo Matteotti. 4. Imigração. 5. Transnacionalismo. I. Ruggiero, Antonio de. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

RICARDO SUPERTI DE OLIVEIRA

**ANTIFASCISMO NO BRASIL: A TRAJETÓRIA DE UM IMIGRANTE ITALIANO E
OS MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIA NA DÉCADA DE 1920**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
Área de concentração: História das Sociedades Ibéricas e Americanas.

Aprovada em: ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Prof. Dr. Antonio de Ruggiero

Profa. Dra. Aline Passuelo de Oliveira

Prof. Dr. Leonardo de Oliveira Conedera

À Lara Coiro Superti de Oliveira, minha filha, trineta de Luigi Attilio Superti, bisneta de Tranquillo Superti e neta de Norma Superti, todos antifascistas.

AGRADECIMENTO

Este dissertar é obra de muitas mãos. Com lacunas, pelas quais peço desculpas, os agradecimentos são uma tentativa de totalizar o conjunto de amigos, familiares, colegas e instituições que contribuíram para a realização desta desafiadora pesquisa.

Agradeço a Norma Imelda Superti de Oliveira, minha mãe, que produziu o primeiro relato sobre a trajetória de seu avô, Luigi Attilio Superti, e foi fonte constante de conversas e questionamentos. Agradeço também pelos depoimentos, conversas e documentos cedidos por Gileza Alice Superti Tolotti, Nelia Rosalina Passuelo de Oliveira (*in memoriam*) e Elizabete Maria Fassina, fundamentais para a concretização deste trabalho.

Agradeço a Tamara Zambiasi, pesquisadora que foi fundamental nos primeiros passos desta trajetória, no incentivo e auxílio para a apresentação deste projeto de pesquisa junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Agradeço a Giuseppe Azzoni, pesquisador da história das lutas populares na região de Cremona, Itália, que auxiliou na compreensão do contexto histórico italiano do *novecento*, assim como aos servidores do *Archivio di Stato di Cremona*, pelo acesso a documentação histórica e pelo apoio nas pesquisas realizadas naquele relevante acervo.

Agradeço ao amigo Giorgio Borghetti, *sindaco* de Voltido, Itália, que aceitou com grande entusiasmo o desafio de auxiliar na pesquisa de documentos históricos no arquivo da *comune* de Voltido. Sua dedicação em auxiliar e o conjunto documental localizado neste *piccolo paese* se constituíram em parte significativa das fontes desta dissertação.

Não posso deixar de agradecer a todos os servidores e funcionários que colaboraram nas pesquisas realizadas no Núcleo de Pesquisas em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NPH UFRGS), no Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho, no Arquivo Nacional e sua Biblioteca Digital, na Fundação Getúlio Vargas, no Museu da Imigração do Estado de São Paulo, na Biblioteca Central Irmão José Otão da PUCRS e no Arquivo Edgard Leuenroth da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Agradeço a Renan Moraes, responsável pelo Arquivo Geral e Biblioteca do Grande Oriente do Rio Grande do Sul (GORGS), pela recepção e disponibilidade para auxiliar em pesquisas nos arquivos da instituição, e ao pesquisador Frederico Duarte Bartz, idealizador do projeto Caminhos Operários de Porto Alegre, que contribuiu significativamente na localização de documentos relevantes para esta pesquisa.

Agradeço a todos os colegas do Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS, que contribuíram durante as atividades desenvolvidas no programa de pós-graduação. Cito, em particular, os auxílios da colega Fernanda Trentini Ambiedo na abertura de caminhos junto ao Grande Oriente do Rio Grande do Sul, e do colega Vicente Dalla Chiesa na localização de exemplar do periódico Liberdade que, durante esta pesquisa, representou um achado histórico de grande relevância.

Agradeço ao conjunto dos professores, diretores e servidores das áreas administrativas e de ensino do Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS, que contribuíram em suas áreas de conhecimento para o desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço a Antonio de Ruggiero, professor e orientador desta pesquisa, por acreditar e contribuir com o seu conhecimento para o deslinde deste projeto. Muito obrigado pelo apoio e suporte para a concretização deste trabalho.

Agradeço aos meus amigos e colegas de trabalho, Estilac Martins Rodrigues Xavier, Vinicio Rossetto, Cesar Luciano Filomena e Rodrigo Vargas Laureano, pelo apoio, paciência e pelas conversas de dia a dia, em que usei de seus conhecimentos para auxiliar nesta caminhada.

Agradeço a Luigina Superti, Angelo Superti e Francesca Superti, primos distantes que tive a oportunidade de conhecer em Voltido, Itália. Nossas conversas me ajudaram a desvendar elementos importantes da trajetória de vida de Atílio Superti antes da vinda com a sua família para o Brasil.

Agradeço a disponibilidade, apoio e contribuições dos professores Leonardo de Oliveira Conedera e Aline Passuelo de Oliveira, membros da banca desta dissertação.

A Coraci Rosa da Costa, amigo que auxiliou, em tudo.

Na manhã de 27 de julho de 1943, foi-me dito que, segundo informações lidas na rádio, o fascismo havia caído e Mussolini tinha sido feito prisioneiro. Minha mãe mandou que fosse comprar o jornal. Fui ao jornaleiro mais próximo e vi que os jornais estavam lá, mas os nomes eram diferentes. Além disso, depois de uma breve olhada nos títulos, percebi que cada jornal dizia coisas diferentes. Comprei um, ao acaso, e li uma mensagem impressa na primeira página, assinada por cinco ou seis partidos políticos como Democracia Cristã, Partido Comunista, Partido Socialista, Partido de Ação, Partido Liberal. Até aquele momento, pensei que só houvesse um partido em todas as cidades e que na Itália só existisse, portanto, o Partido Nacional Fascista. Eu estava descobrindo que, no meu país, podia haver diversos partidos ao mesmo tempo. E não só isso: como eu era um garoto esperto, logo me dei conta de que era impossível que tantos partidos tivessem aparecido de um dia para o outro. E entendi que eles já existiam antes como organizações clandestinas.

A mensagem celebrava o fim da ditadura e o retorno à liberdade: liberdade de palavra, de imprensa, de associação política. Estas palavras, “liberdade”, “ditadura” — Deus meu! —, era a primeira vez em toda a minha vida que eu as lia. Em virtude dessas novas palavras renasci como um homem livre ocidental.

Devemos ficar atentos para que o sentido dessas palavras não seja esquecido de novo. O Ur-Fascismo ainda está ao nosso redor, às vezes em trajes civis. Seria muito confortável para nós se alguém surgisse na boca de cena do mundo para dizer: “Quero reabrir Auschwitz, quero que os camisas-negras desfilem outra vez pelas praças italianas!” Infelizmente, a vida não é fácil assim! O Ur-Fascismo pode voltar sob as vestes mais inocentes. Nosso dever é desmascará-lo e apontar o dedo para cada uma de suas novas formas — a cada dia, em cada lugar do mundo.

(UMBERTO ECO)

RESUMO

Nesta pesquisa, teve-se por objetivo investigar o antifascismo nos anos 1920 no Brasil, a partir da trajetória de vida de Luigi Attilio Superti. O estudo percorreu os caminhos deste imigrante, o panorama político e social do surgimento do fascismo na Itália e suas implicações na região de Cremona. Investigou aspectos familiares, o período da eleição de Attilio Superti para *sindaco* de Voltido, sua administração e as tensões sociais que antecederam a sua fuga da Itália. No Brasil, a pesquisa investigou o contexto social em que Attilio está inserido na cidade de Porto Alegre, abordou a criação do Grupo Antifascista Giacomo Matteotti e sua articulação com o movimento antifascista nacional e europeu. A pesquisa utilizou o suporte teórico-metodológico da Micro-História, utilizando fontes documentais em arquivos da Itália e do Brasil, documentação pessoal de Attilio Superti e familiares, fontes de imprensa, literatura especializada e depoimentos de familiares. Como marco temporal, os eventos analisados perpassam o período dos anos 1920 (movimentos iniciais do fascismo na Itália até os últimos registros de atuação do Grupo Antifascista Giacomo Matteotti em Porto Alegre, no final dos anos 1920). Com esta pesquisa, pretende-se contribuir para os debates acerca da produção científica especializada no que diz respeito a análises sobre o antifascismo, imigração e transnacionalismo.

Palavras-chave: Antifascismo. Redes de Sociabilidade. Grupo Antifascista Giacomo Matteotti. Imigração. Transnacionalismo.

ABSTRACT

This research aims to investigate antifascism during the 1920s in Brazil, from the life trajectory of Luigi Attilio Superti. The investigation goes through the paths of this immigrant, the political and social panorama of the emergence of fascism in Italy and its implications in the region of Cremona. It investigates familiar aspects, the period of the election of Attilio Superti as mayor of Voltido, his administration and the social tensions that preceded his escape from Italy. In Brazil, the research investigates the social context in which Attilio is inserted in the city of Porto Alegre, addresses the creation of the Giacomo Matteotti Antifascist Group and its articulation with the national and European antifascist movement. The research uses the theoretical and methodological support of Micro-History, using documentary sources in archives of both Italy and Brazil, personal documentation of Attilio Superti and family members, press sources, specialized literature and testimonies of his relatives. As a time frame, the events analyzed go through the 1920s (initial movements of fascism in Italy until Giacomo Matteotti Antifascist Group's last records of action, in Porto Alegre during the late 1920s). The research aims to contribute to the debates about the specialized scientific production with regard to analyses on antifascism, immigration and Transnationalism.

Keywords: Antifascism. Sociability Networks. Giacomo Matteotti Antifascist Group. Immigration. Transnationalism.

RIASSUNTO

Questa ricerca si propone di indagare l'antifascismo durante gli anni '20 in Brasile, a partire dal percorso di vita di Luigi Attilio Superti. L'indagine ripercorre i percorsi di questo immigrato, il panorama politico e sociale dell'emergere del fascismo in Italia e le sue implicazioni nel cremonese. Indaga aspetti familiari, il periodo dell'elezione di Attilio Superti a sindaco di Voltido, la sua amministrazione e le tensioni sociali che precedettero la sua fuga dall'Italia. In Brasile, la ricerca indaga il contesto sociale in cui Attilio è inserito nella città di Porto Alegre, affronta la creazione del Gruppo Antifascista Giacomo Matteotti e la sua articolazione con il movimento antifascista nazionale ed europeo. La ricerca si avvale del supporto teorico e metodologico della Micro-Storia, utilizzando fonti documentarie degli archivi italiani e brasiliani, documentazione personale di Attilio Superti e dei suoi familiari, fonti di stampa, letteratura specializzata e testimonianze di suoi parenti. Come arco temporale, gli eventi analizzati abbracciano gli anni '20 (dai primi movimenti del fascismo in Italia fino alle ultime testimonianze dell'azione del Gruppo Antifascista Giacomo Matteotti, a Porto Alegre alla fine degli anni '20). La ricerca si propone di contribuire ai dibattiti sulla produzione scientifica specializzata con riguardo alle analisi su antifascismo, immigrazione e transnazionalismo.

Parole chiave: Antifascismo. Reti di socialità. Gruppo Antifascista Giacomo Matteotti. Immigrazione. Transnazionalismo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Família Superti. Da esquerda para a direita, primeira linha, Giuseppina e Giordano; segunda, Annunciata e Attilio; terceira, Carlo e Tranquillo.....	30
Figura 2 – Em amarelo Voltido, azul Recorfano, roxo Piadena, verde San Giovanni in Croce, vermelho Ca' d'Andrea.....	31
Figura 3 – Cena do filme novecento. Baile na cascina di Bellingeri, em Voltido.....	34
Figura 4 - Voltido, anos 1960. À esquerda a Igreja San Michele e à direita o edifício da prefeitura.....	44
Figura 5 – Jornal Avanti, 15 de fevereiro de 1921. Em destaque, excerto onde consta a comune de Voltido no rol das comuni administradas pelos socialistas.....	46
Figura 6 - Monumento Olocausto del Popolo ai caduti, Palazzo Comunale Voltido, 2024.....	48
Figura 7 – Ata de registro de deliberações do Conselho Comunal de Voltido..	49
Figura 8 - Luigi Attilio Superti. Registro de dezembro de 1920.....	50
Figura 9 – Excerto do jornal L'Eco dei Comunisti. Em destaque, as agressões fascistas na cooperativa de Voltido. Em acessório, notas do Circolo Socialista de Voltido e da Cooperativa de Consumo de Recorfano.....	52
Figura 10 – Dados do ruolo matricolare de Carlo Superti.....	53
Figura 11 - Primeira casa da família Superti na Vila Nova, Porto Alegre. Da esquerda para a direita: Attilio, Giordano, Carlo, Annunciata, Tranquillo, Giuseppina.....	59
Figura 12 - Fotografia área de terras da família Superti na Vila Nova. Da direita para a esquerda: Annunciata Bottini e Attilio Superti. Outros não identificados. Ao fundo, próximo do horizonte à direita, primeira casa da família, retratada na Figura 11..	61
Figura 13 - Fotografia de Família. Da esquerda para a direita: Alice (esposa de Carlo Superti), Annunciata Bottini, Attilio Superti e Carlo Superti. No primeiro plano, filhos de Carlo e Alice.....	65
Figura 14 - Fotografia de casamento. Giuseppina Superti e Angelo Passuelo, 1933.....	67
Figura 15 - Em terras de Attilio Superti, área de pedreira. Attilio ao centro-esquerda, de casaco preto.....	69
Figura 16 - Excerto do jornal A Rua do Rio de Janeiro de 22/11/1926.....	75
Figura 17 - Capa do jornal A Manhã, do Rio de Janeiro, de 20/10/1926.....	77
Figura 18 - Destaque da matéria de criação do Grupo Anti-fascista Giacomo Matteotti no jornal A Federação de 23 de junho de 1926.....	85
Figura 19 – Capa do Liberdade, Periodico Anti-fascista Italo-brasileiro. Ano 1, número 1, 10/06/1927.....	95
Figura 20 – Capa do Liberdade, Periodico Anti-fascista Italo-brasileiro. Ano 2, número 4, 10/06/1928.....	99
Figura 21 – Capa do Liberdade Periodico Anti-fascista Italo-brasileiro. Ano 3, número 5, 10/06/1929.....	109
Figura 22 – Membros do Grupo Antifascista Giacomo Matteotti de Porto Alegre em uma pedreira em terras de Attilio Superti. Primeira linha de baixo para cima, da esquerda para a direita: Giuseppina Superti, Attilio Superti, Annunciata Bottini. Outros não identificados.....	110

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 ITÁLIA.....	28
2.1 FAMÍLIA SUPERTI E CONTEXTO NO <i>CREMONESE</i>	28
2.2 CONTEXTO ITALIANO E O SURGIMENTO DO FASCISMO	36
2.3 VOLTIDO, A ELEIÇÃO PARA <i>SINDACO</i> E O MANDATO DE ATTILIO SUPERTI	44
3 BRASIL	58
3.1 A CHEGADA DE ATTILIO, REDES E MOVIMENTO MIGRATÓRIO.....	58
3.2 O ANTIFASCISMO NO BRASIL	70
3.3 MAÇONARIA E O CONDE FRANCESCO FROLA.....	73
3.4 IMPRENSA ANTIFASCISTA E O JORNAL <i>LA DIFESA</i>	79
4 ANTIFASCISMO EM PORTO ALEGRE	82
4.1 O GRUPO ANTIFASCISTA GIACOMO MATTEOTTI.....	82
4.2 PERSONAGENS, LAÇOS FAMILIARES E O FIM DO GRUPO MATTEOTTI	112
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
REFERÊNCIAS.....	125
ANEXOS	133

1 INTRODUÇÃO

Na manhã de 25 de abril de 2024, primavera de tempo cinzento e frio, diante da prefeitura da cidade de Voltido, Itália, têm início as comemorações do dia da *Liberazione*, feriado nacional italiano em comemoração à liberação da Itália do nazifascismo. Nesse dia, tive a oportunidade de participar da solenidade, a convite do *sindaco*¹ Giorgio Borghetti, a fim de acompanhar essa importante data para os italianos, mas também para lembrar a história de um antifascista, *sindaco* daquele pequeno *paese*, que fugiu para o Brasil em dezembro de 1921².

Dessa passagem, sobreveio a importância das pesquisas históricas na construção de uma ponte entre o passado e o presente. O revelar de memórias esquecidas, a curiosidade sobre a história deste *sindaco*³ que escapou para o Brasil, o olhar gentil de pertencimento a um fato histórico extravagante para uma pequena comunidade de trabalhadores do campo, a interação com o diferente, enfim, um sentido de conexão com o mundo, ao lembrar um período histórico (nazifascismo) de triste memória para a Itália e o mundo.

Nas conversas familiares sobre a vida de Luigi Attilio Superti, as teses, suposições e hipóteses sempre foram uma permanência nos momentos de convívio comum de seus descendentes em Porto Alegre. Por que Attilio veio para o Brasil, e sob quais condições? Qual o seu envolvimento político na Itália? São tantas outras perguntas, com algumas respostas precisas e outras, nem tanto. Quais as razões que motivaram este *contadino* a emigrar com a sua família e quais as relações sociais que Attilio estabeleceu do outro lado do Atlântico são questões que sempre estiveram no imaginário de seus familiares.

Para além destes questionamentos, a construção de uma dissertação a partir de uma pessoa simples, sem características de uma personalidade de vulto, se impôs como uma dificuldade metodológica a ser enfrentada. Attilio não foi propriamente uma grande personalidade pública (exceto no período que dirigiu seu pequeno *paese*) e, por conseguinte, com uma possibilidade muito limitada de fontes históricas capazes

¹ O *sindaco* corresponde, no ordenamento jurídico brasileiro ao prefeito de um município.

² Disponível em: <<https://www.laprovinciacr.it/news/cronaca/443164/sindaco-solo-per-un-anno-antifascista-per-tutta-la-vita.html>>. Acesso em: 08 ago. 2024.

³ Nesta dissertação, as palavras em italiano serão apresentadas com tipo itálico.

de construir um objeto investigável de pesquisa. Não foi um grande proprietário de terras, não foi um grande líder político — em resumo, foi um cidadão comum.

Entretanto, esta pesquisa encontrou um elemento fundamental para construir um roteiro viável capaz de trazer luz ao período histórico do surgimento do fascismo na Itália e suas repercussões no Brasil, momento de que Attilio foi contemporâneo. Attilio Superti foi um antifascista e, para além de um relato familiar ou de uma crônica do cotidiano, sua trajetória de vida o desloca do cenário de um homem comum para o transformar em uma conexão que liga fatos históricos, um fio que perpassa os contextos italiano e brasileiro do início do século XX.

Articular uma narrativa complexa em um longo período da história, partindo da trajetória de vida de um homem comum, não é tarefa fácil. Limitações de fontes, o sopesamento entre ações individuais e eventos históricos de pesos profundamente díspares, entre tantos outros obstáculos, tornaram o fazer histórico desta pesquisa uma tarefa talvez ousada, porém possível. Diversas lacunas de fontes e informações precisas deste *contadino* surgiram no decorrer do trabalho, mas como foi abordado ao longo desta introdução, há possibilidades teóricas e metodológicas capazes de estruturar um período histórico amplo e complexo a partir de uma “micro história”.

Attilio exerceu a função de *sindaco* na *comune* de Voltido, eleito nas eleições administrativas realizadas nos últimos meses do ano de 1920. A realidade italiana era caracterizada pelas agitações camponesas e operárias e pelo aprofundamento de uma crise econômica e social que pressionava o país. Esse contexto, inspirado pelos ventos transformadores da revolução bolchevique de 1917, provocou uma forte reação das classes dominantes italianas que, na organização dos *fasci di combattimento*⁴, estruturados a partir de 1919 por Benito Mussolini, representa a expressão de um dos principais símbolos do período: as ações violentas⁵ contra camponeses, operários e partidários de esquerda, como método de consolidação da política do fascismo na Itália (PALLA, 1996).

Decidido a se afastar de Voltido, Attilio emigrou com seus filhos e esposa ao final de 1921, após um período prévio de preparação de documentação para a regular

⁴ *Fasci di combattimento*, ou *Fasci Italiani di Combattimento*, criado por Benito Mussolini em março de 1919, reunido a partir de outros grupos paramilitares desmobilizados, incluindo ainda nacionalistas entre uma ampla base social descontente com a situação italiana no pós-guerra.

⁵ Nesta pesquisa, não se propõe estudar o fascismo e suas diversas possibilidades de abordagens no âmbito da história, da política ou da antropologia. O objeto central de análise é a compreensão do período de surgimento e formação do fascismo italiano na segunda década do século XX e o aspecto da violência, intrínseco ao fascismo.

saída do país. Esta pesquisa possibilitou confirmar que sua vinda para o Brasil foi, em grande medida, consequência de sua atividade política, optando, portanto, por escapar das ações violentas dos fascistas na Itália. Ao relatar a trajetória de seu avô, uma neta de Attilio faz referência expressa ao fato de Attilio ter fugido de Mussolini (OLIVEIRA, 2019).

Em território brasileiro, a família Superti fez uma breve passagem pelo Rio de Janeiro para logo desembarcar e fixar-se em Porto Alegre. Após uma rápida atividade laboral próxima ao centro da capital, instalou-se na região da Vila Nova, onde adquiriu uma área de terra. Nessa região, considerada área rural da cidade, já estavam instaladas famílias de imigrantes italianos, como membros das famílias Monteggia, Passuelo, Fogazzi, Salomoni, entre outros, dedicados em grande medida à produção agrícola (MALMANN, 1996).

Mantendo seus ideais, agora em território brasileiro, Attilio Superti fundou, em 1926, com outros imigrantes italianos, o Grupo Antifascista Giacomo Matteotti. Há referências de atividades do grupo em jornais de Porto Alegre ao longo dos anos de 1926, 1927 e 1928 (BRUM, 2003) e também há indicações da atuação de um Grupo Socialista Giacomo Matteotti em São Paulo, na década de 1930 (BERTONHA, 1995). Giacomo Matteotti, deputado socialista italiano, foi sequestrado e morto em Roma, em 1924, por militantes do fascismo, fato de grande repercussão na Itália e para todo o movimento antifascista no mundo. O corrente ano, de defesa desta dissertação, marca o centenário da morte de Matteotti.

Portanto, em um amplo e conturbado período histórico, Attilio vivenciou na Itália o período da Primeira Guerra Mundial, a ascensão do Partido Socialista Italiano após a Revolução Bolchevique na Rússia, as disputas entre camponeses e proprietários de terra na região da Lombardia durante o denominado período do *biennio rosso*, o surgimento do fascismo, a sua eleição para *sindaco* de Voltido em 1920, a fuga para o Brasil e o movimento antifascista em solo brasileiro. O antifascismo em Porto Alegre extrapolou o movimento local, articulando-se com outros movimentos no estado de São Paulo e com personalidades do movimento antifascista europeu.

Com base nos elementos acima descritos, a presente dissertação discorre sobre o período histórico de surgimento do fascismo na Itália, com suas implicações em uma pequena *comune* lombarda ao norte da Itália e as reações antifascistas no Brasil, através de um personagem que vivenciou ativamente o período, deixando rastros e fragmentos históricos passíveis de serem trabalhados neste texto. Não se

trata de um grande protagonista, mas sim, consiste em um militante da causa antifascista que foi contemporâneo ao período de ascensão do fascismo. A partir de fontes documentais sobre sua trajetória de vida, tornou-se possível contar a história desse período em perspectiva, ora de pequenas ações que influenciaram o macro, ora o inverso.

A pesquisa histórica, para além de retratar um determinado fato, possibilita visitar constantemente fontes de pesquisa e propor novas abordagens, em um diálogo com o tempo presente. Assim, a fim de melhor situar o contexto apresentado nesta dissertação, considerou-se importante registrar pontos que justificam e que serviram de base para a construção desta narrativa.

Esta pesquisa está inserida em uma realidade social permeada por debates acerca da retomada de “discursos de ódio”, de ações de caráter antidemocrático e de ascensão de governos de caráter autoritário e personalista, potencializados pelos avanços tecnológicos advindos do universo da comunicação digital. Na atualidade, o senso comum vem utilizando o rótulo “fascista” para designar simpatizantes dessas condutas acima expostas. Neste ponto, é relevante ampliar os estudos do fenômeno do fascismo e do antifascismo, em suas mais variadas formas de expressão e tempos históricos.

Diversos autores vêm trabalhando com essa temática, realizando um retorno aos fundamentos conceituais e às características do fascismo para explicar e compreender eventos na atualidade. Jason Stanley, filósofo, analisa a ascensão de governos autoritários no século XXI revisitando o tema do fascismo e identificando seus fundamentos, caracterizados por: volta de um passado glorioso; utilização da propaganda como fonte de desestabilização de instituições democráticas; ataque ao que é científico, intelectual e à produção universitária; noção de estado forte, hierárquico e violento; entre outras características (STANLEY, 2020).

Do mesmo modo, o historiador Federico Finchelstein traz contemporaneidade ao estudo do fascismo ao abordar o tema sob uma perspectiva de “desconstituição de suas mentiras”. Em uma apurada análise histórica, lança um olhar sobre os princípios ideológicos do fascismo e suas práticas, aplicados por governos na atualidade (FINCHELSTEIN, 2020).

Destacam-se ainda, em abordagens mais contemporâneas sobre o fenômeno do fascismo, diversas outras produções científicas no campo da historiografia, como as obras de Roger Griffin (2018), José Carlos Mariátegui (2008), Carlos Martins

(2022), Fernando Rosas (2023), Robert O. Paxton (2023), Tiago Saraiva (2022), e Antonio Scurati (2023). Evidentemente, como um fenômeno amplamente analisado pelos impactos decorridos de sua existência, obras clássicas de Antonio Gramsci (2023), Evguiéni B. Puchukanis (2020) e Giovanni Gentile e Benedetto Croce (2024) também iluminam a análise e interpretação do fenômeno do fascismo.

Outros autores analisam o tema do fascismo em suas dimensões mais estruturais, como os trabalhos que abordam o totalitarismo em Hannah Arendt (1989), ensaios sobre o fascismo e a democracia em Norberto Bobbio (2007) e a abordagem sobre o fascismo realizada por Umberto Eco (2018). Embora suas obras e trajetórias intelectuais não tenham o tema como eixo central, pela sua erudição e vivência da experiência do período do fascismo na Itália, os trabalhos citados têm contribuído para a reflexão sobre o fascismo em nosso tempo.

Assim, ao abordar a temática do antifascismo na década de 1920 no Brasil e dar uma dimensão humana através da trajetória de vida de um imigrante italiano que vivencia o período de surgimento do fascismo na Itália, a dissertação guarda relação direta com questionamentos contemporâneos que buscam explicar, na atualidade, os impactos de conceitos e condutas praticadas no passado e que ressurgem com novas abordagens no tempo presente.

Quanto à conceituação do antifascismo, são diversas as possibilidades de abordagem e interpretação. Em um primeiro aspecto, o antifascismo pode ser analisado de forma ampla, como qualquer movimento ou ação em contrário ao que preceitua o fascismo. Na historiografia, não são comuns estudos específicos sobre um conceito de antifascismo, o que remete a sua análise e discussão, a partir do objeto principal de análise.

Nesta pesquisa, o conceito de antifascismo passa pela abordagem do fenômeno em seu tempo e espaço, a partir de uma visão relacionada com aqueles que vivenciaram o movimento antifascista, suas articulações e razões da causa. Evidentemente que a abordagem a partir dos movimentos políticos e sociais é uma possibilidade — bastante comum na análise do fascismo e antifascismo —, mas devido ao fato de esta pesquisa tratar do tema da trajetória de vida como o fio condutor para abordar o antifascismo, a escolha do entendimento do fenômeno no seu aspecto micro e relacionado às vivências dos indivíduos protagonistas desta história parece a mais adequada.

Nesse sentido, ao discorrer sobre a temática do antifascismo, Marcello Scarrone comenta que a recente produção historiográfica sobre o antifascismo coloca em evidência a necessidade de situar os protagonistas inseridos em seu tempo, como homens de seu tempo, e não como precursores do que virá. Nesta abordagem, o foco desvia dos aspectos partidários ou ideológicos da luta antifascista para uma dimensão mais humana dos militantes e simpatizantes, dando atenção ao que foi efetivamente vivido, utilizando fontes documentais como correspondências e diários, entre outros, que se tornam objeto de estudo e investigação (SCARRONE, 2013).

O antifascismo, no ponto, será então compreendido aqui como um fenômeno de reação à ascensão do movimento fascista na Itália, ainda em sua fase de formação — inclusive como modelo político e ideológico —, sob o qual, seja na Itália ou no Brasil, o olhar estará focado nas relações humanas dos personagens. Evidentemente, considerando a limitação de fontes, há momentos da dissertação em que a ênfase recairá sobre a estrutura conceitual do antifascismo e, em outros, sobre os aspectos relacionados às suas práticas e consequências na trajetória de vida de Attilio e sua ação como um antifascista.

Ainda, dentre as características mais destacadas que estruturam o fascismo, o principal ponto que guarda relação direta com os eventos narrados é a temática da violência. Não há fascismo sem que esteja intrinsecamente ligado à violência. E no período histórico dos anos 1920, período de formação do fascismo, o tema da violência política merece destaque, pois está diretamente relacionado com os eventos que marcam a trajetória de vida de Attilio.

A pesquisa também evidenciou uma escassa produção histórica sobre o antifascismo na década de 1920 no Brasil. Estudos apontam para um certo desinteresse das classes políticas brasileiras em se engajarem na pauta antifascista na década de 1920, caracterizando o tema como um fenômeno circunscrito aos italianos e seus descendentes. Essa situação mudou a partir dos anos 1930, com eventos como a consolidação e exportação do fascismo de forma mais incisiva pelos corpos diplomáticos italianos, e também pelo surgimento do integralismo no Brasil (BERTONHA, 1995). Nesse contexto, a produção historiográfica se dedicou mais ao estudo do período de expansão do fascismo para fora da Europa e suas relações com o Brasil nos anos 1930, deixando uma lacuna de estudos quanto aos seus primórdios nos anos 1920 e, em especial, à atuação dos imigrantes italianos na disseminação da pauta antifascista.

Ainda quanto à exígua produção sobre o antifascismo nos anos 1920, o tema deixou de ser analisado em sua singularidade, na medida em que a historiografia privilegiou trabalhos acerca dos movimentos operários e das organizações políticas, como anarquistas, socialistas e comunistas no início do século XX. Neste ponto, o antifascismo, embora próximo de uma base social ligada aos movimentos políticos de esquerda, acabou por não ser analisado em sua amplitude, como na condição de movimento capaz de, por si só, construir um objeto de análise relevante no período. Nesse sentido, a análise do antifascismo pela perspectiva da vida de um imigrante e da atuação do Grupo Antifascista Giacomo Matteotti pode abrir uma nova perspectiva de abordagem.

Ademais, o antifascismo não pode ser enquadrado em uma única base social de suporte e apoio. Evidentemente, havia uma primazia de atores ligados a movimentos partidários, como por exemplo, os partidos socialistas e comunistas, com seus militantes que transitavam entre os países, não só para fins de organização partidária, mas como atores importantes na disseminação dos ideais antifascistas (BIONDI, 2011). Entretanto, o antifascismo perpassou não só a comunidade italiana no Brasil, como também uma rede de sociabilidade que envolveu diversos estratos sociais. Isto porque, principalmente no início dos anos 1920, embora as ideias do fascismo já circulassem, ainda existiam entendimentos diversos a seu respeito e seus impactos, por diferentes bases sociais.

Um aspecto que chama a atenção, como exemplo da diversidade do movimento, é o envolvimento de membros da maçonaria nas atividades e articulações antifascistas (BERTONHA, 1991). Neste ponto, é singular a criação do Grupo Antifascista Giacomo Matteotti que, dissociado de ações partidárias ou sindicais, atuou de forma efetiva na disseminação da pauta antifascista.

Quanto aos estudos sobre a imigração italiana no Brasil, eles se desenvolveram em duas linhas gerais. Nos estados do sul do país, as pesquisas tradicionalmente focaram na imigração do tipo colonial, protagonizada por camponeses que imigravam com a promessa de obter terras, em viagens subsidiadas pelo governo brasileiro. Por outro lado, especialmente em São Paulo, os estudos privilegiaram a imigração voltada às lavouras de café e, posteriormente, os movimentos que fizeram parte do processo de industrialização, como os de operários e anarquistas.

No Rio Grande do Sul, a presença de imigrantes nos centros urbanos é um tema de ampla relevância, considerando-se a sua importância para o mercado de

trabalho das cidades do estado, entre o final do século XIX e o início do século XX. A entrada desses imigrantes na economia ocorreu predominantemente pela atividade qualificada, como artesãos, arquitetos, professores, médicos, e pela atividade comercial (DE RUGGIERO, 2015).

Especialmente a partir da década de 1920, imigrantes que pertenciam a uma pequena burguesia italiana decidiram emigrar, em decorrência da situação política e econômica da Itália, procurando estabelecer uma reprodução do modelo de vida de seu país de origem (BRUM, 2003). Há indícios de que os membros do Grupo Antifascista Giacomo Matteotti, criado em Porto Alegre, tenham estabelecido relações exatamente neste excerto social.

É interessante notar uma singularidade na perspectiva do imigrante Attilio Superti, que em sua trajetória vivenciou um “microcosmo” que dialoga com o movimento da imigração urbana e rural. De uma atividade eminentemente rural em Voltido, na Itália, desembarcou em Porto Alegre, cidade urbanizada que no início do século XX estima-se ser habitada por cerca de 10 mil italianos, correspondendo a quase 10% da população da cidade (CONSTANTINO, 1991). Nesta dualidade urbano-rural, exerceu o ofício de agricultor no bairro Vila Nova — à época, área rural da cidade de Porto Alegre —, mas atuou politicamente no movimento antifascista da capital, atividade de eminente caráter urbano naquele período no Brasil.

Ao contrário do que se poderia pensar, a coletividade italiana no Rio Grande do Sul não aderiu automaticamente ao fascismo. Evidente que com uma população expressiva de imigrantes italianos, foi possível encontrar diferentes pensamentos e correntes políticas, em contraponto a uma homogeneidade ideológica. Em que pese os esforços diplomáticos do governo italiano em disseminar o fascismo nas comunidades no exterior a partir de 1922, Angelo Trento (1989) chama a atenção, acerca do período da década de 1920, para o que ele caracterizou como uma coletividade italiana no Brasil de característica “afascista”. Foi possível verificar na pesquisa que os italianos no Brasil nesse período não representavam uma massa coesa politicamente, uma vez que foram identificadas diversas orientações político-ideológicas dentro da sua coletividade.

Evidências da existência de um processo migratório de caráter político também surgiram no decorrer da pesquisa. Assim como na fuga de Attilio da Itália, é possível cogitar a existência de uma migração que, por decorrência da oposição ao avanço do fascismo na Itália — principalmente pela violência política contra os opositores —, se

viu obrigada a emigrar. Os trabalhos de Luigi Biondi (2011) e Edilene Toledo (2004) apontam possibilidades nesse sentido, ao analisarem o aspecto transnacional dos movimentos de militantes socialistas entre a Itália e o Brasil. Ao menos dois caminhos podem ser analisados, sendo um no sentido de uma imigração de divulgação de ideais políticos, em constante contato com eventos na Itália, e outro de caráter mais definitivo, derivado de uma “fuga” do regime de Mussolini, propensa ao não retorno para a terra natal, situação que caracteriza a vinda de Attilio Superti para o Brasil.

A formação do Grupo Antifascista Giacomo Matteotti representa outro ponto relevante nesta dissertação. Não foram identificados, na historiografia, estudos específicos a respeito deste grupo, fundado em 1926, em Porto Alegre. No ano de sua formação, constam notícias nos jornais *Correio do Povo* e *A Federação*, anunciando a criação do grupo, existindo registros de sua atuação no Rio Grande do Sul até 1930. Foi possível identificar citações da existência de um grupo similar no Rio de Janeiro e, também, de um agrupamento em São Paulo que, embora tivessem o mesmo nome, não tinham ligação direta entre seus membros.

O ineditismo da pesquisa sobre o Grupo Antifascista Giacomo Matteotti se revela um elemento importante na trajetória de vida de Attilio no movimento antifascista. A pesquisa abre uma série de outras possibilidades de pesquisas, como a análise da rede de sociabilidade entre seus fundadores e membros, a articulação deste grupo com movimentos nacionais antifascistas, a forte presença de membros vinculados à maçonaria local e a existência do boletim *Liberdade*, editado pelo grupo entre 1927 e 1929.

Partindo para os aspectos teóricos e metodológicos, os estudos de trajetórias de vida e de biografias são instrumentos que, submetidos ao trabalho do historiador, tornam-se métodos interessantes para compreender o indivíduo em sua temporalidade e contexto, na medida em que se problematiza o percurso da sua vida. A reconstrução de uma trajetória pode auxiliar a enxergar com maior clareza diversos conceitos aplicados na historiografia das imigrações — entre elas, a noção de redes de sociabilidade.

Compreendendo que nenhum indivíduo é excepcional, a trajetória de vida deverá ser analisada juntamente com outros sujeitos que atuavam de forma similar ao biografado. Ao identificar as similaridades entre eles é que as diferenças e singularidades do indivíduo estudado podem se manifestar (KARSBURG, 2015). Ademais, o trabalho do historiador deve considerar, na análise de um indivíduo, o

contexto em que está inserido, realizando as análises necessárias de forma a encontrar caminhos que perpassam o biografado e o seu contexto. Benito Schmidt (2014) trata o tema da biografia neste sentido, abordando o entrelace das vivências individuais e seu contexto, em um movimento de constante diálogo.

José D'Assunção Barros, ao analisar o tema da Micro-História, propõe uma abordagem aderente à utilização da trajetória de vida como um elemento capaz de derivar compreensões mais amplas em pesquisas, no âmbito das histórias sociais. A micro-história, ao reduzir a escala de observação para pesquisar aspectos que em um olhar macro podem passar despercebidos, não busca só a análise do objeto, mas do que através do objeto de estudo pode ser analisado de forma mais ampla em um contexto social. Esta análise, que pode ser a trajetória de um indivíduo ou qualquer outro elemento que o pesquisador entenda relevante compreender em relação a questões sociais de caráter mais amplo, pode revelar caminhos de importante relevância na pesquisa histórica (BARROS, 2007). Nestes termos, a aplicação da metodologia da micro-história se revelou aderente ao estudo aqui proposto, de elaboração de análises a partir das fontes disponíveis, em um movimento que transita entre a macro e a micro abordagem.

A fim de compreender a trajetória de vida de Attilio, foi necessário o uso do maior número de fontes disponíveis. Na pesquisa se utilizou o paradigma indiciário de Carlo Ginzburg, por não haver um conjunto de documentos já estruturados, mas sim, fragmentos espalhados em acervos do Brasil e da Itália. A intenção com esse método foi recompor tais fragmentos de documentação, juntá-los e construir uma representação de sua trajetória. Este paradigma foca nas pistas, nos indícios, em fontes documentais oficiais, mas abarcam também as fontes secundárias e aquelas que, por vezes, aparecem de forma involuntária durante a pesquisa e que dependem, em grande medida, da intuição do pesquisador para identificá-las e interpretá-las (GINZBURG, 1989).

Um outro elemento importante foi a utilização da metodologia da história oral, que exerceu um papel fundamental na pesquisa, considerando que parte significativa da trajetória de vida de Attilio consta da memória de descendentes que, já na segunda geração, registram memórias de terceiros. Ganhou destaque na metodologia o elemento humano no trato do pesquisador com o entrevistado, estabelecendo relações entre ambos, a fim de criar um vínculo favorável para o fluxo das memórias (PORTTELLI, 1997).

A partir da elaboração de um projeto prévio e de um levantamento de informações antecipadamente à entrevista, foi possível conduzir o fluxo de “memórias” do entrevistado, sopesando com bases documentais, a fim de construir um relato mais próximo possível à realidade. As entrevistas foram realizadas com netos de Attilio e também com pessoas que auxiliaram na formação do contexto histórico de Attilio frente à administração da *comune* de Voltido.

Quanto à abordagem das fontes de imprensa e documentos escritos, a metodologia utilizada foi a da análise textual discursiva de Roque Moraes. Preliminarmente, o processo passou por um momento de leitura flutuante, com a identificação de temas relacionados ao fascismo, antifascismo, trajetória de Attilio na Itália e no Brasil, e o Grupo Antifascista Giacomo Matteotti. Em sequência, o conteúdo analisado foi organizado em unidades mínimas de análise por temas e conceitos principais identificados na leitura inicial, seguido por uma categorização de análise de modo a segmentar e reunir o material e, por fim, a realização do tratamento dos resultados, com elaboração de sínteses a partir da categorização do material (MORAES, 2007).

A base bibliográfica de suporte parte do entendimento do fenômeno do fascismo e sua contraparte, o antifascismo, utilizando os estudos de Federico Finchelstein em obras como “Do fascismo ao populismo na história” (2020) e “Uma breve história das mentiras fascistas” (2020). O autor tem se destacado nos últimos anos como um pesquisador que retoma o tema do fascismo e dialoga com eventos ocorridos na contemporaneidade. Em uma linha historiográfica mais tradicional, o trabalho de Marco Palla, “A Itália Fascista” (1996), também forneceu suporte para a pesquisa, assim como a análise de texto original de Benito Mussolini em “*Fascismo*” (2017). Outro autor importante para o estudo do fascismo italiano é o pesquisador Emilio Gentile, de cujo conjunto da obra, podemos citar “*Fascismo: storia e interpretazione*” (2005).

Quanto ao estudo da imigração no Rio Grande do Sul, o trabalho de Núncia Constantino é uma referência na historiografia. Sua tese de doutorado, “O italiano da esquina” (1991), inova ao estudar os grupos de italianos que se estabelecem na cidade, demonstrando a diversidade desses grupos, assim como a sua atuação em atividades qualificadas, diferente da natureza da atividade rural. Já a pesquisadora Rosemary Fitsch Brum, em sua tese de doutorado, “Uma cidade que se conta. Imigrantes italianos e narrativas no espaço social da cidade de Porto Alegre 1920-

1937” (2003), aborda a organização de diversas coletividades de italianos na cidade, analisa a sua representação na imprensa, e também as formas de organização e utilização do espaço social por esses grupos de imigrantes. Em seu trabalho, a pesquisadora indica caminhos a percorrer para o estudo do Grupo antifascista Giacomo Matteotti em Porto Alegre.

Sobre a imigração italiana nas áreas urbanas, especialmente no que trata do trabalho qualificado, do empreendedorismo étnico e do associativismo, é importante citar a produção científica de Antonio de Ruggiero, com foco no transnacionalismo. Entre suas obras, destaca-se “Os italianos nos contextos urbanos do Rio Grande do Sul: perspectivas de pesquisa” (2015), que analisa o fenômeno da imigração a partir da experiência de alguns indivíduos, e a constituição de redes pela inserção profissional.

Maíra Vendrame compõe também um grupo de pesquisadores que baseiam suas análises a partir de novos caminhos, utilizando a micro-história para pensar sobre as redes de sociabilidade entre os imigrantes italianos. Entre suas obras estão: “O poder na aldeia: redes sociais e práticas de justiça na ex-colônia de Silveira Martins: 1881-1900” (2014).

Em uma perspectiva política, torna-se relevante a obra de Edilene Toledo que, ao propor analisar o sindicalismo revolucionário, sua formação e sua relação com outras correntes políticas, realiza uma análise da trajetória político-sindical de três importantes líderes sindicais de origem italiana, na obra “Travessias Revolucionárias: ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)” (2004).

Os trabalhos de Maíra Vendrame e Edilene Toledo constituem-se em importantes estudos que trabalham a construção histórica com a perspectiva da trajetória de vida, sendo exemplos de aplicação de uma metodologia eficiente para a construção de análises historiográficas. O uso da trajetória de vida constitui-se como uma linha condutora de possibilidades interpretativas de diversos fenômenos ocorridos através do tempo.

Para a compreensão do antifascismo e da imigração italiana, os estudos do pesquisador Angelo Trento possuem grande relevância historiográfica, seja pela sua grande produção na área da imigração e imprensa italiana no Brasil, seja pelo fato de ser um pesquisador que realiza uma importante abordagem sobre o antifascismo em sua obra. Na sua produção destacam-se as obras “Imprensa italiana no Brasil: séculos

XIX e XX” (2013) e “Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil” (1988).

Outro autor referência no tema é o pesquisador João Fábio Bertonha, que desenvolve ampla pesquisa sobre o fascismo e antifascismo no Brasil. De sua autoria, são obras relevantes: “Fascismo e antifascismo italianos: Ensaio” (2017); “Fascismo, antifascismo e as comunidades italiano no exterior: guia bibliográfico” (2017); e “Sob a sombra de Mussolini: os italianos de São Paulo e a luta contra o fascismo, 1919-1945” (1999).

Estudos realizados também pelo pesquisador Rene Gertz, na obra “O fascismo no sul do Brasil” (1987), contribuem para contextualizar a temática na região sul do Brasil, onde Attilio estabeleceu sua rede de sociabilidade, fazendo oposição ao regime de Mussolini. Outra obra recente é a da pesquisadora Loraine Slomp Girom, intitulada “As sombras do Littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul” (2017) que, mais voltada à região de imigração italiana na serra gaúcha, traz em seu trabalho consistente análise sobre o fascismo no Rio Grande do Sul.

A organização da pesquisa iniciou-se a partir de memórias familiares expressas em depoimentos de netos de Attilio. A utilização da história oral nesta etapa foi ponto fundamental no que diz respeito ao levantamento de indícios e trilhas de pesquisa. Essa memória fragmentada, por vezes idealizada, teve como principal função apresentar o marco inicial de desenvolvimento da estrutura deste trabalho. Fundamentalmente, os depoimentos de Norma Superti e Gileza Superti, netas de Attilio, deram as bases para o início da pesquisa e, posteriormente, entrevistas na Itália com Giorgio Borghetti e Luigina Superti também auxiliaram na construção da memória histórica de Attilio.

Ainda no âmbito familiar, foram utilizadas diversas fontes documentais de acervos privados de familiares de Attilio. Acervos fotográficos e documentais se constituíram como fontes de pesquisa, como registros civis, certidões (emitidas na Itália), documentação preparatória para a saída da Itália, cópia xerográfica do passaporte da família, entre outros. Tais documentos, posteriormente ponderados em conjunto com outras fontes, auxiliaram tanto na construção do cenário de Porto Alegre quanto no período anterior à viagem para o Brasil.

Em sequência, foi desenvolvido um levantamento bibliográfico em sites e portais da internet, utilizando palavras-chave como “Superti”, “antifascismo”, “Matteotti”, “Porto Alegre”, “Voltido”, “Cremona”, entre outras. A ferramenta da internet

cumpriu um papel destacado, pois o período dos anos 1920 já possui um número expressivo de fontes documentais públicas e privadas disponíveis. Os arquivos que apresentavam fontes para a pesquisa foram baixados pelo pesquisador, dentro dos critérios estabelecidos por cada site.

Em evidência, foram utilizadas as bases online do Arquivo Nacional, da Biblioteca Digital do Arquivo Nacional, o site Antenati (base de dados de registros civis italianos), o acervo online da Fundação Getúlio Vargas, o acervo online do Núcleo de Pesquisas Históricas da UFRGS, o acervo do Museu da Imigração do Estado de São Paulo e o Arquivo Edgard Leuenroth da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Foram realizadas também pesquisas online nos acervos do jornal italiano *Corriere della Sera* e do jornal *Avanti*.

Na Itália, para além da base de dados online de registros civis, foram realizadas pesquisas *in loco* junto ao acervo do *Archivio di Stato di Cremona*, onde foi possível ter acesso a dados de registro civil e militares de Attilio. Também nesse arquivo, foi possível realizar consulta aos periódicos regionais de Cremona, *L'Eco dei Comunisti* e *L'Eco del Popolo*, referências regionais de imprensa de esquerda. Já na base do arquivo da *comune* de Voltido, foi possível acessar, além de dados civis, o conjunto das atas das reuniões do *Consiglio Comunale* de Voltido de 1920-1921, período em que Attilio foi *sindaco*.

Ainda quanto ao contexto histórico italiano, em evidência para a região de Cremona, foram utilizadas as publicações de pesquisadores como Giuseppe Azzoni, “*Cremona Rossa*” (2011) e “*Comuni, sindaci e società nella Cremona del '900*” (2008); de Pierluigi Rotelli, “*Lo scontro tra fascismo e movimento contadino e operaio nel cremonese*” (2022); e de Marcello Zani “*Cremona 1922-1945, Storie di Sovversive*” (2024).

Com relação ao Grupo Antifascista Giacomo Matteotti, as pesquisas foram realizadas em bases documentais relacionadas ao jornal *Correio do Povo* e *A Federação*, com datas referenciais entre 1926 e 1930 (série histórica com lacunas de exemplares). Outra fonte importante foi a base de dados do periódico antifascista *La Difesa*, editado em São Paulo, em edições de 1926 a 1930. Ademais, durante o processo de pesquisa foram localizados três periódicos publicados pelo Grupo Antifascista Giacomo Matteotti, intitulado *Liberdade*.

Após esta breve apresentação de questões relacionadas à construção da pesquisa, aspectos teóricos e metodológicos e abordagem de fontes, a estrutura da

dissertação foi organizada em três capítulos. O primeiro trabalha todo o período da pesquisa relacionado à Itália. Aborda aspectos do fascismo, analisa o contexto social da região de Cremona e traz as primeiras informações relativas à vida de Attilio Superti. Discorre sobre as tensões no campo, a ascensão do fascismo e o contexto de eleição de Attilio para *sindaco* de Voltido. Trabalha o período da administração municipal e suas principais iniciativas, as tensões locais e a preparação de Attilio para a fuga ao Brasil. No segundo capítulo, é abordado o contexto da chegada da família Superti ao Brasil. O cenário social e político de Porto Alegre, aspectos do processo migratório e linhas gerais a respeito do antifascismo no Brasil. Em sequência, o terceiro capítulo aborda a criação do Grupo Antifascista Giacomo Matteotti, suas interações sociais, as aproximações com a maçonaria local e as relações com o movimento antifascista nacional e europeu.

Por fim, para além da documentação utilizada e citada no transcorrer da narrativa, nesta pesquisa optou-se por registrar, em seu anexo, um conjunto de prints fotográficos de documentos pessoais, recortes de jornal, documentação oficial da *comune* de Voltido, fotografias, entre outros. O aspecto visual das fontes contribuiu para a composição do cenário desta pesquisa.

2 ITÁLIA

2.1 FAMÍLIA SUPERTI E CONTEXTO NO CREMONESE

A memória dos descendentes de Luigi Attilio Superti foi o ponto de partida para os primeiros levantamentos de sua trajetória de vida. Os questionamentos sobre a sua origem na Itália, a fuga para o longínquo Brasil, a sua militância política, os episódios de sua vida em Porto Alegre, entre tantas outras possíveis perguntas que perpassam o universo de um investigador, iluminaram a pesquisa com os depoimentos de duas netas de Attilio: Norma Superti e Gileza Superti⁶.

A utilização de depoimentos na busca pela construção da trajetória de Attilio Superti cumpriu um importante papel no levantamento das primeiras informações, pistas e fragmentos de memórias que possuem o condão de auxiliar na compreensão do contexto de vida desse indivíduo. Relevante neste tema foi a abordagem de Alessandro Portelli que, ao discorrer sobre a importância do tema do indivíduo na pesquisa histórica, assim analisa:

O respeito pelo valor e pela importância de cada indivíduo é, portanto, uma das primeiras lições de ética sobre a experiência com o trabalho de campo da História Oral. Não são exclusivamente os santos, os heróis, os tiranos — ou as vítimas, os transgressores, os artistas — que produzem impacto. Cada pessoa é um amalgama de grande número de histórias *em potencial*, de possibilidades imaginadas e não escolhidas, de perigos iminentes, contornados e por pouco evitados. Como historiadores orais, nossa arte de ouvir baseia-se na consciência de que praticamente todas as pessoas com quem conversamos enriquecem nossa experiência. Cada um de meus entrevistados — talvez quinhentos —, e na afirmação que se segue não há nenhum clichê, representou uma surpresa e uma experiência de aprendizado. Cada entrevista é importante, por ser *diferente* de todas as outras (PORTELLI, 1997, p. 17).

A partir dos depoimentos, foi possível traçar um primeiro cenário quanto à vida de Attilio no período italiano e ao estabelecimento de sua família no Brasil. Em linhas

⁶ Uma terceira neta de Attilio Superti, Nelia Rosalina Passuelo de Oliveira, também contribuiu para a montagem do cenário de memória familiar de Attilio. Entretanto, quando da entrevista com Nélia, a conversa foi conduzida por um caminho informal, não sendo registrados vídeo ou áudio. Assim, não havendo registro documental formal nesta pesquisa, é de se considerar que as informações desta conversa com Nelia foram muito semelhantes aos depoimentos de Norma e Gileza, estes sim, registrados em áudio e vídeo.

gerais, a memória familiar registra que o italiano Attilio Superti viveu em Voltido com a sua família, trabalhava no campo e participava de atividades políticas em sua *comune*, sendo que em um determinado período histórico foi eleito *sindaco* de Voltido. Em decorrência deste envolvimento e das tensões sociais e políticas do período, fugiu para o Brasil com a sua esposa Annunciata Bottini e os filhos Carlo, Tranquillo, Giuseppina e Giordano⁷.

Attilio chegou ao Brasil na cidade do Rio de Janeiro em 1922 e, logo depois, se estabeleceu na cidade de Porto Alegre. Na capital do Rio Grande do Sul, instalou um pequeno negócio de hospedagem na região da rua Voluntários da Pátria, centro da cidade, mas o empreendimento não prosperou a contento. Em um novo deslocamento, a família adquiriu uma área de terra na região da Vila Nova — área rural da cidade — e ali se estabeleceram definitivamente, empreendendo no ramo da agricultura.

Com base nesse roteiro inicial, foram pesquisadas as fontes de registros civis do *Archivio di Stato di Cremona* e do site Antenati (que trabalha também com dados do *Archivio di Stato di Cremona*), além de documentos dos acervos particulares das netas de Attilio Superti. Sopesando as informações dos depoimentos com a pesquisa documental realizada, foi possível traçar um cenário mais claro desse espectro familiar, que confirma em grande medida os depoimentos familiares, associados às informações contidas em fontes históricas disponíveis.

Neste ponto, retomo o tema relativo ao estudo de trajetórias, no sentido de reforçar a importância deste campo do estudo da história, que se encontra em sintonia com a análise realizada nesta dissertação. A construção da trajetória de vida de um indivíduo em seu tempo e espaço, e em sua singularidade. O tema é assim abordado por Alexandre Karsburg:

[...] biografia e o estudo de trajetórias têm por parâmetros dois pontos que, antes de se oporem, vejo como complementares: o primeiro é investigar o lugar do indivíduo no mundo, restituí-lo ao seu tempo histórico para perceber que recursos estão ao alcance e como são utilizados para minimizar as incertezas da vida; como resultado desta observação do historiador se chega ao segundo ponto: “todo indivíduo só vale por aquilo que o singulariza”. Mas como chegar às singularidades de um indivíduo? Uma das saídas é confrontar

⁷ Durante pesquisa realizada nos atos de nascimento do *Archivio di Stato de Cremona*, foi localizado o nascimento de um quinto filho de Luigi Superti e Annunciata Bottini em junho de 1903, registrado como Superti Giuseppe Tranquillo Giovanni. Em dezembro do mesmo ano foi registrado o ato de seu falecimento.

sistematicamente nosso sujeito ao grupo que era semelhante a ele. Para isso, a análise detalhada das fontes é imprescindível, fontes que prezem pela qualidade, e não tanto pela quantidade. A leitura atenta, lenta, por vezes nas “margens” do documento, pode revelar pormenores negligenciados pela historiografia, levando-nos a novas pistas e constatações. Com isso, mais próximo chegaremos das particularidades que diferenciavam o sujeito do grupo a que pertencia ou se assemelhava (KARSBURG, 2015, p. 32).

O sobrenome Superti é de origem lombarda, com a maior concentração de indivíduos na província de Cremona. Em consulta à base de dados do *Archivio di Stato di Cremona*, foi possível identificar um conjunto 1.820 registros entre nascimentos e mortes com o sobrenome Superti, entre 1883-1941, em sua grande maioria nas cidades de Cremona, Castelverde, Gadesco-Pieve Delomna, Pozzaglio ed Uniti, Vescovato, Sospiro, Voltido, entre outras. Há registros também do sobrenome Superti na Sicília, no final do século XIX.



Figura 1 – Família Superti. Da esquerda para a direita, primeira linha, Giuseppina e Giordano; segunda, Annunciata e Attilio; terceira, Carlo e Tranquillo. Fonte: Fotografia original. Acervo pessoal.

Luigi Superti⁸ nasceu na cidade de Ca' d'Andrea, Itália, região da Lombardia, província de Cremona⁹, em primeiro de junho de 1874, filho de Sempliciano Superti e Luigia Pedrini, conforme consignado no item número 20 do livro de registro de nascimento de Ca' d'Andrea. Este pequeno *paese* está localizado na ampla região denominada Vale do Pó (amplo entorno do rio Pó), área de tradição eminentemente agrícola. No contexto e no entorno onde se desenvolvem os fatos narrados nesta dissertação, também estão as localidades de Voltido, Recorfano, Piadena, Bozzolo, San Giovanni in Croce, entre outras pequenas localidades que serão mencionadas ao longo da trajetória de Attilio. Ca' d'Andrea, conforme os dados disponibilizados pelo *Istituto Nazionale di Statistica da Itália*, manteve uma média de 1.500 habitantes no período de 1861-1971, declinando para 480 habitantes em 2011. Em mesmo sentido, Voltido manteve uma média de 1.000 habitantes no período de 1861-1971, declinando para 405 habitantes em 2011¹⁰.

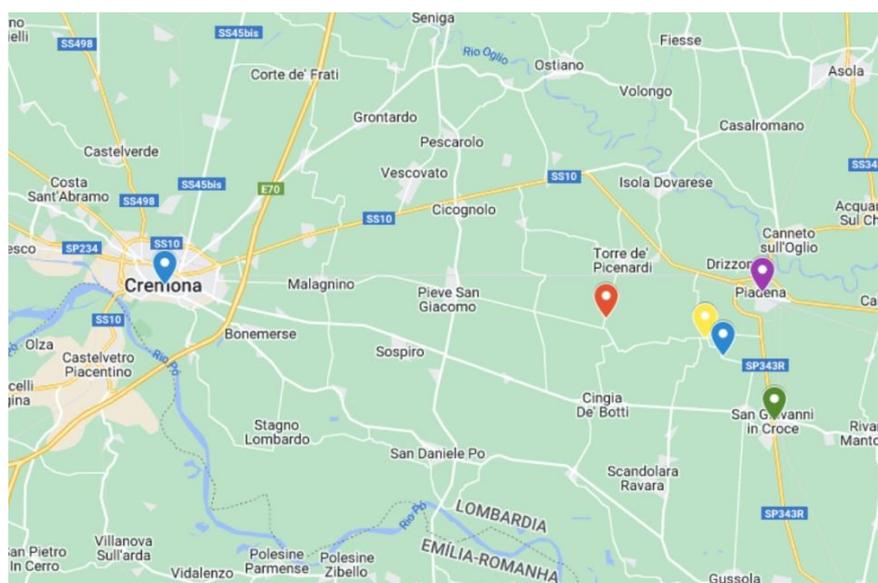


Figura 2 – Em amarelo Voltido, azul Recorfano, roxo Piadena, verde San Giovanni in Croce, vermelho Ca' d'Andrea. Fonte: Print de tela. Google Maps. Acesso em: 20/05/2024.

⁸ Luigi Superti, nome de nascimento constante do livro de registro de Ca'd'Andrea, Cremona, Itália. Durante a pesquisa, foram identificadas outras denominações para o seu nome. Attilio aparece posteriormente em documentos do período em que foi *sindaco* de Voltido. Também no Brasil, há variações de grafia. No decorrer da pesquisa, foi possível identificar as seguintes grafias: Luigi Superti, Luigi Attilio Superti, Attilio Superti, Luiz Superti, Atílio Superti. Aparece ainda o nome Atílio Supertti, utilizando de forma duplicada a letra "t" do sobrenome, no processo administrativo da Câmara Municipal de Porto Alegre que outorgou, em 1952, por proposição do Vereador Roberto Landell de Moura, a denominação da rua "Attilio Supertti" em sua homenagem.

⁹ Quando em referência à província de Cremona, antecede o termo "província". Quando referente à cidade de Cremona, será utilizado apenas o termo Cremona.

¹⁰ Disponível em: <<https://esploradati.censimentopopolazione.istat.it/databrowser/#/it/censtest/dashboards>>. Acesso em: 20 maio 2024.

Observando o aspecto regional, a província de Cremona possuía, de acordo com o censo de 1921, cerca de 172.069 habitantes — com idade superior a 10 anos — e destes, 60,2% trabalhavam no ramo agrícola. No percentual do ramo agrícola, cerca de 70% eram de *contadini e bifolchi*¹¹, 13% de *fittabili*¹² e 11% de *agricoltori*. No campo, os camponeses se estabeleciam, em sua grande maioria, nas áreas dos proprietários de terras, habitando ambientes semicoletivos denominados *cascina* (ROTELLI, 2022, p. 9).

A *cascina*, característica de áreas agrícolas em diversas regiões da Itália, se constituía como uma grande estrutura, geralmente quadrangular, fixada no centro de uma área agrícola onde se encontravam estruturas de trabalho, como celeiros, silos, ferraria, fontes, fornos e, também, estruturas para moradia dos *contadini*. Em geral, a designação do nome da *cascina* estava relacionada ao nome do proprietário rural e as estruturas poderiam variar de tamanho, dependendo do tipo de produção e do tamanho da área da propriedade rural.

Nesse local se organizava e se desenvolvia a ampla gama de trabalhos diretamente relacionados à produção agrícola, todos baseados no trabalho braçal dos *contadini*, contando também com o auxílio de animais. Particularmente para as mulheres, a vida era bastante difícil na *cascina*, com o acúmulo de funções como o cuidado dos filhos, a limpeza do local, a busca por água, a preparação de fogo para cozinhar, entre muitos outros afazeres (AZZONI, 2011).

A *cascina* não era o único local de vida e trabalho dos *contadini*, mas certamente é a estrutura que melhor retrata o ambiente de trabalho no *novecento*. Não há registro de Attilio ou de membros da sua família terem vivenciado a experiência da *cascina*, pois os registros históricos constataam que a família Superti possuía uma casa na área de Recorfano, fração de Voltido, conforme consta na cédula de identidade de Attilio, pertencente ao arquivo da *comune* de Voltido. Ademais, a verificação de endereço da família é confirmada pela existência de uma apólice de seguro de Attilio, feita próximo da partida de Voltido para o Brasil, onde constam objetos particulares e a casa de Recorfano. Embora sem relação direta com a vida de Attilio, a descrição da *cascina* possui relevância na representação do contexto onde ele estava inserido.

¹¹ Trabalhadores assalariados que lidam com gado.

¹² Trabalhadores que alugam terras.

Ainda no cenário italiano, o suporte do audiovisual na pesquisa histórica possibilita ampliar a compreensão do objeto de estudo. É o caso do filme *novecento* do cineasta Bernardo Bertolucci, de 1976¹³. O filme apresenta a história de um menino, filho de *contadini*, e sua relação com outro menino, filho de proprietários de terras, e as suas interações ao longo do contexto italiano no *novecento*. O roteiro principia no início do século XX, perpassando toda a questão social e política da Itália até o final da Segunda Guerra Mundial. Portanto, retrata as tensões entre *contadini* e *agricoltori*, a ascensão do Partido Socialista Italiano no campo, a reação dos proprietários de terras, o surgimento do fascismo e a luta *partigiani* de liberação da Itália do nazifascismo.

É importante destacar que, nas palavras de José D'Assunção Barros:

[...] Cinema — incluindo todo o imenso conjunto das obras cinematográficas que já foram produzidas e também as práticas e discursos que sobre elas se estabelecem — pode ser considerado nos dias de hoje uma fonte primordial e inesgotável para o trabalho historiográfico. A partir de uma fonte fílmica, e a partir da análise dos discursos e práticas cinematográficas relacionados aos diversos contextos contemporâneos, os historiadores podem apreender de uma nova perspectiva a própria história do século XX e da contemporaneidade (BARROS, 2014, p. 19).

Complementa o historiador:

Cinema e História, enfim, estão destinados a uma parceria que envolve intermináveis possibilidades. O Cinema enquanto 'forma de expressão' será sempre uma riquíssima fonte para compreender a realidade que o produz, e neste sentido um campo promissor para a História, aqui considerada enquanto área de conhecimento. Como 'meio de representação', abre para esta mesma História possibilidades de apresentar de novas maneiras o discurso e o trabalho dos historiadores, para muito além da tradicional modalidade da literatura que se apresenta sob a forma de livro (BARROS, 2014, p. 38).

Adentrando pelo debate relacionado à utilização do cinema como fonte e representação histórica, o roteiro de *novecento* retrata o exato momento histórico em que Attilio Superti está inserido. Ademais, partes significativas das locações que o cineasta Bertolucci definiu para o seu filme são estabelecidas na região do Vale do

¹³ Disponível em: <<https://bernardobertolucci.org/film/novecento/>>. Acesso em: 20 maio 2024.

Pó, também ambiente por onde perpassa o contexto histórico desta pesquisa. E dada a similitude da ambientação do filme com o contexto de Attilio, não surpreende o fato de uma das cenas mais importantes do filme, o baile na *cascina di Bellingeri*, ter ocorrido em uma locação exatamente na cidade de Voltido, onde Attilio viveu e foi *sindaco*.



Figura 3 – Cena do filme *novecento*. Baile na *cascina di Bellingeri*, em Voltido. Fonte: Print de tela. <<https://www.looke.com.br/History/Play?m=43313>>. Acesso em: 24/05/2024.

O filme de Bertolucci, então, cumpre um duplo sentido: é possível utilizá-lo na perspectiva de fonte histórica, a partir do filme em si, a exemplo da utilização da *Cascina di Bellengieri* como locação, e também através da representação cinematográfica, construindo um ambiente muito próximo ao vivido naquele momento histórico. A possibilidade desta representação contribuiu para uma compreensão mais vívida do objeto de estudo.

As fontes de pesquisa sobre a vida de Attilio, no período que compreende o início da sua vida adulta até o momento de sua eleição como *sindaco* de Voltido em 1920, são escassas e fragmentadas. Entretanto, a partir do acesso a sua documentação relacionada ao serviço militar obrigatório, é possível criar caminhos possíveis para a construção de sua trajetória. Em consulta ao *Ruolo Degli Inscritti*

*Della Suddetta Classe e Categoria do Distretto Militare di Cremona, Classe 1874*¹⁴, foi possível identificar um conjunto de dados civis de Attilio, consignados nessa ficha militar (incluindo o registro de Attilio na *Lista di Leva*¹⁵). Estes dados de recrutamento militar, comparados a outros documentos de Attilio, auxiliaram na confirmação de datas e outros elementos comprobatórios de sua trajetória. Assim, partindo de pequenos fragmentos, parece possível chegar a algumas aproximações, ponderando fontes documentais e depoimentos.

Um primeiro termo importante que merece uma abordagem específica é a nomenclatura profissional constante do registro militar de Attilio, em que consta a palavra *contadino* como designação de sua profissão. Como será destacado ao longo da pesquisa, essa terminologia auxilia em muito a compreender o universo no qual Attilio estava inserido, e todas as decorrências dela apresentadas. *Contadino* é o termo utilizado para o trabalhador do campo não proprietário de terras, em estreita síntese. Não adentrando na etimologia da palavra — que remete ao período da idade média, relacionado a todo aquele que vem do campo — é possível afirmar que Attilio Superti estava inserido no contexto dos *contadini* italianos.

Essa distinção é importante, pois ao analisar o depoimento das netas de Attilio, a pesquisa poderia percorrer um outro caminho, na medida em que, nos depoimentos, há uma clara demarcação sobre o fato de a família ter vindo para o Brasil “com dinheiro”. Neste diapasão, poderia Attilio ser um *agricoltore*? *Agricoltore* no sentido de ser um proprietário de terras e, portanto, ter um status financeiro e social mais elevado? Este registro (que perpassou os depoimentos das netas Norma e Gileza) também teria como pano de fundo buscar diferenciar a fuga de Attilio para o Brasil da grande leva migratória italiana do final do século XIX para este país, em uma formulação que procura definir um imigrante com melhor situação econômica em comparação aos imigrantes do primeiro movimento migratório no Rio Grande do Sul (OLIVEIRA, 2019). Posteriormente, outros documentos de Attilio confirmaram a utilização do termo *contadino*, como nos registros de seu casamento e de seu passaporte.

¹⁴ O *ruolo matricolare* é o registro militar daqueles convocados na *lista di leva* que efetivamente prestaram algum tipo de serviço militar.

¹⁵ Lista de convocação para prestar o serviço militar.

2.2 CONTEXTO ITALIANO E O SURGIMENTO DO FASCISMO

Na condição de *contadino*, Attilio foi contemporâneo de um dos episódios de maior repercussão para a história da Itália no século XX — o denominado período do *biennio rosso* — que, com algumas variações de datas na historiografia, compreende o período final de 1918 até meados de 1921. Nesse período, a Itália vivenciou: (1) o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918)¹⁶ e suas consequências políticas e econômicas para o país; (2) o aumento das agitações nos campos e nas fábricas pelo avanço do Partido Socialista Italiano e a influência da Revolução Russa; por fim, em contraponto, (3) a gestação e desenvolvimento do fascismo e o consequente aumento da violência política no país.

Ao término da Primeira Guerra Mundial, a Itália sofria com uma forte depressão econômica decorrente do esforço de sustentação da guerra, situação que impulsionou grandes dificuldades no setor produtivo, inflação e o aumento da dívida externa. O retorno dos soldados que combateram nas trincheiras e entraram em contato com outros militares e populações em precária situação social trouxe um ambiente de forte tensão social, com a tomada de consciência de sua situação de classe em busca de direitos. Os ex-combatentes, em parte, tensionavam pelo universo da política; outros através de movimentos sociais; e outros através de movimentações de características violentas, pré-fascistas (TRENTO, 1986).

Conforme explicita Robert Paris,

O último ano de guerra fora conduzido à custa de promessas e de ilusões: a terra para os camponeses, solução da questão meridional, ampliação da democracia, lugar para os antigos combatentes etc. [...] Mas as vitórias da Piave (junho de 1918) e de Vittorio Veneto (3 de novembro), assim como o preço da guerra: 600.000 mortos, 500.000 mutilados, fizeram com que se esperassem “justas compensações”. A Conferência de Paris, longe de cumprir as promessas do Pacto de Londres, rejeitou a maior parte das reivindicações italianas, em particular: Trieste. O mito da “vitória mutilada”, de uma gravidade extrema, tentou justificar esta situação: a Itália manifestava-se mais uma vez como a “grande proletária”, alvo para as conspirações do “imperialismo estrangeiro” e das “plutocracias” (PARIS, 1993, p. 60).

¹⁶ Quanto ao Período da Primeira Guerra Mundial, o registro militar de Attilio Superti consigna que ele foi convocado para a mobilização militar italiana em maio de 1915, já com 41 anos. Consta no registro que foi dispensado.

O mito da “vitória mutilada” reflete o ambiente social italiano após a Primeira Guerra Mundial, ampliando as inconformidades de ex-combatentes e parcelas da população que apoiaram a entrada da Itália na guerra. As pretensões italianas que, de alguma maneira, justificaram as ações internas de apoio ao movimento armado, não foram atendidas, gerando um grande sentimento de frustração e revolta contra o Estado italiano, culpado pelo fracasso das negociações no pós-guerra e pela crise social e econômica.

O contexto de chegada dos soldados desmobilizados na região de Cremona, cenário da trajetória de vida de Attilio, não era animador, pois a maior parte dos que retornaram não conseguiram retomar os mesmos postos de trabalho na *cascina*. Em janeiro de 1919, deu-se a entrada de um grande número de soldados, em particular de classes mais antigas, com homens chegando à idade de 45 anos, habituados à violência de anos nas trincheiras. Associado a isso, dada a depressão econômica e as tensões sociais, os salários eram muito inferiores ao do período que antecedeu a guerra. Os menos afortunados tiveram como destino o desemprego e a fome (ROTELLI, 2022, p. 16).

O tema do Fiume também auxiliou na construção desse imaginário patriótico e de descontentamento dos ex-combatentes. Em setembro de 1919, após vários episódios de tensionamento, uma coluna de legionários capitaneados pelo poeta Gabriele D’Annunzio, apoiado por ex-combatentes, fascistas, e contando com a cumplicidade de militares, invadiram o Fiume, cidade na região da antiga Iugoslávia, reivindicando-a para a Itália.

O pesquisador português Carlos Martins assim aborda a experiência do Fiume:

[...] D’Annunzio partiu de Ronchi, a 11 de setembro de 1919, acompanhado por antigos soldados, com o intuito de ocupar a cidade adriática de Fiume, um dos locais mais reivindicados pelos irredentistas. Tendo sido bem-sucedido no seu empreendimento, o poeta liderou Fiume como uma cidade-estado autónoma durante cerca de quinze meses. Os discursos do carismático D’Annunzio perante as massas e gestos histriónicos que utilizava, os rituais, os uniformes, os símbolos e as liturgias empregados pelos legionários de Fiume, o uso da suadação romana, os cânticos em que se exaltava a juventude e o nacionalismo [...] todos estes elementos viriam a ser parte integrante das práticas fascistas e seriam adotadas pelo próprio Mussolini algum tempo depois [...] (MARTINS, 2022, p. 48).

Fiume estava sob o controle franco-britânico antes da invasão de D'Annunzio e, após diversas negociações na Liga das Nações, os estados italiano e iugoslavo acordaram por transformar Fiume em um estado livre, após firmado o Tratado de Rapallo de novembro de 1920. A fim de cumprir o acordo, tropas do exército regular da Itália atacaram os homens de D'Annunzio, obrigando-o a abandonar a região (PARIS, 1993, p. 70-72).

O episódio do Fiume é bastante representativo do quadro político italiano. Por um lado, o governo italiano negociava, por caminhos diplomáticos com a Liga da Nações, uma solução para o território do Fiume. Por outro, D'Annunzio, um poeta italiano de grande popularidade no país, conduzia uma tropa de ex-combatentes, sindicalistas revolucionários, nacionalistas, impregnados de um sentimento de reparação de guerra, a fim de anexar o território de Fiume à Itália. O confuso cenário obrigou o governo italiano, buscando manter a decisão do Tratado de Rapallo, a atacar italianos, já sitiados em Fiume, situação que foi bastante explorada na imprensa italiana.

Em paralelo, sob os auspícios da Revolução Bolchevique na Rússia, o Partido Socialista Italiano obteve uma expressiva vitória eleitoral no pleito de novembro de 1919, triplicando sua representação parlamentar e ampliando o denominado campo maximalista¹⁷ do partido. Esta foi a primeira eleição parlamentar italiana após a Primeira Guerra Mundial. Conforme analisa o historiador Angelo Trento:

O exemplo russo, a revolução na Hungria e a tentativa espartaquista de conquistar o poder na Alemanha levavam os maximalistas a acreditar que a burguesia — encarada no conjunto como um bloco reacionário sem distinções internas — estava condenada, e qualquer hipótese de colaboração com o governo era considerada uma traição. Na realidade, a liderança esperava quase messianicamente a revolução e nada fazia para prepará-la, deixando-se levar pelos movimentos sociais, ao invés de dirigi-los.

Além disto, como a maioria do grupo parlamentar e da liderança sindical era reformista, o PSI vivia paralisado, na ausência de rumos políticos. Os socialistas demonstravam, aliás, não compreender totalmente a complexidade das mudanças ocorridas e a potencialidade de forças novas, como os ex-combatentes, cuja principal organização — a Associação Nacional de Combatentes — exprimia confusas esperanças de justiça social, reunindo principalmente camadas da pequena burguesia. O PSI, que havia sido

¹⁷ Maximalistas, ala do Partido Socialista Italiano que pregava a aplicação de um programa máximo do socialismo, incluindo o processo revolucionário para a tomada do poder. Em contraponto aos Maximalistas, o grupo reformista do PSI entendia haver a necessidade de acordos e reformas do atual sistema até a chegada do socialismo.

contrário à guerra, mantinha-se totalmente intransigente a respeito de qualquer forma de patriotismo perdendo, assim, a simpatia dos grupos que se reforçavam no Centro e no Sul, onde a ação dos partidos de massa era mais fraca. Deixando-os à margem, o PSI deu fôlego às tendências mais extremadas de nacionalismo (TRENTO, 1996, p. 9-10).

De fato, a vitória dos socialistas na Itália ampliou os tensionamentos no campo e nas cidades, propiciando aos socialistas estabelecerem nos seus governos locais um conjunto de regras sobre o mercado de trabalho e a produção agrícola. No Vale do Pó, em 1920, os grandes produtores rurais que necessitavam de mão-de-obra para o plantio ou colheita tinham que dialogar com as agências de trabalho vinculadas aos socialistas. Essas agências também impunham aos produtores a contratação de trabalhadores por todo o ano, e não apenas no período de trabalho, o que agudizava as tensões.

Como Paxton observa, os produtores rurais — também atingidos pela crise econômica no pós-guerra — haviam realizado investimentos consideráveis na região que margeia o rio Pó, a fim de melhorar os plantios e a obtenção de resultados melhores em suas colheitas. Entretanto, não conseguindo obter rendimentos suficientes do campo diante das exigências dos trabalhadores e da incapacidade do governo em administrar a situação, os produtores rurais gradualmente se dirigiram ao incipiente movimento fascista, em busca de proteção e da solução para suas demandas (PAXTON, 2023, p. 118).

Apesar dos dilemas internos vivenciados pelos socialistas, as atividades de contestação também avançaram nas áreas urbanas e industrializadas, sendo reforçadas por um conjunto de movimentos grevistas, caracterizados pela historiografia como o período da “ocupação das fábricas”. Em 1920, diversos foram os eventos, em evidência a ocupação da fábrica da Fiat no mês de abril e da Alfa Romeo em agosto. Parte dessas ocupações não significaram a paralisação das fábricas, mas o real controle dos operários sobre o processo produtivo e de organização do trabalho. A partir de 1921, acordos entre os empresários, o governo e os grevistas puseram fim ao movimento, não deixando de ocorrer outras paralisações, em menor extensão, em movimentos isolados.¹⁸

¹⁸ Giovanni Giolitti, presidente do conselho de ministros da Itália no período de 1920-1921, no contexto das mobilizações operárias, apresentou projeto de lei para normatizar o controle operário sobre a produção nas fábricas, processo de discussão parlamentar que conduziu ao arrefecimento dos

O resultado desses movimentos de ocupações de fábricas também gerou uma aproximação do grande capital empresarial a milícias de ações violentas contra os trabalhadores, destacadamente ligados aos fascistas. Por outro lado, para os trabalhadores, mais uma vez, as divergências internas do PSI sobre a condução dos eventos direcionaram ao arrefecimento de uma possível ação revolucionária. Em grande medida, esse contexto produziu no Congresso do Partido Socialista em Livorno, em janeiro de 1921, a cisão de um grupo de socialistas maximalistas para fundar o Partido Comunista Italiano - PCI.

Do conjunto de eventos apresentados neste breve contexto do ambiente político e social da Itália, é razoável concluir que a sociedade italiana estava em profunda crise derivada dos efeitos econômicos e sociais do pós-guerra, com relevo para uma espécie de perda de controle do estado liberal italiano, incapaz de dar respostas às reivindicações dos militares desmobilizados, das demandas populares conduzidas pelo Partido Socialista e das necessidades de proprietários de terra e industriais em uma organização econômica capaz de potencializar os seus empreendimentos.

O desenvolvimento do fascismo tomou corpo, se apresentando como uma saída ao descontrole e incapacidade do governo italiano em resolver a crise econômica e, de outro, como força capaz de controlar e estancar o desenvolvimento dos socialistas, bem como as disputas no campo e na cidade. Numa conjuntura complexa, é possível demarcar alguns eventos importantes que ilustram a gênese do fascismo e sua articulação. Não se trata aqui de reportar todos os eventos desde a sua origem, mas o fundamental para a compreensão do fenômeno como um todo. O interesse desta pesquisa se concentra na ênfase de elementos que dialogam com o cenário onde Attilio Superti está inserido.

Em março de 1919, Benito Mussolini fundou o *Fasci Italiani di Combattimento*, em Milão, composto por um heterogêneo grupo de republicanos, sindicalistas revolucionários, nacionalistas, anarquistas, *Arditi*, militares, estudantes e membros de uma pequena burguesia, que nesse ato de fundação já sinalizavam uma linha violenta de ação política (TRENTO, 1996). Em abril de 1919, o ataque à sede do jornal socialista *Avanti* deu o contorno de violência nas ações do *fasci*. O episódio foi

movimentos reivindicatórios. Antonio Gramsci, em análise referente aos debates parlamentares sobre o tema, sustenta a importância dos movimentos e da necessidade da organização dos conselhos de fábricas, como instrumentos dos trabalhadores. Para Gramsci, os conselhos de fábrica poderiam, numa estrutura nacionalizada, organizar o movimento operário na busca de autonomia e poder político (GRAMSCI, 2023, p. 46).

operacionalizado principalmente pelos *Arditi*, grupo paramilitar formado por ex-combatentes imbuídos de espírito patriótico e heroico de romantização da guerra. Originalmente, o termo *Arditi* denominava as tropas de assalto de elite do exército italiano na Primeira Guerra Mundial. Esse evento marcou os primeiros confrontos entre paramilitares fascistas e trabalhadores socialistas, que se desenvolveram com maior ênfase no período de 1919 até a tomada do poder por Benito Mussolini, no ano de 1922.

A partir de outros eventos no ano de 1919, como o Primeiro Congresso Fascista em Florença ocorrido em junho, e a primeira e fracassada disputa eleitoral dos fascistas, nas eleições parlamentares italianas de novembro — com ampla vitória dos socialistas e do Partido Popular —, as ações dos fascistas no campo também ganharam destaque.

O pesquisador Carlos Martins traça um panorama dessas ações, abordando o tema na perspectiva da ocorrência de um tipo de fascismo agrário. Conforme argumenta, em decorrência das movimentações no campo, derivadas do contexto do *biennio rosso*,

[...] o fascismo acabou por desempenhar um papel preponderante na reação contra os trabalhadores. [...] quando começaram as ocupações de terras por parte dos trabalhadores rurais, a retaliação dos grandes e médios proprietários não se fez esperar e contou com a ajuda dos diversos Fasci que foram surgindo nas províncias de Itália. Muitas vezes partindo de iniciativas locais, estes Fasci amiúde serviam explicitamente os interesses dos proprietários e, a partir do outono de 1920, tornaram-se conhecidos pelos métodos brutais que utilizavam (MARTINS, 2022, p. 51).

Em outra passagem, o pesquisador aborda a forma e o modo de atuação dos *squadristi* fascistas,

[...] vestindo as camisas negras que tão célebres se tornaram e usando um cassetete (conhecido em italiano como *manganello*) como arma de luta, tinham por hábito deslocarem-se em carrinhas das cidades para as regiões rurais onde realizavam as suas “expedições punitivas”, tomando de assalto ou destruindo as sedes dos partidos socialistas, as casas do povo ou as terras que haviam sido ocupadas por trabalhadores.

Além da violência física, os fascistas tinham por hábito humilhar os seus rivais, fazendo-os beber óleo de rícino, prática que ficou associada às expedições punitivas. As autoridades geralmente assistiam a esta onda de violência sem intervirem, e por vezes, chegavam a incentivá-la e a vê-la como um mal menor (ou até como um bem), desde que atingisse apenas os socialistas ou outros

revolucionários de esquerda (ou, ocasionalmente, alguns ativistas católicos que tomavam parte nas lutas dos trabalhadores rurais) (MARTINS, 2022, p. 52).

A análise do pesquisador Carlos Martins apresenta, com significativa precisão, o cenário vivido no Vale do Pó na Itália, onde a região de Voltido está inserida, e dialoga com o depoimento da neta de Attilio Superti, referente ao período de vida do seu avô na Itália. Norma Superti relata que a família sofria com as tensões políticas na Itália, retratando um episódio em que fascistas depositaram pólvora em frente a casa de Attilio e atearam fogo, numa ação de clara tentativa de intimidação e constrangimento ao *sindaco* socialista, como visto, ação característica do *squadrismo*. Para a neta de Attilio Superti, o episódio contribuiu para a decisão da família de fugir da Itália para o Brasil.

O *squadrismo* se constituiu como a face mais violenta do fascismo e dialoga exatamente com o momento histórico vivido por Attilio Superti na Itália. Essas milícias, que organizavam “expedições punitivas” violentas contra adversários do fascismo, foram originadas no pós-guerra e rapidamente aderiram ao movimento fascista, organizadas principalmente por militares desmobilizados do exército e nacionalistas extremados.

Giuseppe Azzoni, pesquisador do *novecento cremonese*, realizou uma meticulosa pesquisa revelando um amplo espectro de violências fascistas ocorridas durante o período de 1921 e 1922, a partir de relatos descritos no jornal regional *L'Eco dei Comunisti*. Azzoni relaciona mais de 100 episódios de assaltos, incêndios em cooperativas e Câmaras do Trabalho, em sedes de partidos de esquerda e casas de militantes socialistas. Aproximadamente 200 antifascistas agredidos e feridos e 29 mortos (AZZONI, 2011, p. 83).

No mesmo diapasão, Paxton revela outros números de violência fascista em outras partes do território italiano:

[...] fascistas invadiram a prefeitura de Bologna em 21 de novembro de 1920, onde as autoridades socialistas haviam içado uma bandeira vermelha. Seis pessoas foram mortas. Dali, o movimento rapidamente se espalhou por toda a rica região agrícola do baixo delta do rio Pó. *Squadristi* vestidos de camisas negras lançavam ataques noturnos às agências de emprego e às repartições socialistas locais, que eram saqueadas e incendiadas, e espancavam e intimidavam os organizadores socialistas [...]. Nos seis primeiros meses de 1920, os esquadrões destruíram 17 jornais e gráficas, 59 Casas do Povo (as sedes socialistas), 119 Câmaras do Trabalho (as agências de

emprego socialistas), 107 cooperativas, 83 Ligas Camponesas, 151 clubes socialistas e 151 organizações culturais (PAXTON, 2023, p. 119).

Um outro aspecto relevante que pode colaborar com a sistematização do cenário em que Attilio se encontrava inserido está relacionado à figura de Roberto Farinacci, importante líder fascista. Farinacci construiu sua trajetória política na província de Cremona, sendo um dos fundadores do *Fasci di Combattimento* e tendo uma atuação relevante na difusão dos ideais fascistas na região do *cremonese*. Farinacci conduziu diversas ações no campo contra prefeituras e organizações socialistas representando, já no final do ano de 1920, o marco do *squadristo* agrário no *cremonese* (ZANI, 2024, p. 42). As ações de Farinacci, conhecido como "*il ras di Cremona*", também foram fundamentais para a condução dos *squadristi* cremoneses na Marcha Sobre Roma, em 1922¹⁹.

Azzoni escreve sobre o *squadristo* em Cremona:

A Cremona lo squadristo è particolarmente virulento, diretto come è noto da uno dei più fanatici e duri "ras" del fascismo, Roberto Farinacci. Le squadre agiscono in collegamento tra loro: sul nostro territorio avvengono le famigerate "spedizioni punitive" col massiccio intervento di fascisti delle provincie vicini di Piacenza, Parma, Mantova, Ferrara [...] ho potuto contare negli anni 1921 e '22 circa un centinaio di episodi di assalto — con danneggiamenti, devastazioni, incendi, bastonature e sparatorie — a cooperative, camere del lavoro sedi di partiti di sinistra e del PPI, municipi ed anche case di abitazione di esponenti della sinistra e popolari (AZZONI, 2011, p. 34)²⁰.

É possível concluir que os eventos ocorridos após a Primeira Guerra Mundial, as movimentações camponesas e a reação violenta dos fascistas perpassaram a trajetória de vida de Attilio Superti, na condição de *contadini*, de um mobilizado para a guerra mundial e de um ator político que, a partir de suas atividades como *sindaco* de Voltido, tomava decisões e sofreria consequências de seu alinhamento com os

¹⁹ A Marcha sobre Roma foi o evento que reuniu *squadristi* de diversas partes da Itália que, conduzidos por Benito Mussolini, buscaram a tomada do poder pelos fascistas, chegando a Roma em outubro de 1922.

²⁰ Em Cremona o *squadristo* é particularmente virulento, dirigido como é conhecido por um dos "ras" mais fanáticos e duros do fascismo, Roberto Farinacci. As equipes atuam em conexão entre si: em nosso território acontecem as famigeradas "expedições punitivas" com a intervenção massiva de fascistas das províncias vizinhas de Piacenza, Parma, Mântua, Ferrara [...] pude contar no anos 1921 e 1922, aproximadamente uma centena de incidentes de agressão — incluindo danos, devastação, incêndios, espancamentos e tiroteios — em cooperativas, câmaras de trabalho, sedes de partidos de esquerda e do PPI, prefeituras e até casas de políticos de esquerda e expoentes populares (tradução nossa).

movimentos de *contadini* no campo. Attilio entraria ativamente do contexto geral do *novecento* na Itália.

2.3 VOLTIDO, A ELEIÇÃO PARA *SINDACO* E O MANDATO DE ATTILIO SUPERTI

Os dados de registro de Attilio Superti na *comune* de Voltido indicam que ele estava estabelecido com sua família na fração²¹ de Recorfano. Naquele ambiente, Attilio se dedicava à agricultura, não existindo dados precisos disponíveis quanto ao tipo específico de trabalho que desempenhava no campo. O que é possível deduzir, como já abordado, é que Attilio não se enquadrava no quadro geral de *contadini* que se estabeleciam em *cascinas*, pois possuía endereço registrado na *comune* em Recorfano. A numeração do prédio, que variou ao longo dos anos em decorrência de ajustes administrativos da *comune*, não pôde ser localizada com precisão, mas estava situada em um pequeno agrupamento de casas na localidade. Voltido situa-se na região da Lombardia, província de Cremona, próxima a Ca'd'Andrea, cidade de nascimento de Attilio. Nesse período, a *comune* de Voltido possuía aproximadamente 1.000 habitantes dedicados, em sua grande maioria, à agricultura.



Figura 4 - Voltido, anos 1960. À esquerda a Igreja San Michele e à direita o edifício da prefeitura.
Fonte: *Postcard*. Acervo pessoal.

²¹ Por similitude, a “fração” representaria no Brasil algo como um distrito ou bairro afastado da *comune* de Voltido.

Ainda em decorrência do grande movimento *contadini* no período do *biennio rosso*, as eleições administrativas de 1920 expressaram um amplo avanço do Partido Socialista Italiano no campo, consignado em um grande número de socialista eleitos para *sindaco* em toda a província²². Com vistas a melhor precisar o posicionamento político de Attilio, foi necessário realizar análises em pequenos fragmentos de fontes, a fim de definir o seu espectro político de atuação.

Nos depoimentos das netas de Attilio Superti, foi reportado que o *sindaco* era um socialista. Afora esta informação e para chegar em uma melhor aproximação do real, foi possível ponderar os depoimentos com ao menos três fragmentos de fontes. O primeiro diz respeito à fotografia do passaporte de Attilio, que estava em posse de Luigina Superti, prima distante da família de Attilio, que mora atualmente em Recorfano.²³ No verso desta fotografia, constam breves informações sobre Attilio, entre elas, as referências “*socialista*” e “*fugato al Brasile*”. Tais informações, escritas com a mão e sem data precisa, apontam no sentido da confirmação do status de vinculação de Attilio ao socialismo.

Outras duas fontes de pesquisa também remetem à relação de Attilio com o socialismo. O *giornale Avanti*, periódico do Partido Socialista Italiano, ao abordar o tema das vitórias socialistas na província de Cremona, faz referência à vitória na *comune* de Voltido, em publicação datada de 15 de fevereiro de 1921²⁴. Já nas deliberações do Conselho Comunal de Voltido, no período em que Attilio Superti foi *sindaco* e presidente do seu conselho comunal, há um registro de apoio financeiro para o envio de delegado da *comune* para o Congresso da *Lega dei Comuni Socialisti*²⁵, em Rimini, no ano de 1921.

²² Nas eleições administrativas de 1920, os socialistas venceram em 80 das 105 *comuni* onde ocorreram eleições na região de Cremona (AZZONI, 2011, p. 55).

²³ Essa fotografia original foi doada por Luigina Superti para este pesquisador em 2024, durante viagem de pesquisa à Itália para esta dissertação, e encontra-se hoje no Brasil. A frente dessa fotografia está retratada na Figura 1 desta dissertação.

²⁴ Disponível em: <[https://avanti.senato.it/js/pdfjs-dist/web/viewer.html?file=/files/reader.php?f%3DAvanti%201896-1993%20PDF/9.%20Avanti%20Ed.%20Nazionale%20\(Milano\)%201919-1921%20OCR/RAV0037037_1921_0040.PDF](https://avanti.senato.it/js/pdfjs-dist/web/viewer.html?file=/files/reader.php?f%3DAvanti%201896-1993%20PDF/9.%20Avanti%20Ed.%20Nazionale%20(Milano)%201919-1921%20OCR/RAV0037037_1921_0040.PDF)>.

²⁵ A *Lega dei Comuni Socialisti* era organizada pelo Partido Socialista Italiano e congregava o conjunto das *comuni* administradas pelos socialistas.

Nei Comuni socialisti

Statistica eloquente

Ancora sulle Federazioni provinciali socialiste non hanno mandato all'Avanti la statistica dei Comuni conquistati. Noi sollecitiamo i prospett, accenti non solo come una rassegna di forze, ma anche perché non un indice eloquente dei progressi conseguiti.

È bene che i Comuni siano segnati in ordine alfabetico e si distinguano quelli conquistati dalle Sezioni, dagli altri in cui risiedono le Organizzazioni proletarie da sole.

PROVINCIA DI BRESCIA.

Comuni conquistati dalle Sezioni socialiste: Acquafredda, Bagnolo Mella, Calcinate, Calvisano, Gardone V. P., Montirone, Pozzolungo, Ronadello, Villa Cogozzo, Virle Treponti, Vione, Ozimmo, Lavenone, Toscolano, Volciano, Verolunova, Pralboino.

Comuni conquistati dalle Sezioni sociali classe: Caviglioglio, Ghedi, Remedello Sotto, Rivoltella, To Viole Consiglio, Viano, Sarnone, Acquafredda, Barca, Milzanico, Ollona.

Totale Comuni con maggioranza socialista N. 25. Comuni con minoranze nostre N. 10.

Aggiungiamo all'elenco Pisogne con 10 consiglieri nostri e 10 avversari e Montebellina dove i nostri riassume prima in maggioranza e rimasi la minoranza per questione di età, hanno rassegnato le dimissioni.

PROVINCIA DI CREMONA.

Comuni conquistati dal Partito socialista.

— Mandamento di Soriano: Arzanello, Casalnuovo, Castelvisconti, Sorosina. Al Consiglio provinciale intorno eletti quattro del P. P.

— Mandamento di Soncino: Romagnano. Soncino in contestazione. Al C. P. eletti quattro del P. P.

— Mandamento di Robecco d'Oglio: Carpiarico, Robecco d'Oglio, Scandolara Ripa d'Oglio. Al C. P. eletti 1 nostri comunali e 2 avversari Ferdinando Carzanoli e Bazzani Attilio.

— Mandamento di Piacenza: Calvinate. Dossone, Casale, e Giovanni. Al C. P. eletti 1 nostri e 1 avversari. Al C. P. eletti 1 nostri e 1 avversari. Al C. P. eletti 1 nostri e 1 avversari. Al C. P. eletti 1 nostri e 1 avversari.

Per l'indennità ai pubblici amministratori

FINANZA, 14.

La nostra deputazione provinciale ha approvato il seguente ordine del giorno: «La deputazione provinciale di Firenze; avuta notizia che l'Ufficio centrale del Senato, su iniziativa dell'on. Pellerano, ha espresso parere contrario all'approvazione del disegno di legge sulla indennità ai pubblici amministratori, il disegno, che, per iniziativa del Gruppo parlamentare socialista, fu approvato dalla Camera dei deputati il 9 agosto u. s.;

ritenuto che la proposta dell'Ufficio centrale di rinviare l'applicazione del principio dell'indennità a quando sarà approvata la riforma dei tributi locali, che dovrebbe dare ai bilanci degli Stati maggiore elasticità e larghezza di entrate, importa pubblicamente il rigetto della legge;

ritenuto che, viceversa, la riforma ha carattere urgentissimo ed è questione di vita per le Amministrazioni conquistate dai rappresentanti delle classi operarie;

Protesta contro la deliberazione dell'Ufficio centrale del Senato ed invita il Gruppo parlamentare socialista, la Direzione del Partito e la Lega dei Comuni socialisti alla più energica azione per imporre il Governo a provocare dal Senato la sollecita approvazione della legge».

BRESCIA, 14.

La Federazione dei Comuni socialisti della Provincia di Brescia, conoscendo il probabile rigetto della legge sulle indennità agli amministratori comunali da parte del Senato; invita il Consiglio generale della Lega a chiedere disposizioni — qualora subordinatamente non fosse approvata la detta legge — per il sollecitato delle mansioni delegate dallo Stato nei Comuni socialisti.

Il Congresso dei sindaci socialisti a Mantova

MANTOVA, 14.

Venerdì 18 corr., alle ore 10 precise, nell'aula consiliare del Comune di Mantova avrà luogo il Congresso provinciale delle Amministrazioni comunali in cui dopo il Congresso di Livor-

Figura 5 – Jornal *Avanti*, 15 de fevereiro de 1921. Em destaque, excerto onde consta a *comune* de Voltido no rol das *comuni* administradas pelos socialistas. Fonte: Print de tela. Acervo do jornal *Avanti*, Senado da República italiana.

Attilio Superti foi eleito em 13 de outubro de 1920 para *sindaco* de Voltido, por um período de 4 anos, abreviado pela sua fuga para o Brasil, ao final de 1921. As deliberações do Conselho Comunal registraram atividades de Attilio até 21 de agosto de 1921, permanecendo oficialmente no posto de *sindaco* até 06 de novembro de 1921. A *giunta municipale* foi composta por Luigi Attilio Superti, Silverio Clerici, Agostino Cauzzi, Angelo Fola e Vittorio Bodini. Já o *consiglio comunale* foi composto por Vittorio Bodini, Silverio Clerici, Luigi Attilio Superti, Giovanni Farina, Attilio Geraldini, Pietro Lodi, Francesco Bertolini, Agostino Cauzzi, Carlo Malfi, Capelli, Giuseppe Santini e Egidio Pedrini.

É interessante registrar que Vittorio Bodini, membro da *giunta municipale*, era um nome conhecido pelas suas ações subversivas na província de Cremona. Suas atividades chamaram a atenção e eram monitoradas pela polícia, o que levou seu nome a ser incluído no *Casellario politico della Questura di Cremona*²⁶. Constam no

²⁶ Esse documento se encontra no *Archivio di Stato di Cremona*. O pesquisador Giuseppe Azzoni analisou a documentação e produziu o *Repertorio dei fascicoli dell' Casellario politico della Questura di Cremona in Archivio di Stato*. Disponível em: <https://www.ancipremona.it/wp-content/uploads/2020/06/Sovversivi_Casellario-Cremona.pdf>. Acesso em: 20 maio 2024.

Casellario 2.676 registros, e destes, 30% foram denominados socialistas, 20% comunistas, 25% genericamente como subversivos, 10% como antifascistas, entre outras denominações. A referência a Bodini assim está registrada no repertório:

BODINI VITTORIO di Francesco e Zamarini Luigia – Comunista. N. Voltido 19.4.1884 res. Drizzona, bracciante (tra i connotati: “mani callose”). “Ai tempi del sovvertivismo” fu un facinoroso esponente comunista locale. Frequenta ancora gli antichi compagni, perquisizione negativa 1931, “segretamente coltiva le sue vecchie idee” 1941. (B18 f428).²⁷

No período de sua administração, Attilio foi responsável pela contratação do projeto do monumento aos mortos de Voltido na Primeira Guerra Mundial. A proposta de criação do monumento, iniciado em 1919, avançou com a contratação do arquiteto Aldo Balestreri. O tema dos monumentos aos *caduti* na Itália observou duas fases distintas. A primeira, logo após o término da guerra, e a segunda, após a ascensão de Mussolini ao poder, em 1922. No primeiro caso — da *comune* de Voltido — há poucos registros de monumentos semelhantes na Itália, em decorrência da proximidade do término do conflito em novembro de 1918, o período de desmobilização dos soldados e o contexto de crise geral do pós-guerra.

Essa proximidade com a guerra e o vazio gerado pela morte de jovens soldados conduziram os primeiros movimentos de construção de monumentos aos *caduti*, representando uma esfera de luto, respeito e lembrança com os mortos. Assim, o projeto aprovado em Voltido refletiu um monumento de característica mais contemplativa, voltado à memória dos mortos (BORGHETTI, 2020). Em contrapartida, com a ascensão do fascismo ao poder em 1922, os monumentos começaram a expressar elementos de glória, de soldados fortes, expressando os ideais do homem italiano fascista.

²⁷ BODINI VITTORIO de Francesco e Zamarini Luigia – Comunista. N. Voltido 19.4.1884 res. Drizzona, operário (entre as conotações: “mãos calejadas”). “Nos tempos de subversão” ele foi um expoente comunista local problemático. Ele ainda frequenta seus antigos companheiros, busca negativa em 1931, “cultiva secretamente suas velhas ideias” em 1941 (tradução nossa).



Figura 6 - Monumento *Olocausto del Popolo ai caduti*, Palazzo Comunale Voltido, 2024. Fonte: Fotografia. Acervo pessoal.

Com a análise das deliberações do Conselho Comunal de Voltido, se desvendou uma condução administrativa da cidade alinhada à visão socialista de Attilio. É importante destacar que, como apresentado anteriormente, se por um lado ocorria um avanço das ideias socialistas junto ao campesinato, em contrário, proprietários rurais também iniciaram um processo de reação à implementação de políticas socialistas na região. Conforme relata Giorgio Borghetti em seu depoimento, a ascensão de um *sindaco contadino* foi um fato inédito para uma comunidade acostumada ao comando de uma elite de proprietários rurais.

Dentre as deliberações do Conselho Comunal estão: (1) combate ao analfabetismo com a destinação de bolsas de estudo para jovem pobres; (2) destinação de área para construção de casas populares na fração Recorfano; (3) apoio financeiro à cooperativa de Recorfano; (4) associação de Voltido à *Federazione dei Comuni Socialisti Cremonese*; (5) contribuição simbólica para enviar o delegado provincial socialista ao Congresso *dei Comuni Socialisti* de Rimini; (6) preparação para o projeto de construção de estrada entre Voltido-Recorfano-Piadena; (7) concessão de subsídio para a *Lega Italiana dei Mutilati Invalidi*; (8) contribuição para as despesas da *Casa del Popolo della Provincia di Cremona*. Essas deliberações ocorreram no

período aproximado de um ano em que Attilio Superti esteve à frente da *comune* de Voltido. O conjunto dessas atas faz parte do acervo da *comune* de Voltido e foi disponibilizado em arquivo digital fotográfico para esta pesquisa.

Chamam atenção as decisões do Conselho Comunal para ações de natureza política, como a associação da *comune* de Voltido à *Federazione dei Comuni Socialisti* e, ainda, a contribuição financeira para apoiar a ida de um delegado provincial socialista para participar do congresso da referida federação. Em mesmo sentido, foi a contribuição financeira para a *Casa del Popolo della Provincia di Cremona*, estrutura organizada e sustentada pelo Partido Socialista Italiano, o que demonstra que as ações do Conselho Comunal de Voltido estavam em alinhamento político com o movimento socialista e a dinâmica social do período.

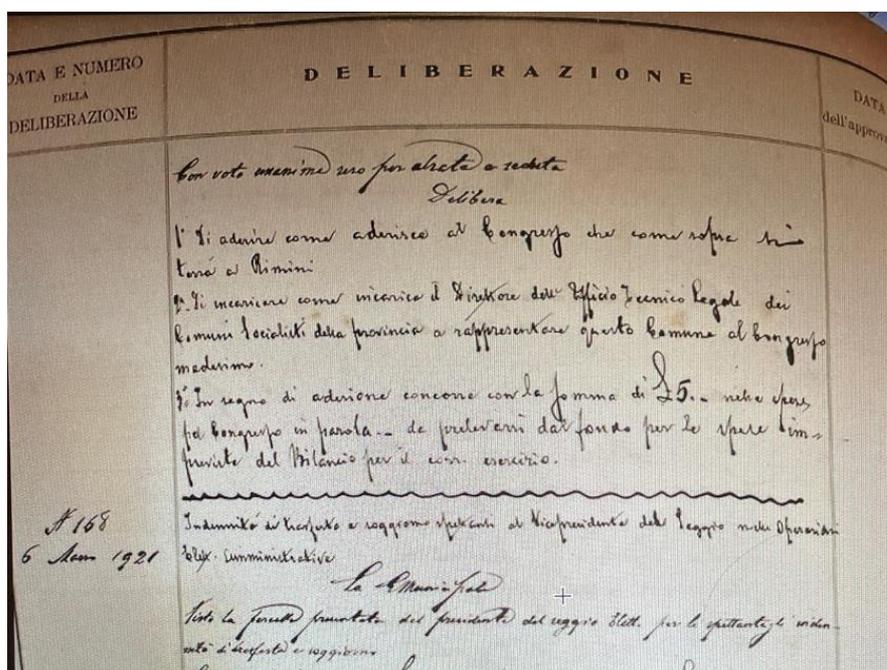


Figura 7 – Ata de registro de deliberações do Conselho Comunal de Voltido. Fonte: Fotografia digital do original. Arquivo *comune* de Voltido. Acervo pessoal.

Essas ações deliberadas pelo Conselho Comunal, no contexto da ascensão do fascismo, representavam uma ampla possibilidade de problemas para Attilio e os membros da *giunta municipale* e do *consiglio comunale* de Voltido. Mas um outro caso aparentemente deslocado desse eixo acabou tendo destaque.

Em julho de 1921, Attilio propôs, para deliberação do Conselho Comunal, o aumento de taxas comunais (*tassa di famiglia e tassa di esercizio e rivendita*). Essa proposta gerou reações na *comune*, incluindo um manifesto de pessoas ligadas à

saúde pública, suscitando o não pagamento de taxas. Attilio solicitou a verificação da situação (e também da sua prestação de contas da *comune*) através de um responsável designado pela Prefeitura de Cremona. Enquanto a questão não era resolvida, Attilio Superti participou de sua última reunião do Conselho Comunal em agosto de 1921, não mais retornando para o seu posto de *sindaco*. Em 09 de novembro, foi designado um *Commissario Prefetizio* (espécie de interventor da província) para assumir o comando de Voltido. A questão da taxa foi resolvida em 1922, com o Conselho Comunal aprovando o aumento das taxas e a prestação de contas do período de Attilio à frente da *comune*.



Figura 8 - Luigi Attilio Superti. Registro de dezembro de 1920. Fonte: Fotografia digital de fotografia original. Acervo da família de Nelia Rosalina Passuelo de Oliveira.

Se por um lado, a base documental da *comune* de Voltido ofereceu uma ampla documentação acerca das decisões de seu Conselho Comunal, quanto aos acontecimentos que se sucederam entre o último Conselho Comunal em que Attilio Superti participou (agosto 1921) até a sua partida para o Brasil (dezembro 1921), poucos dados se encontram disponíveis. Entretanto, é possível suscitar aproximações e hipóteses relacionadas ao tema, com base em fragmentos de relatos diversos e fontes disponíveis.

Uma primeira questão que sempre permeou o imaginário da trajetória de vida de Attilio está relacionada exatamente à terminologia utilizada nos relatos orais para a saída da Itália: foi uma fuga? Foi um processo regular de imigração? A motivação foi política? A motivação está associada ao movimento migratório de italianos para o Brasil do início do século XX? O que, de fato, motivou Attilio Superti a cruzar o oceano com a família? A pesquisa aponta não para uma, mas para várias hipóteses possíveis, embora, em alguns cruzamentos de fontes, elas possam, porventura, parecer contraditórias.

A hipótese que encontra mais elementos no cruzamento de fontes sugere que Luigi Attilio Superti fugiu para o Brasil. Na condição de *sindaco* socialista — antifascista, portanto —, Attilio vivenciou uma situação política tensa na *comune* com o crescimento das violências fascistas no conjunto das *comuni* da região do Vale do Pó, o que indica haver fundamento para manter esta hipótese.

Em duas destacadas passagens registradas no jornal *L'Eco dei Comunisti, Organo del Partito Comunista d'Italia per le Provincia di Cremona, Mantova, Brescia*, é possível projetar o contexto final dos anos 1921 na *comune* de Voltido e a situação vivida por Attilio Superti. As notícias registram as violências fascistas em Voltido e Recorfano e corroboram o mosaico de fontes escritas e orais da construção da trajetória de vida de Attilio, em especial, nesse momento tenso que antecede a fuga para o Brasil.

A primeira passagem diz respeito à edição de 06 de maio de 1922, na qual o jornal publicou uma matéria sobre as agressões fascistas na Província de Cremona, incluindo um rol de eventos ocorridos nos anos de 1921 e 1922. O jornal registra que em 1921, “*Il 21 Novembre i fascisti penetrano di sera nella cooperativa di Voltido e bastonano a sangue pochi lavoratori raccolti a passare una ora di riposo.*”²⁸. Em sequência, em 26 de novembro de 1921, o jornal registrou “*Invasione e bastonature anche alla cooperativa di Recorfano*”^{29,30}.

²⁸ *L'Eco dei Comunisti*, Cremona, 06/05/1922. *Archivio di Stato di Cremona*.

²⁹ AZZONI, Giuseppe. *Cremona rossa: Figure e vicende della sinistra nel '900 cremonese*. Cremona (IT): Cremonabooks, 2011, p. 78.

³⁰ “No dia 21 de Novembro, os fascistas entraram na cooperativa Voltido à noite e espancaram alguns trabalhadores que se tinham reunido para passar uma hora de descanso.” [Em sequência, em 26 de novembro de 1921, o jornal registrou] “Invasão e espancamentos também na cooperativa Recorfano” (tradução nossa).

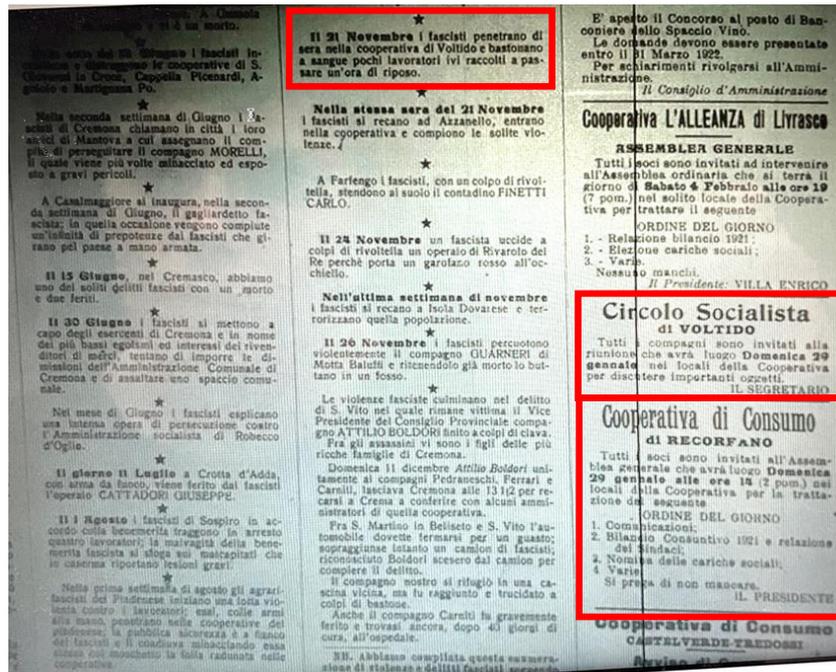


Figura 9 – Excerto do jornal *L'Eco dei Comunisti*. Em destaque, as agressões fascistas na cooperativa de Voltido. Em acessório, notas do *Circolo Socialista de Voltido* e da Cooperativa de Consumo de Recorfano. Fonte: Print de tela de equipamento de microfilme. *Archivio di Stato di Cremona*. Acervo pessoal.

A partir das memórias familiares nos depoimentos das netas de Attilio, convergem elementos para sustentar de forma mais efetiva o tema da fuga da Itália. Os relatos sustentam que Attilio fugiu das violências fascistas das quais era vítima, e são corroborados com um outro depoimento que sustenta a mesma linha argumentativa. Luigina Superti, moradora de Recorfano e prima distante dos descendentes brasileiros de Attilio, relata que seu pai, Olindo Carlos Superti, abrigou Attilio Superti por um mês em sua casa, em Recorfano. Na oportunidade, Attilio se escondeu por motivos políticos e, logo depois, emigrou com sua família para o Brasil. Luigina, além de recordar as conversas com o seu pai, tinha em sua posse a foto original do passaporte da família Superti. Essa fotografia funciona como um elo que dá materialidade ao seu relato e revela um cenário próximo ao conhecido pelos parentes de Attilio Superti no Brasil.

A análise da fotografia da família também revelou, de forma assessória, uma outra particularidade da partida de Attilio Superti para o Brasil. O passaporte de Attilio registra a vinda de apenas três filhos para o Brasil: Tranquillo, Giuseppina e Giordano. As fotografias do passaporte são recortes, a partir de cópia de uma foto original que estava em posse de Luigina, não constando no documento o filho Carlo. Retomando

o depoimento de Norma Superti, a neta relata que o filho Carlo, na época da partida para o Brasil, já tinha dezoito anos e estava em período de alistamento militar na Itália, aduzindo que a sua vinda teria sido de forma “clandestina”.

De fato, as pesquisas realizadas junto ao *Archivio di Stato di Cremona* revelam, a partir de sua ficha militar, que Carlo Superti estava em período de alistamento e que ele não se apresentou formalmente às autoridades militares. Há registro da procura de Carlo pelos militares nos anos de 1922, 1923 e 1924, constando a informação de que Carlo estava no exterior e, por fim, declarando-o desertor por não ter atendido ao chamamento ao serviço militar. Com estas informações, as hipóteses de uma saída irregular de Carlo da Itália ganham materialidade. Ainda quanto à vinda de Carlo para o Brasil, nos documentos da família não consta a existência do seu passaporte ou outro documento que registre sua entrada neste país.

19845bis Superti Carlo Giuseppe cittadino

DIOTAZO & SOCIETÀ, Cremona e s. r. l. N. 87 del Catal.

DATI E CONTRASSEGNI PERSONALI	ARRUOLAMENTO, SERVIZI, PROMOZIONI ED ALTRE VARIAZIONI MATRICOLARI	DATA
Figlio di <i>Luigi</i>	SOLDATO di leva classe 1903 Distretto Cremona <i>Distretto Cremona</i>	
e di <i>Adriana</i>	<i>alle classi 1901-1902</i>	
nato il <i>12 Aprile 1901</i>	<i>non giunto pochi all'Estero.</i>	<i>11 Aprile 1901</i>
a <i>Cremona</i>	<i>Chiamato alle armi e non giunto perché all'Estero.</i>	<i>11 Aprile 1922</i>
Circondario di <i>Cremona</i>	<i>Chiamato alle armi e non giunto perché all'Estero.</i>	<i>1 Maggio 1923</i>
Statura m. <i>1,60</i>	<i>Chiamato alle armi e non giunto perché all'Estero.</i>	<i>1 Maggio 1924</i>
Capelli: colore <i>castano</i>	<i>Chiamato alle armi e non giunto perché all'Estero.</i>	
Naso <i>regolare</i>	<i>Chiamato alle armi e non giunto perché all'Estero.</i>	
Mento <i>regolare</i>	<i>Chiamato alle armi e non giunto perché all'Estero.</i>	
Occhi <i>verdi</i>	<i>Chiamato alle armi e non giunto perché all'Estero.</i>	
Colorito <i>bruno</i>	<i>Chiamato alle armi e non giunto perché all'Estero.</i>	
Dentatura <i>buona</i>	<i>Chiamato alle armi e non giunto perché all'Estero.</i>	
Segni particolari	<i>Chiamato alle armi e non giunto perché all'Estero.</i>	
Arte o professione <i>caratterista</i>	<i>Chiamato alle armi e non giunto perché all'Estero.</i>	
Se sa leggere <i>si</i>	<i>Chiamato alle armi e non giunto perché all'Estero.</i>	
Inscritto di leva nel Comune di <i>Cremona</i>	<i>Chiamato alle armi e non giunto perché all'Estero.</i>	
Mantenimento di <i>Cremona</i>	<i>Chiamato alle armi e non giunto perché all'Estero.</i>	
Circondario di <i>Cremona</i>	<i>Chiamato alle armi e non giunto perché all'Estero.</i>	
Arretrati con autorizzazione	<i>Chiamato alle armi e non giunto perché all'Estero.</i>	
Risultato medico <i>buono</i>	<i>Chiamato alle armi e non giunto perché all'Estero.</i>	

Figura 10 – Dados do *ruolo matricolare* de Carlo Superti. Fonte: Fotografia do original. *Archivio di Stato di Cremona*. Acervo pessoal.

No entanto, diferentemente de uma fuga em estilo cinematográfico, parte do processo de imigração de Attilio Superti e sua família foi devidamente planejada e organizada. A vinda ao Brasil foi realizada de forma legal, com a emissão de passaporte para toda a família (exceto Carlo, filho mais velho que já tinha 18 anos na época da partida) e com a emissão de documentação necessária para a partida. O acervo pessoal da família Superti revela a existência dos seguintes documentos: em 9 de dezembro de 1921, Attilio emitiu sua certidão de nascimento na *comune* de

Ca'd'Andrea; em 02 de dezembro de 1921, emitiu apólice de seguro de sua casa e de diversos utensílios de sua propriedade em Recorfano; em 15 de dezembro de 1921, a emissão de atestado de antecedentes em nome de Annunciata Bottini, e em 14 de dezembro de 1921, de Tranquilo Superti, ambos pelo Tribunal da *comune* de Bozzolo; em 16 de dezembro de 1921, emissão de certificado penal para Luigi Superti, pelo Tribunal da *comune* de Cremona.

Analisando os dados, é possível considerar que independentemente do cenário descrito por Luigina a respeito de seu pai ter escondido Attilio Superti por questões políticas em sua casa de Recorfano e o contexto geral de tensão política na Itália, tal fato não é incompatível com a organização e o preparo para a viagem ao Brasil. Mesmo que sua decisão de fuga tenha ocorrido com considerável componente político, é possível supor, pelos dados coletados, que o aumento da tensão política na região foi um fator determinante para uma fuga “organizada”. Inclusive, há indícios — decorrentes de memória familiar — da vinda ao Brasil de um parente de Annunciata Bottini, esposa de Attilio, em período anterior, o que também pode sinalizar que a partida para o Brasil e a ida para Porto Alegre não foi decorrente de uma saída “às pressas”³¹.

Finalizando este capítulo, foi possível apresentar o cenário político e social geral da Itália no *novecento* e realizar aproximações históricas com as fontes disponíveis, a fim de melhor compreender o contexto de Attilio em Voltido. A pesquisa também possibilitou revelar as atividades durante seu período de sindicato e trazer elementos relacionados ao processo de sua partida para o Brasil. Neste ponto, alguns elementos merecem destaque.

O primeiro aspecto a destacar diz respeito ao surgimento do fascismo na Itália. Na pesquisa, não se teve por objetivo um estudo exaustivo da formação da ideologia fascista desde seus primórdios, de um calendário de eventos relevantes e seus impactos na sociedade italiana. Entretanto, a breve revisão bibliográfica sobre o contexto social do surgimento do fascismo — e o ponto que na pesquisa se pretende focar — diz respeito ao elemento da violência, como força motriz do fascismo. Tal aspecto ganha relevância, pois a trajetória de vida de Attilio foi alterada — e o levou ao Brasil — não apenas por um processo de disputa política no campo das ideias,

³¹ Foi localizado o registro da vinda ao Brasil de Giuseppe Bottini, residente em Voltido, no vapor Colombo partindo de Gênova com destino ao Rio de Janeiro, no ano de 1898. Entretanto, não foi possível confirmar se Giuseppe Bottini tinha relação direta de parentesco com Annunciata Bottini.

com divergências de opiniões e tensionamentos característicos de um processo político e, sobretudo, com a capacidade de elaborar uma síntese, compreendendo a existência de opiniões divergentes.

Attilio fugiu para o Brasil em decorrência das violências fascistas, que são parte fundamental do fascismo enquanto doutrina e prática política. A revisão bibliográfica pode caracterizar o recrudescimento dessas violências que lentamente foram sendo implementadas na disputa política contra os socialistas, comunistas e demais setores de esquerda na Itália. Ademais, para além do aspecto político, as violências atingiram indiscriminadamente os *contadini*, engajados ou não na disputa política.

Em suas memórias familiares, a escritora Zélia Gattai relata, em uma passagem simbólica, o ambiente que permeou o universo de muitos imigrantes italianos que, como Attilio, deixaram a Itália em fuga decorrente das violências fascistas. A escritora assim relata a passagem de um dos vários personagens retratados em suas memórias de vida:

Nova imigração italiana chegava a São Paulo. Essa, no entanto, bastante diferente daquela outra, do fim do século. Agora homens e mulheres fugiam do regímen fascista de Mussolini, em busca de liberdade, dispostos a trabalhar e a lutar por uma vida mais digna. Entre os novos imigrantes que apareceram em nossa casa, recomendados por outros amigos antifascistas, estava a família Covani, de Luca: pai, mãe e uma filha mocinha. Perseguido pelo fascismo, Cirio Covani largara tudo, antes que o prendessem. Não era homem de atividades políticas, nunca pertencera a nenhum partido. Apenas externara, certa vez, em público, sua repulsa à violência, aos métodos fascistas: óleo de rícino, prisões arbitrárias etc... Agora em São Paulo, procurava trabalho. Era pintor de automóveis. Papai lhe cedeu a seção de pintura de sua oficina, onde não lhe faltaria serviço. De vez em quando, a família Covani aparecia à noite, para nos visitar. Nessas ocasiões, estranhamente, Remo não saía de casa. Não demorou descobrirmos que fora “amor à primeira vista” o que sentira pela jovem Clara Covani, com quem se casou anos depois (GATTAI, 2009, p. 286-287).

Os relatos das ações dos *squadristi* no vale do Pó, com a violência física contra adversários, incêndios de casas, mortes e expropriações foram vivenciados por Attilio. Se o *sindaco* não foi uma vítima direta, certamente foi vítima do contexto sociopolítico que o “expulsou”. Este micro aspecto, em um pequeno *paese* lombardo, sua administração e seus dilemas no contexto dos anos 1920 podem, em grande medida, explicar o macro contexto do fascismo na Itália e, como será abordado no próximo capítulo, também pode explicar o contexto do antifascismo no outro lado do oceano.

Fernando Rosas, ao analisar a ascensão do fascismo na Itália, aborda o tema da violência:

Não sendo no campo teórico propriamente dito, os movimentos fascistas trouxeram, no entanto, no tocante à prática política, dois importantes contributos inovadores ao processo contrarrevolucionário: o culto da *violência irrestrita* e o *populismo*. [...]

Zetkin considerava que, para a burguesia atingir seus objetivos de “considerável intensificação e aumento da exploração da classe trabalhadora”, condição indispensável nas presentes circunstâncias para a “reconstrução da economia capitalista”, ela percebera desde cedo “a vantagem que poderia tirar do fascismo. Ela sabia que, só por si, não dispunha dos instrumentos de poder para alcançar esse desiderato, pois os meios de forças disponíveis pelo Estado começavam, em parte, a falir: “A burguesia já não pode se apoiar nos métodos regulares do uso da força para manter o seu domínio de classe. Para isto, ela precisa de um instrumento extralegal e não estatal de força. O que lhe foi oferecido pelo multifacetado conjunto que representa a população fascista”. Mais precisamente: “O uso do terror violento e brutal (ROSAS, 2023, p. 53-54).

Prossegue o autor:

A violência como “higiene social” contra os inimigos da nação, como limpeza política, como instrumento de redenção, como cruzada, ou seja, como terror irrestrito [...]. Violência miliciana que agia à margem da lei, como convinha, mas cujos milicianos eram, como em Itália ou na Alemanha, recrutados, treinados, apoiados logisticamente e protegidos pelas Forças Armadas e as policiais. Tratava-se, portanto, de formas de violências extralegais, agenciadas pelas classes dominantes tradicionais aos movimentos fascistas, como forma de destruir radicalmente o movimento operário e sindical e, de caminho, liquidar o Estado Parlamentar. Violência que os imporá, junto das direitas conservadoras, como aliado indispensável na implantação e defesa do fascismo feito regime (ROSAS, 2023, p. 54).

O fascismo e a violência estão intrinsecamente ligados. Sobrevivem um do outro. Mussolini não escondeu isto, pelo contrário, teorizou em diversas oportunidades do longo período histórico do fascismo na Itália, como no momento do *Discorso di Udine*, em setembro de 1922, quando verbalizou que o ato de violência fascista é moral, desde que seja necessário para atingir os seus objetivos imediatos³².

O discurso fascista é violento, o gestual, o tom da voz; a sua farda é violenta, alinhada, com adereços; o seu comportamento é violento, um caminhar marcial, altivo.

³² Disponível em: <https://fondazionefeltrinelli.it/app/uploads/2022/09/Discorso-di-Udine_20-settembre-1922.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2024.

Aqui, faz-se a remissão a uma das justificativas de construção desta pesquisa que na sua introdução aborda a volta, na atualidade, dos discursos de ódio. A leitura do capítulo pode remeter a uma análise do presente e identificar que parte do método violento da ascensão do fascismo na Itália nos anos 1920 encontra pontos de convergência hoje, no Brasil e no mundo.

O capítulo também navegou na história de um homem simples, com o desvendar de algumas lacunas em sua trajetória. As conclusões são importantes, pois elas encaminham para aquilo que Attilio levou em sua bagagem de vida para o Brasil e certamente impactou nas suas decisões ao longo do seu percurso de vida.

Neste ponto, é importante destacar que o contato da família de Norma Superti com os parentes de Voltido se concretizou durante a pesquisa para esta dissertação. Embora tenha havido contatos por cartas na década de 1970, realizados por Giuseppina Superti com uma prima na Itália — que não foi localizada durante esta pesquisa —, a vaga ideia familiar da existência de parentes na Itália foi concretizada³³. Luigina, Francesca e Angelo, filhos de Olindo Superti³⁴, reataram laços com seus familiares brasileiros, perdidos ao longo de 100 anos de história.

³³ Existem correspondências trocadas entre Giuseppina Superti e sua prima Tranquilla Enrichetta Rossi, moradora de Cremona, entre 1978 e 1979. O contato foi realizado pelo padre scalabriniano Emilio Delmi, italiano, que cumpriu suas obrigações religiosas no Rio Grande do Sul desde o final dos anos 1940. A Congregação Scalabrini tem sua sede em Piacenza, Itália, localidade a pouco mais de 30 km de Cremona.

³⁴ Também existe correspondência de Giuseppina Superti com Olindo Superti em 1978, novamente articulada a partir de contatos do padre Emilio Delmi.

3 BRASIL

3.1 A CHEGADA DE ATTILIO, REDES E MOVIMENTO MIGRATÓRIO

Conforme registro em seu passaporte de viagem, a família Superti partiu do porto de Gênova, Itália, no dia 30 de dezembro de 1921, com destino ao Rio de Janeiro. Por aproximação e cruzamento de fontes — na medida em que não foi localizada a lista de passageiros do navio/vapor que trouxe a família —, a chegada ocorreu possivelmente em 27 de janeiro de 1922, conforme expresso no jornal carioca *Correio da Manhã* de 26 de janeiro de 1922, na sessão de chegada de vapores³⁵. Nessa data, estava prevista a chegada do vapor *Re Vittorio*, identificado pelo filho Carlo Superti como o navio em que fizeram a travessia para o Brasil, conforme assinalado em seu requerimento de registro de estrangeiros no Brasil, datado de 28 de fevereiro de 1940³⁶.

Não há registros nos depoimentos de familiares ou em fontes documentais relacionados ao período de chegada da família ao Rio de Janeiro. Tampouco há uma precisão com relação à data de chegada na cidade de Porto Alegre, destino final da família Superti. O único relato — de Norma Superti — afirma que na chegada à capital do Rio Grande do Sul, a família estabeleceu um pequeno negócio de hospedaria no centro da cidade. Entretanto, a atividade não prosperou, em decorrência das dificuldades com a língua portuguesa e com problemas de administração do dia a dia da hospedaria. Encerrada esta etapa, a família adquiriu um lote de terras na região da Vila Nova e por lá se estabelecem.

Nas terras da família, Attilio Superti empreendeu-se com a agricultura, na produção de hortifrutigranjeiros e, subsidiariamente, com a extração de pedras, pois o local possuía uma área pedregosa passível dessa extração. Ademais, trabalhou com a produção de uvas para vinhos e utilizou animais para o trabalho e para servir de fonte de alimentação, como de resto, característico em empreendimentos agrícolas naquela época.

³⁵ CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, 26/01/1922. Hemeroteca Digital Brasileira.

³⁶ Formulário para Registro de Estrangeiros no Brasil. Acervo da família de Nélia Rosalina Passuelo de Oliveira.

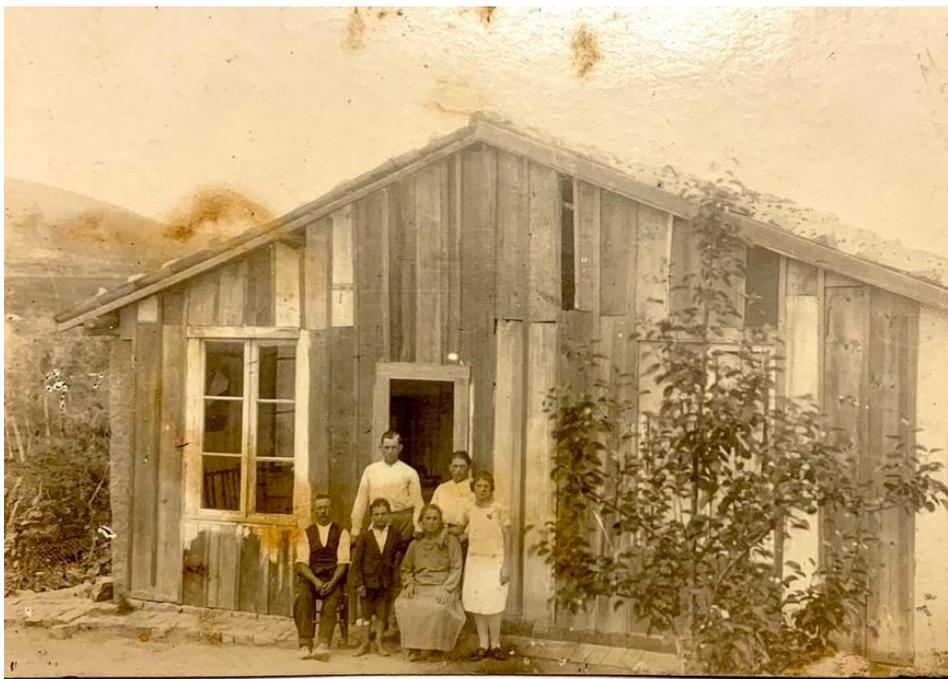


Figura 11 - Primeira casa da família Superti na Vila Nova, Porto Alegre. Da esquerda para a direita: Attilio, Giordano, Carlo, Annunciata, Tranquillo, Giuseppina. Fonte: Fotografia digital de fotografia original. Acervo da família de Nelía Rosalina Passuelo de Oliveira.

A região da Vila Nova teve sua área ocupada por imigrantes italianos no final do século XIX, sendo pioneiros na ocupação da área as famílias Monteggia, Dallariva e Passuelo. Em sequência, outras famílias se instalaram na região, como os Dani, Fogazzi, Morandi, Tomazoni, Salomoni, Vedana, Balestrin, entre outras famílias. Antes da chegada de Attilio à região, também conhecida como Vila Nova Itália, a área já contava com um moinho (família Monteggia), uma capela, uma cooperativa agrícola e registrou a realização de duas edições da festa da uva da Vila Nova (MALMANN, 1996). A família Superti, portanto, se estabeleceu em uma região desbravada por famílias italianas, de vocação agrícola, e nos arredores da capital do estado. Ali, Attilio estabeleceu a sua primeira rede de sociabilidade no Brasil, fundamentalmente com os imigrantes italianos da região³⁷.

É importante registrar o destacado papel do italiano Monteggia que fundou esse núcleo sociourbano na Vila Nova. Vincenzo Monteggia nasceu no ano de 1856 em Laveno, na região do Lago Maggiore. Órfão aos 10 anos, depois do serviço militar trabalhou na Tunísia, Marselha e, após este período, chegou ao Brasil. Trabalhou nas

³⁷ A neta de Attilio Superti relata em depoimento que José Batista de Magalhães, mais conhecido como Juca Batista, comerciante e proprietários de terras na região da Vila Nova foi um importante ponto de apoio da família Superti quando da sua chegada à região.

idades de Bento Gonçalves, Antonio Prado e Alvaro Chaves (hoje Veranópolis). Em 1906 viajou para a Itália levando consigo amostras do solo da Vila Nova para análise em laboratório de Milano. De volta para o Brasil, trouxe produtos que melhoraram a produção de uvas e frutas. A Vila Nova Itália de Porto Alegre³⁸ prosperou com a instalação de estradas, cemitério, igreja, moinho, escola e a instalação de um parque, muito por iniciativa de Monteggia³⁹.

A criação do parque na propriedade de Vicente Monteggia foi destacada no álbum comemorativo ao cinquentenário da colonização italiana no Rio Grande do Sul da seguinte forma:

Villanova, grazie allo spirito di progresso e alla generosità di Vincenzo Monteggia, ha da molto tempo la scuola e un corpo musicale, diretto da un figlio del Monteggia stesso. Oggi ha ancora l'orgoglio di essere illuminata ad elettricità, avendo il previdente colonizzatore profittato di una cascata per installare una dinamo capace di fornire l'energia per l'illuminazione pubblica e privata.

Obbedendo sempre al suo insaziato spirito di rinnovamento e di progresso, il buon Monteggia ha costruito di recente un parco pubblico veramente delizioso, che conferisce alla Colonia Villanova aspetto gradevolissimo, diventando il punto preferito dei cittadini di Porto Alegre, per una gita campestre, mantenendo all'uopo il sig. Monteggia un diligente servizio di autobus che vi porta i gitanti dal vicino sobborgo di Theresopolis. Prosperano inoltre a Villanova il mulino fondato dal Monteggia nel 1897, un ristorante e l'"Armazem Villanova" pure di sua proprietà.

L'edificio della scuola ed altri edifici privati di Villanova appartengono pure al nostro ottimo connazionale, che, venerando ormai per età, ha a cooperatori preziosi i propri figli: giovani d'oro per bontà e laboriosità^{40, 41}.

³⁸ A historiografia pouco produziu a respeito da Vila Nova e sua constituição a partir do desbravar dos imigrantes italianos. Para além do trabalho de Maria Monteggia Malmann, são poucas as referências sobre o tema sendo, portanto, ainda um objeto a ser melhor pesquisado.

³⁹ Cinquantenario della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud 1875-1925. Porto Alegre: EST, V.2. 2000, p. 362.

⁴⁰ Cinquantenario della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud 1875-1925. Porto Alegre: EST, V.2. 2000, p. 363.

⁴¹ Villanova, graças ao espírito de progresso e generosidade de Vincenzo Monteggia, conta há muito tempo com uma escola e um corpo musical, dirigido por um filho do próprio Monteggia. Hoje ainda tem o orgulho de ser iluminado por eletricidade, tendo o clarividente colonizador aproveitado uma cascata para instalar um dínamo capaz de fornecer energia para iluminação pública e privada. Obedecendo sempre ao seu insaciável espírito de renovação e progresso, o bom Monteggia construiu recentemente um parque público verdadeiramente encantador, que confere à Colonia Villanova um aspecto muito agradável, tornando-se o ponto preferido dos porto-alegrenses, para um passeio pelo campo, mantendo preciso do Sr. Ela opera um serviço de ônibus diligente que traz excursionistas do subúrbio próximo de Theresópolis. Também prosperam em Villanova o moinho fundado por Monteggia em 1897, um restaurante e o "Armazem Villanova" também de sua propriedade.

É possível considerar que ao chegar ao Brasil com sua família, Attilio deixou para trás o ambiente tenso das violências fascistas em Voltido e, de alguma maneira, pôde se sentir seguro pelo seu assentamento em uma região vizinha a outros italianos, em um cenário favorável para o estabelecimento de redes de sociabilidades, a fim de iniciar uma nova vida no continente americano. O Brasil encontrava-se no período da primeira república, após sua proclamação em 1889.



Figura 12 - Fotografia área de terras da família Superti na Vila Nova. Da direita para a esquerda: Annunciata Bottini e Attilio Superti. Outros não identificados. Ao fundo, próximo do horizonte à direita, primeira casa da família, retratada na Figura 11. Fonte: Fotografia digital de fotografia original. Acervo da família de Nelía Rosalina Passuelo de Oliveira.

Entre 1922 e 1926, o Brasil foi governado por Artur Bernardes, que governou durante boa parte desse período sob regime de estado de sítio. O governo foi impopular, com destaque nas áreas urbanas, em decorrência da insatisfação popular com a situação econômica e a inflação. Parte deste cenário econômico estava relacionado às grandes emissões de moeda do governo anterior a fim privilegiar a valorização do preço do café, principal produto de exportação brasileiro (FAUSTO, 1995, p. 315). O período da República Velha ficou conhecido pela alternância na presidência da república de presidentes de Minas Gerais e São Paulo, período usualmente denominado, pela historiografia, como a "política café com leite".

O edifício escolar e outros edifícios privados de Villanova também pertencem ao nosso excelente compatriota, que, já venerável em idade, tem os seus próprios filhos como preciosos colaboradores: jovens de ouro pela bondade e laboriosidade (tradução nossa).

No contexto geral da República Velha, diversos eventos marcaram o período, em grande medida caracterizados por movimentos reivindicatórios de trabalhadores e de orientação política, em especial no exemplo do movimento tenentista, o surgimento das movimentações operárias, movimentos contestatórios como a revolta da Armada, a guerra do Contestado, a guerra de Canudos, a revolta da Chibata e, ainda, o movimento cultural modernista evidenciado na semana de arte moderna de 1922, em São Paulo.

Em destaque no cenário do período, é importante citar as significativas tensões do governo Bernardes e a ampla repressão aos movimentos sociais derivados dos movimentos operários iniciados ainda no início dos anos 1910, reflexo do processo de industrialização do país. Diversos movimentos grevistas reivindicatórios surgiram no país. Nas palavras da historiadora Lilia Moritz Schwarcz,

A classe operária tornou-se um novo protagonista na vida pública do Brasil. Os operários se organizaram em sindicatos, federações sindicais e diferentes tipos de organizações, e rapidamente chegaram à criação de uma central sindical de orientação anarquista — a Confederação Operária Brasileira (COB), criada em 1906.

Entre 1900 e 1920 estouraram cerca de quatrocentas greves organizadas em torno da luta por melhores condições de trabalho e de vida (aumento de salário, proteção ao trabalhador, redução de jornada de trabalho, direito de organização) ou de natureza explicitamente política: greves contra a Primeira Guerra e em solidariedade às lutas internacionais dos operários.

[...] entre 1919 e 1920, só na capital de São Paulo ocorreram 64 greves, e mais catorze no interior. O Primeiro de Maio de 1919 congregou de 50 mil a 60 mil participantes no Rio de Janeiro, entre trabalhadores industriais, líderes anarquistas e simpatizantes do comunismo. Em São Paulo, calcula-se um perfil semelhante, incluindo têxteis, sapateiros, gráficos, padeiros, metalúrgicos e operários.

A partir dos anos 1920, a forte repressão policial praticada contra os trabalhadores reduziu a possibilidade de greves e enfraqueceu a movimentação dos sindicatos. Em 1922, com a criação do Partido Comunista, fundado quase que inteiramente por ex-anarquistas, a liderança passaria aos poucos para os comunistas, mas a divisão entre os dois grupos acabaria por diminuir a capacidade de mobilização. Por outro lado, com o fracasso das duas greves que abriram a década de 1920 — a dos têxteis em São Paulo e a dos ferroviários no Rio —, a mobilização decresceu. O movimento operário, no entanto, continuou presente na vida pública brasileira (SCHWARCZ, 2015, p. 336-337).

Seguiu-se um forte período de repressão aos movimentos reivindicatórios e de tomada de medidas institucionais para o controle e eliminação dos movimentos operários. Significativamente, por meio de uma lei que previa a expulsão de

estrangeiros cuja conduta fosse considerada nociva aos interesses da ordem e segurança nacional, e outra focada no combate ao anarquismo, considerando crime a prática de atos violentos, como fazer apologia dos delitos praticados contra a organização da sociedade (FAUSTO, 1995, p. 302).

O tema da imigração possui um papel fundamental no cenário da República Velha brasileira. O grande movimento migratório do final do século XIX coincide com o fim da escravidão no Brasil e a necessidade de ampliação da mão de obra no âmbito do processo de industrialização nacional⁴². O processo se constituiu em dois grandes movimentos, sendo um direcionado para a região sul do país, de temperatura mais fria, estruturado em pequenas propriedades produtoras a partir de lotes de terras pagos a prazo. O segundo, mais direcionado para o estado de São Paulo, na substituição de mão de obra escrava nos cafezais (SCHWARCZ, 2012, p. 68).

No caso dos estados ao sul do Brasil, o grande fluxo migratório de italianos iniciou em 1875, com a entrada de expressivos contingentes. Ocorreram outros movimentos e tentativas anteriores, como no caso das primeiras tentativas do governo imperial já em 1840, mas tais experiências não foram significativas em comparação às levadas migratórias a partir de 1875⁴³. Esta primeira leva foi alocada na região do planalto e serra do Rio Grande do Sul, com incentivos estatais ou particulares, recebendo lotes de terras. Entretanto, com relação à questão urbana, Angelo Trento aborda o tema na seguinte perspectiva:

Com o correr do tempo, nos centros urbanos e nas colônias assistimos a uma maior diversificação das atividades. No interior dos núcleos nasce e se consolida o artesanato, enquanto nos centros urbanos o comércio em mãos de italianos abre caminho, frequentemente por iniciativa do pequeno ambulante que, durante anos, havia percorrido a área colonial com suas bugigangas, enfrentando dificuldades de toda espécie. Ou então é o próprio colono que, tendo vendido ou alugado seu lote, abre uma loja na cidade ou no lugarejo em que vive. Além desses casos que se tornam cada vez mais comuns, temos a difusão de misteres urbanos frequentemente ligados à procedência

⁴² Cerca de 3,8 milhões de estrangeiros entraram no Brasil entre 1881 e 1930, sendo destes 72% entre 1881-1914, em decorrência da grande necessidade de trabalhadores nas lavouras de café. Os italianos formaram o maior grupo, com cerca de 35% do total de estrangeiros que entraram no Brasil no período (FAUSTO, 1995, p. 275).

⁴³ É interessante registrar que um dos principais heróis da unificação italiana, Giuseppe Garibaldi, teve destacado papel na Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul, de 1835 a 1845, o que comprova que a circulação de italianos no sul do Brasil já ocorria, ao menos de forma esparsa, antes dos movimentos de migração a partir de 1875. Ademais, conforme Masueto Bernardi, outros nomes também participaram, como Livio Zambecari, Luigi Rossetti, Francesco Anzani, entre outros. (ALBUM, 2000, p. 35-46).

regional: em Porto Alegre, o pequeno comércio e os misteres são exercidos predominantemente por pessoas provenientes de Lucca (Toscana), da Romanha e do Sul da Itália (51). Nasce assim uma camada urbana de certa consistência que, às vezes, vivia com relativo conforto, sem nunca chegar, porém, a ser verdadeiramente rica: para termos uma ideia, basta ver a lista das propriedades italianas de Curitiba em 1913, onde a formação de uma camada média havia sido facilitada pela localização dos núcleos coloniais na periferia da cidade. Ainda em 1920, as fábricas pertencentes a italianos eram somente 227 no Rio Grande do Sul, 56 em Santa Catarina e 61 no Paraná, como prova de que, mais uma vez, a imigração para os estados sulinos, embora permitindo sobreviver antes e viver depois, não tinha dado resultados particularmente satisfatórios em termos de acumulação de poupança (TRENTO, 1989, p. 98).

Neste cenário, a presença da imigração italiana na cidade de Porto Alegre repercutiu nas atividades urbanas da cidade, principalmente no comércio e serviços, incentivada pelo processo de urbanização e desenvolvimento da cidade, mas também por uma imigração paralela ao grande fluxo de imigrantes. Já havia circulação de italianos na cidade em caráter espontâneo, fundamentalmente no setor comercial, trabalhadores relacionados a serviços urbanos e artistas. A historiadora Núncia Santoro de Constantino sustenta essa relação entre uma imigração anterior e a posterior grande leva de italianos, no sentido de uma gradual formação de relações sociais e de trabalho que, com a chegada de um contingente maior de italianos, acaba sendo potencializada (CONSTANTINO, 1991, p. 46).

Antonio de Ruggiero, ao analisar a imigração italiana no contexto urbano do Rio Grande do Sul, também analisa o tema em mesmo sentido:

Per questo, possiamo affermare che la data del 1875, scelta in relazione al processo di colonizzazione agricola come l'inizio ufficiale dell'immigrazione italiana in Brasile, è fuorviante, considerando la presenza di una immigrazione urbana precoce, che non solo a Porto Alegre, capitale dell'allora Provincia di São Pedro, si consolidò nella prima metà del XIX secolo, per ampliarsi e diversificarsi negli anni successivi, fino al periodo della cosiddetta "grande emigrazione" (DE RUGGIERO, 2015, p. 391).⁴⁴

⁴⁴ Por isso, podemos afirmar que a data de 1875, escolhida em relação ao processo de colonização agrícola como início oficial da imigração italiana para o Brasil, é enganosa, considerando a presença de uma imigração urbana precoce, que não só em Porto Alegre, capital da então Província de São Pedro, consolidou-se na primeira metade do século XIX, para se expandir e diversificar nos anos seguintes, até ao período da chamada "grande emigração" (tradução nossa).

Um outro dado importante que demonstra o impacto da urbanização na cidade de Porto Alegre, onde o processo imigratório italiano possui relevância, se dá na evolução da população da cidade. Dados do censo de 1872 registram uma população de 34.183 habitantes, sendo que o número aumentou para 52.186 no censo de 1890 e para 73.274 no ano de 1900. Em ascensão, no ano de 1916, o censo aponta para uma população de 179.053 habitantes na cidade. Portanto, mais que quadruplicou o número de habitantes em um período de pouco mais de 40 anos (BORGES, 1993, p. 27).

Attilio Superti e sua família, então, se inseriram nesse contexto em Porto Alegre, estabelecendo suas redes de sociabilidade em uma cidade que se desenvolvia e, por consequência, exigia uma oferta de trabalho especializado, com prestadores de serviços variados, comerciantes, suporte sanitário, entre um universo de necessidades para o atendimento de uma população em expansão. A chegada deste imigrante pode ser analisada também sob o viés da natureza ou tipo de processo imigratório que compôs o quadro geral de sua vinda para o Brasil. Sob este enfoque, é possível enquadrar a experiência de vida de Attilio em algumas possibilidades de análise, a seguir.



Figura 13 - Fotografia de Família. Da esquerda para a direita: Alice (esposa de Carlo Superti), Annunciata Bottini, Attilio Superti e Carlo Superti. No primeiro plano, filhos de Carlo e Alice. Fonte: Fotografia digital de fotografia original. Acervo da família de Nelía Rosalina Passuelo de Oliveira.

Em um primeiro aspecto, a vinda de Attilio ao Brasil pode ser considerada como uma experiência de imigração política. Como já foi abordado, a partida da Europa foi motivada pelo contexto político do fascismo na Itália e suas violências contra os opositores do regime. A imigração, então, não estava relacionada a outros eventos que estimularam a imigração italiana, como por exemplo, a grave crise econômica em sequência ao final do processo de unificação da Itália, em 1870, ou das tensões políticas operárias do final do século XIX. De fato, a imigração de Attilio se enquadra na fuga de um socialista, *sindaco* de Voltido, envolto no contexto de perseguições e violências da segunda década do século XX na Itália.

Os *fuorusciti*⁴⁵, afastados de seu país de origem por motivos políticos, representaram um grande universo de políticos, intelectuais, entre vários outros que de alguma maneira representavam perigo para o regime fascista. Esses emigrados, como no caso dos políticos, em grande medida seguiram sua militância no exterior, a exemplo do Conde Francesco Frola, Alceste De Ambris⁴⁶, entre muitos outros. Ademais, Attilio Superti veio ao Brasil por meios próprios, na medida em que dispunha de capital suficiente para a viagem e para empreender no Brasil, diferentemente dos italianos que vieram na grande leva da imigração de massa, praticamente sem dinheiro e através de subvenções estatais ou particulares. Antes de embarcar para o Brasil, Attilio assinou uma apólice de seguros junto ao *Riunione Adriatica di Sicurtá*, em 02 de dezembro de 1921, listando uma série de bens de sua propriedade, incluindo materiais agrícolas, alimentos e uma pequena casa⁴⁷.

É possível também encontrar eco em um processo migratório de natureza urbana no deslocamento de Attilio Superti para o Brasil. Por evidência, diferentemente de imigrantes majoritariamente destinados ao trabalho no campo, seja nas lavouras de café em São Paulo ou nos lotes de terras em áreas remotas no Sul, Attilio fixou residência em Porto Alegre. Embora em uma região rural da cidade — Vila Nova — e com atividade econômica agrícola, Attilio estabeleceu seus laços e redes de sociabilidade em um ambiente urbano e, como veremos, estabeleceu contato com outros imigrantes caracterizados por uma imigração especializada, como alfaiates, empresários, fotógrafos, advogados, membros da maçonaria entre outros. Este

⁴⁵ Aqueles que são forçados a fugir do país por motivos políticos.

⁴⁶ Sobre Alceste de Ambris, ver em TOLEDO, Edilene. **Travessias Revolucionárias**. São Paulo: Editora Unicamp, 2004, p.163-266.

⁴⁷ Documento original. Acervo da família de Nélia Rosalina Passuelo de Oliveira.

aspecto fica evidente na análise das relações estabelecidas entre os membros do Grupo Antifascista Giacomo Matteotti, que será abordado com mais destaque no próximo capítulo.

Além das relações com os membros do Grupo Antifascista Giacomo Matteotti de Porto Alegre, compondo uma rede de sociabilidade no enfrentamento ao fascismo, Attilio e seus filhos estabeleceram laços de convivência, trabalho e redes familiares com imigrantes residentes na região da Vila Nova. Foi o caso de Giuseppina Superti, filha de Attilio que contraiu matrimônio com Angelo Passuelo⁴⁸. Passuelo, filho de Maximiliano Passuelo, foi neto de Angelo Passuelo, antigo morador da Vila Nova e um dos primeiros imigrantes italianos a se estabelecer na região⁴⁹. Angelo Passuelo nasceu em Vicenza, Itália, no ano de 1842 e chegou ao Rio Grande do Sul em 1894. Na Vila Nova, adquiriu um lote de terras e trabalhou com agricultura de subsistência, no comércio e com produção de vinhos. Angelo faleceu no ano de 1912 (MALMANN, 1996, p. 21).



Figura 14 - Fotografia de casamento. Giuseppina Superti e Angelo Passuelo, 1933. Fonte: Fotografia digital de fotografia original. Acervo da família de Nelia Rosalina Passuelo de Oliveira.

⁴⁸ A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 05/04/1933. Hemeroteca Digital Brasileira.

⁴⁹ Sobre a família Passuelo, ver em MALMANN, Ana Maria Monteggia. **Vila Nova**. Texto de Ana Maria Monteggia Malmann. 2 ed. Porto Alegre: UE/Porto Alegre, 1996.

Na Vila Nova, Attilio também estabeleceu redes de sociabilidade no seu ambiente de trabalho, a partir da articulação com demais empreendedores — muitos deles italianos — na produção agrícola da região. Sua participação na comissão organizadora da exposição de frutas da Vila Nova sinaliza neste caminho, conforme relatado pelo jornal *A Federação*:

Exposição de uvas - Moradores residentes em Villa Nova resolveram promover neste ano uma exposição de frutas nesse adiantado centro de fruticultura. Foi marcado para 26 do corrente, às 16 horas, para sua inauguração, devendo o certame ter lugar no Parque Monteggia, cedido pelo proprietário. À frente da comissão organizadora da exposição se acham os srs. João Salomoni, João Moresco, Girolamo Moresco, Hermenegildo Minuzzo, João Minuzzo, Luiz Superti e Angelo Ungaretti⁵⁰.

As atividades festivas na Vila Nova encontram apontamentos na imprensa ao menos desde 1911⁵¹. As atividades desenvolvidas estavam ligadas a exposições de uvas com produtores não só da Vila Nova, mas também dos bairros Tristeza, Teresópolis e Belém Velho. Quanto à realização da Festa da Uva, a primeira ocorreu no ano de 1913, na Praça Dona Maria Luiza, hoje Praça Guia Lopes, em Teresópolis. Em 1918, na segunda Festa da Uva, na Vila Nova, também foi realizada uma exposição agrícola, prestigiada por autoridades e pelo Embaixador da Itália, Victor Luciani. Em sequência, foram realizadas festividades anualmente, nos meses de verão (MALMANN, 1996, p. 39).

⁵⁰ A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 22/01/1929. Hemeroteca Digital Brasileira.

⁵¹ No sentido da articulação social e familiar, há registro da participação, no evento da Festa da Uva de 1936, de Giordano Superti (filho de Attilio) e Angelo Passuelo, no jornal *A Federação* de 19/06/1936.



Figura 15 - Em terras de Attilio Superti, área de pedreira. Attilio ao centro-esquerda, de casaco preto. Fonte: Fotografia digital de fotografia original. Acervo da família de Nelía Rosalina Passuelo de Oliveira.

Entretanto, um ponto que chama a atenção nesta narrativa da trajetória de vida de Attilio e suas redes de sociabilidade diz respeito ao fato de sua participação no Grupo Matteotti não ter relação com a rede de relacionamento de Attilio na Vila Nova. Os membros participantes do Grupo não possuíam pessoas ligadas por traços de trabalho ou familiares com a rede da Vila Nova. Attilio cingiu sua vivência na Vila Nova ao aspecto do trabalho e relações familiares, não inserindo nesta vivência as opiniões e ações que o levaram a fundar o Grupo Matteotti em 1926, como será abordado no capítulo 4 desta dissertação. Portanto, há uma espécie de divisão de relacionamento: uma rede que articulava o seu bairro de moradia e o seu trabalho, somado ao estabelecimento de relações familiares e, de outra parte, o relacionamento com membros do Grupo Matteotti, que também geraram laços familiares, mas se desenvolveram de forma autônoma.

Em desfecho, Attilio Superti chegou ao Brasil em uma conjuntura política e social que guardava similitudes e distinções em relação ao cenário italiano. Se o tema da violência fascista estava minimizado com a chegada ao Brasil, o seu desejo de continuar militando como um antifascista encontrou redes de sociabilidades em Porto Alegre que possibilitaram manter a proximidade com italianos e, também, em divulgar os ideais antifascistas no Brasil.

3.2 O ANTIFASCISMO NO BRASIL

Para melhor compreender a inserção de Attilio Superti no movimento antifascista, é necessário fazer uma remissão aos principais elementos deste movimento no Brasil e seus principais atores. Não se trata aqui de fazer um amplo estudo sobre o tema, mas sim, de abordar as suas linhas gerais, procurando ter uma compreensão geral desse período histórico de formação e consolidação do fascismo italiano, e seus reflexos no Brasil.

Em linhas gerais, desde a criação dos *fasci di combattimento* em 1919, os movimentos sucessivos de violência do *squadrismo* e da criação do Partido Fascista — portanto, a fase da gênese do fascismo na Itália —, o antifascismo pode ser compreendido como um movimento de reação que no âmbito político adotou posturas diferenciadas. Por um lado, principalmente os anarquistas, socialistas e comunistas, em uma visão multifacetada de antifascismo (do mais radicalizado ao reformismo) e, de outro, republicanos, numa ação inicial de mais contemporização com o fascismo

Esse período foi marcado por contradições e dificuldades de organizar uma linha política unificada de enfrentamento ao fascismo. Em grande medida, no período que vai de 1919 até 1922 (ascensão do fascismo ao poder na Itália), a oposição ao fascismo pode ser interpretada pela incapacidade da esquerda italiana em compreender as mudanças político-sociais na Itália no pós-Primeira Guerra Mundial e, portanto, em um certo despreparo no enfrentamento ao fascismo que ascendeu ao poder após a Marcha sobre Roma em 1922, sem grandes movimentos de resistência (BERTONHA, 2023, p. 43).

O primeiro movimento de destaque na luta antifascista foi a *Lega Italiana dei Diritti dell'Uomo* (LIDU), criada em 1922 como um braço da francesa Ligue Française des Droits de l'Homme. Esse grupo foi formado para apoio aos refugiados políticos italianos em solo francês, ainda no final do século XIX, organizado por importantes intelectuais franceses e italianos. De linha geral apartidária, apoiou inclusive refugiados anarquistas e sindicalistas revolucionários. A LIDU atuou em vários países, tendo o seu auge de atuação no final da década de 1920. No Brasil, surgiram seções da LIDU em São Paulo e Rio de Janeiro, a partir de 1926.

Em 1927, surgiu a Concentrazione d'Azione Antifascista na França, formada por membros do Partido Socialista Italiano, Partido Republicano Italiano, Partido

Socialista Unificado dos Trabalhadores Italianos, somados às participações da LIDU e da Central Geral de Trabalhadores da Itália. Esta frente de articulação antifascista foi monopolizada pelos socialistas, não aceitando a adesão de membros anarquistas e do partido comunista. Também na França, em 1929, foi fundado o movimento *Giustizia e Libertà* por Carlo Rosselli, que rivalizou em aspectos teóricos e formas de atuação com a *Concentrazione*. No Brasil, a *Concentrazione* surgiu em 1928 (BERTONHA, 2023).

No Brasil, a primeira organização nacional criada na luta antifascista foi a *Unione Democratica* criada no Rio de Janeiro em 1924, abrindo uma secção em São Paulo, com Antonio Piccarolo e Antonio Cimatti. Outras iniciativas no ano de 1926 foram a *Associazione Giacomo Matteotti* em São Paulo, *Fronte Unico Antifascista* em Cutitiba e Liga Internacional de Defesa Democrática em Belo Horizonte. Porém, estas iniciativas não tiveram grande adesão (TRENTO, 1989, p. 371). Já no ano de 1927, surgiu em São Paulo a *Lega Antifascista*, com o apoio de Francesco Frola.

Outro ponto de apoio importante para o movimento antifascista foi a *Lega Lombarda*. Fundada em São Paulo em 1897, esta entidade de mútuo socorro deu suporte à pauta antifascista. Nas palavras de Luigi Biondi sobre a história da *Lega*:

A caracterização regional lombarda continuou se diluindo e desaparecendo quase por completo em lugar, como dissemos, de uma do norte da Itália, mas esta também, realmente, foi se perdendo a favor de uma italianidade geral caracterizada, porém, por uma atitude antifascista militante, que colocou esta associação na frente das agremiações e grupo italianos de São Paulo contrários ao governo fascista.

Esta atividade se integrou a uma de participação ativa no mundo político propriamente brasileiro, aspecto que tinha sido praticamente ausente até meados dos anos de 1920.

Foi durante os anos de 1930 que a *Lega Lombarda* se tornou em São Paulo um dos principais focos de reuniões locais de socialistas, comunistas e sindicalistas tendo abrigado, aliás, encontros da Aliança Nacional Libertadora. Sindicalistas da Federação Operária de São Paulo (FOSP) utilizavam frequentemente os locais da sociedade para suas reuniões, entre o final dos anos vinte e a primeira parte dos anos trinta, o que colocava a associação duplamente sob a mira do DOPS: antes, na 1ª República, por apoiar o movimento operário organizado que a FOSP expressava e depois, durante a década de 1930, porque esta antiga federação sindical, a partir de um certo momento, começou a obstaculizar em São Paulo o projeto trabalhista varguista (BIONDI, 2011, p. 9).

É importante registrar que no cenário do Cone Sul, as atividades do movimento antifascista também ocorreram, como indica a pesquisa de Ângela Meirelles de Oliveira (2015), referente aos intelectuais do Cone Sul que, em alguma medida, foram similares aos movimentos ocorridos no Brasil.

A atuação dos intelectuais do Cone Sul na luta contra o fascismo mostrou-se bastante semelhante: dedicaram-se ativamente à produção e disseminação de conhecimento, tanto direcionada aos setores populares como a seus pares, por meio de palestras, conferências e debates. O fomento das atividades culturais assumia, nessa conjuntura, o caráter de contrapropaganda frente à disseminação das ideologias autoritárias e fascistas. Os intelectuais também criaram associações que contribuíram para a renovação da atmosfera artística em seus países, por meio da inserção de novos artistas plásticos, renovação da crítica e pressão para a ampliação dos espaços públicos de promoção das artes.

Como se procurou mostrar, a atuação dos intelectuais no âmbito das lutas antifascistas no Cone Sul resultou de um cruzamento entre aspirações de transformação política e social e luta pela afirmação do intelectual como sujeito coletivo, atuante na sociedade, sobretudo na condição de crítico. O posicionamento dos intelectuais foi mediado por diferentes instâncias (partidos políticos, tradições filosóficas etc.), o que contribuiu para a heterogeneidade de vozes nas associações antifascistas, com maior ou menor presença dos comunistas, reformistas, radicais, positivistas, socialistas etc. (OLIVEIRA, 2015, p. 53).

Como será apresentado na sequência, o principal elo de diversas correntes de pensamento antifascista no Brasil estava no jornal *La Difesa* que interagiu em diversas fases com os movimentos antifascistas, seja naqueles de caráter mais amplo quanto aqueles mais próximos das disputas partidárias, como no caso do *Concentrazione* vinculado aos socialistas.

Assim, o movimento antifascista brasileiro esteve ligado às iniciativas internacionais em apoio e suporte aos exilados italianos e com seus reflexos no Brasil. Foi fundamentalmente conduzido por italianos que através de iniciativas associativas procuraram divulgar a pauta antifascista. Por outro lado, os movimentos partidários, com destaque para os socialistas, também atuaram na disseminação do antifascismo, dialogando e interagindo nesses grupos e associações. O movimento foi limitado a uma esfera mais intelectual, restrito ao entorno da "italianidade", não permitindo que o tema tivesse um impacto maior em setores mais populares e sindicais.

3.3 MAÇONARIA E O CONDE FRANCESCO FROLA

A maçonaria cumpriu um papel importante na luta antifascista mundial. O movimento maçom italiano entrou em conflito com os rumos do regime fascista que adotou posicionamentos contrários aos ideais e ao sistema de funcionamento da maçonaria. Essa divergência abriu o caminho para que parte significativa do movimento maçônico internacional aderisse a uma pauta antifascista, o que repercutiu em maior ou menor grau no movimento.

O pesquisador Daniele Mansuino (2014) traz elementos que sinalizam os primeiros tensionamentos entre a maçonaria e o fascismo italiano. Destaca o pesquisador que em 19 de outubro de 1922, pouco antes da Marcha sobre Roma de Mussolini, o Grande Mestre da Maçonaria Italiana produziu uma circular interna justificando a necessidade de adesão ao fascismo, em face da situação da Itália no momento, mas ao final da circular, o Grande Mestre advertia que, caso a liberdade fosse cerceada ou se as liberdades individuais essenciais fossem prejudicadas, e se uma ditadura ou oligarquia fosse imposta, todos os maçons saberiam o seu dever, pois a sua tradição ensina que a liberdade é o tema central para a maçonaria (MANSUINO, 2014).

Em sequência, em fevereiro de 1923, o grande Conselho do Fascismo decretou a incompatibilidade de relações entre o Partido Fascista e a maçonaria, iniciando um amplo processo de perseguições contra as lojas maçônicas. Como reporta Mansuino:

Nella primavera del 1924 cominciarono a registrarsi le prime bastonature e i primi attacchi alle Logge. Soprattutto i Massoni toscani aparceiro fin da allora nel mirino del regime, ma analoghi episodi si verificarono in ogni parte d'Italia: Milano, Bologna, Venezia, Perugia, Foligno, Spoleto, Forlì, Bari, Taranto, Andria, Narni, Termoli, Monteleone, San Severo. (MANSUINO, 2014, n.p.).⁵²

As tensões e perseguições persistiram, culminando com a promulgação, em novembro de 1925, de uma lei que regulamentava as atividades de associações, impondo controles e proibições para o seu funcionamento. Essa lei, que foi usualmente denominada como "lei contra a maçonaria", também agia sobre um amplo

⁵² Na primavera de 1924 começaram a ser registrados os primeiros espancamentos e ataques às Lojas. Acima de tudo, os maçons toscanos apareceram a partir de então na mira do regime, mas episódios semelhantes ocorreram em todas as partes da Itália: Milão, Bolonha, Veneza, Perugia, Foligno, Spoleto, Forlì, Bari, Taranto, Andria, Narni, Termoli, Monteleone, São Severo (tradução nossa).

espectro no funcionalismo público italiano. Nesse sentido, a legislação do governo fascista tinha um alvo direto:

La Massoneria non veniva neanche citata, ma era a tutti noto che era la destinataria del provvedimento repressivo. Quello che pochi intuirono era invece il pericolo che correva tutto l'associazionismo, compreso quello politico e religioso. Era facile ottenere la desione della maggioranza parlamentare a una iniziativa volta a colpire una associazione sgradita a molti. Ma la legge, una volta ta le, poteva essere poi applicata a tutti i movimenti di opposizione (CIUFFOLETTI; MORAVIA, 2004, p. 180).⁵³

Esses dois episódios, somados a outros movimentos de pressão e tentativa de controle das associações — como a maçonaria —, impeliram os maçons em direção ao antifascismo. Isso não significa que a adesão fosse total, na medida em que diversos maçons circulavam nos meios fascistas (incluindo figuras destacadas do fascismo, como Luigi Capello), mas pela repercussão do tema internacionalmente, é seguro afirmar que parcela significativa aderiu aos movimentos antifascistas, principalmente no exterior. Este foi o caso brasileiro, onde a maçonaria participou na disseminação de ideais em contraponto ao regime de Mussolini.

A disseminação do antifascismo nos meios maçônicos se desenvolveu (a) na ampliação e criação de lojas maçônicas; (b) no apoio e suporte à pauta antifascista; e (3) na presença de lideranças antifascistas vinculadas à maçonaria. Bertonha observa, referente às lojas maçônicas, com destaque para lojas do estado de São Paulo, que diversas foram abertas no período, como

"Nazario Sauro", "Giuseppe Garibaldi", "Primo Maggio", "XX Settembre", "Marconi" e muitos outros. Esse alto número é, porém, um pouco ilusório, pois parece ter havido, na verdade, um processo contínuo de abertura e de fechamento de lojas que se reconstruíam facilmente depois da dissolução, assumindo novos nomes. As fontes fascistas indicam, aliás, como muitas dessas dissoluções/reconstruções visavam justamente à formação de lojas maçônicas mais diretamente ligadas à luta antifascista, como a criação da loja "Giacomo Matteotti" em 1926 e a da "Guglielmo Oberdan", de inspiração republicana, também em 1926, demonstram exemplarmente (BERTONHA, 2023, p. 238).

⁵³ A Maçonaria sequer foi mencionada, mas era do conhecimento de todos que ela era a destinatária da medida repressiva. O que poucos compreenderam, porém, foi o perigo que corriam todas as associações, incluindo as políticas e religiosas. Foi fácil obter o consentimento da maioria parlamentar para uma iniciativa que visava uma associação que não era bem-vinda para muitos. Mas a lei, uma vez tal, poderia então ser aplicada a todos os movimentos de oposição Tradução nossa).

Diversos expoentes da luta antifascista tiveram ligações com lojas maçônicas, como Francesco Frola, Nico Cilla e Mario Mariani e, em muitas situações, as atividades de articulações antifascistas, como a *Lega Italiana dei Diritti dell'Uomo*, aconteceram em templos maçônicos na capital paulista (BERTONHA, 2023, p. 238-239). A circulação de intelectuais italianos que disseminaram a pauta antifascista articulada com a maçonaria também representou um elemento importante, como no caso do jornalista italiano Candido Testa que realizou conferências pelo Brasil. Ao abordar as relações do Grupo Antifascista Giacomo Matteotti de Porto Alegre, seu percurso e personagens, fica evidenciada a importância do universo maçônico na divulgação da agenda antifascista.

O jornal carioca *A Rua*, na edição de novembro de 1927, exemplifica a circulação do tema na imprensa. Trata a matéria de correspondência recebida pelo jornal da Loja Maçônica Giacomo Mateotti, em agradecimento à defesa realizada pelo jornal dos ataques direcionados a Francesco Frola⁵⁴.



Figura 16 - Excerto do jornal *A Rua* do Rio de Janeiro de 22/11/1926. Fonte: Print de tela. Hemeroteca Digital Brasileira.

O "*fuorusciti*" Conde Francesco Frola representou esse perfil de militante antifascista. Deputado no parlamento italiano, socialista, intelectual, maçom e disseminador dos ideais antifascistas, Frola circulou entre Itália, Brasil, França e

⁵⁴ A RUA, Rio de Janeiro, 22/11/1926. Hemeroteca Digital Brasileira.

México. No Brasil, foi um destacado militante, atuando fortemente na cidade de São Paulo (com destaque para o período em que esteve à frente da direção do jornal *La Difesa*) e também circulando suas ideias em outros estados⁵⁵, como no caso de Porto Alegre, onde proferiu conferências ligadas ao Grupo Matteotti de Porto Alegre e à maçonaria local.

Em artigo sobre a vida e militância de Francesco Frola, o pesquisador João Fábio Bertonha traz um cenário amplo de sua trajetória de vida. Em um dos poucos registros bibliográficos sobre o tema, Francesco Frola

[...] nasceu em Torino em 1886, de família nobre e abastada. Desde cedo, desenvolveu atividade socialista e teve vida desordenada por causa de seus ideais, brigando com a família e emigrando para a América, onde trabalhou como operário. Em 1911, voltou à Itália e se inscreveu no PSI, para o qual fez forte propaganda. Também escreveu um romance com tons anticlericais e de defesa da democracia (FROLA, 1914). Por causa de suas tendências socialistas, sofreu diversas punições no Exército, para o qual foi convocado durante a Primeira Guerra Mundial.

Eleito deputado nas eleições de 1919, não se reelegeu em 1924. Escreveu um livro defendendo a aliança dos pequenos proprietários rurais com o proletariado urbano pelo socialismo (FROLA, 1923) e, perseguido pelos fascistas, fugiu para a França em 1925. Lá, exerceu atividade antifascista e foi vice-diretor do importante jornal antifascista *Il Corriere degli Italiani* (BERTONHA, 2000, p. 215).

A vinda de Frola ao Brasil não foi deixada de lado pelo monitoramento diplomático do governo italiano, o que já demonstra a importância da ação de Frola no combate ao fascismo. Em 1926, o Embaixador italiano no Brasil, Montagna, articula junto ao governo brasileiro a proibição de seu desembarque em nosso país, tema que monopolizou os debates à época. A imprensa do centro do país destacou a controvérsia, como o jornal *A Manhã*, do Rio de Janeiro⁵⁶, que em matéria intitulada "Pura covardia!" criticou acidamente o episódio. Após ampla movimentação de personalidades e da maçonaria — que articulou para que o comandante da força pública trocasse a guarda do porto, a fim de facilitar o seu desembarque "irregular" — Frola, após um período de ajustes com as autoridades brasileiras, consolidou a sua permanência no Brasil.

⁵⁵ Trento cita a passagem de Frola por São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Santa Catarina, Mato Grosso e Paraná (TRENTO, 1989, p. 372).

⁵⁶ A MANHÃ. Rio de Janeiro. 17/10/1926. Hemeroteca Digital Brasileira.



Figura 17 - Capa do jornal A Manhã, do Rio de Janeiro, de 20/10/1926. Fonte: Print de tela. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira.

O impacto no universo antifascista brasileiro com a chegada de Francesco Frola, para além das matérias de imprensa e da sua articulação em diversos setores da sociedade, não passou despercebido pelas memórias da escritora Zélia Gattai. Embora sua obra se apresente como um registro de memórias, é significativa a passagem que dá amplitude ao universo de representação do "personagem" Francesco Frola. Assim, a autora apresenta uma "dimensão real e humana" em passagem de sua publicação sob o título "Conde Frola":

Naquela noite papai nos deu pressa. Com um orador daqueles, o salão estaria repleto logo cedo. Todo mundo já arrumado esperando por mamãe, o carro em movimento na porta e ela ainda tomando providências. Mamãe era sempre a última a estar pronta. Papai reclamava deixando a pobre desatinada, atrasando-a ainda mais. [...] Finalmente, o conde Fróla chegou. Homem forte, rosto redondo, sanguíneo, o crânio calvo luzia como um queijo-do-reino. Reconheci alguns homens da comitiva que o acompanhava ao palco. Eram todos figuras importantes: professores e jornalistas renomados. Entre eles estava Edgard Leuenroth, José Oiticica, Alexandre Cerchiai, Ângelo Bandoni e Oreste Ristori. [...] Fróla tomou da palavra. Falava de improviso, difícil saber se seria longo ou não. A sala veio abaixo de tantos aplausos. Orador tarimbado, transmitia com facilidade o seu pensamento, dando inflexão à voz, falando pausadamente, gesticulando pouco. Como já

era esperado, tratou do assunto Sacco e Vanzetti, informou a respeito dos movimentos mundiais em prol dos inocentes. Aplausos intermináveis o interrompiam cada vez que pronunciava os nomes dos prisioneiros, fazendo retardar enormemente a conferência. Mas falou sobretudo do regime fascista na Itália, “implantado por Mussolini” — vaias de não acabar — “verdadeiro atentado à dignidade humana...” (GATTAI, 2009, n.p.).

De sua chegada até os primeiros anos da década de 1930, Frola atuou fortemente na pauta antifascista com conferências, presença na imprensa escrita e fundamentalmente na condução do jornal *La Difesa*. O gradual tensionamento do governo brasileiro, em articulação com o corpo consular italiano e o integralismo de Plínio Salgado, pressionava as atividades de Frola no Brasil, culminando em sua partida para o México, em 1938. De lá, retornou ao Brasil já no pós-guerra, em 1946. Este cenário também é abordado por Angelo Trento:

No plano do antifascismo italiano, iniciou-se um rápido processo de declínio já em 1932. Os choques que haviam caracterizado o quadriênio precedente não foram superados e surgiu uma seção do PSI oposta ao grupo Matteotti, bem como uma nova associação "Italia Libera". Foram precisamente essas três organizações que contribuíram, em 1933, juntamente com grupos brasileiros, para fundar a "Frente Única Antifascista" que, frequentemente, se reunia na sede da "Lega Lombarda".

Ligar-se à esquerda brasileira foi, aliás, a opção feita por alguns militantes que não queriam renunciar a desenvolver uma atividade política, no início dos anos 30. O próprio Frola, depois de obter a cidadania brasileira, tentou fundar, com outros, um efêmero Partido Socialista Brasileiro, dirigindo uma revista em português, igualmente efêmera: *Socialismo*. Em 1934, preso em consequência de incidentes, foi-lhe proibido residir em São Paulo. Mudou-se, então, para o Rio de Janeiro, onde permaneceu sem desenvolver atividade importante até a sua partida para o México (TRENTO, 1989, p. 381).

Nesta reduzida síntese, apresenta-se o cenário da articulação antifascista promovida pela maçonaria, assim como são traçados alguns dados relativos à atuação do Conde Francesco Frola no Brasil. É possível aduzir que estas ações potencializaram o movimento antifascista e, no período, foram a principal linha de atuação no universo dos italianos no Brasil, estendendo-se para parte da população brasileira que teve acesso à pauta, não só pelas atividades promovidas por Frola e diversos grupos, mas sobretudo pelo papel da imprensa.

3.4 IMPRENSA ANTIFASCISTA E O JORNAL *LA DIFESA*

Na segunda década do século XX, o Brasil já dispunha de uma considerável rede de jornais impressos em circulação no país. Durante esta pesquisa, foi possível identificar que a pauta da disputa entre o fascismo e o antifascismo ocupou as páginas dos jornais, em destaque para os jornais regionais do Rio Grande do Sul, como *A Federação* e o *Correio do Povo*, e jornais do centro do país, como *A Manhã*, *O Paiz*, *Correio da Manhã*, *A Noite*, entre outros. No período de 1922 a 1930, havia uma tendência de adesão maior, por parte das redações, aos adversários do *fascio*:

Mesmo quando não existiam motivações ideológicas, os jornais demonstraram maior simpatia para com os adversários do fascismo, pelo menos até 1930. *Diário Nacional*, *Diário da Noite*, *O Povo*, *O Combate*, *A Capital*, *A Platea*, *Folha da Manhã* e, no Rio de Janeiro, *O Jornal* e *O Globo* publicavam frequentemente notas contra o regime e seus representantes no Brasil. O Estado de S. Paulo publicava com certa regularidade artigos de Nitti e, até 1930, teve como redator-chefe Nicola Ancona Lopez, ativo antifascista italiano.

Em todo caso, a solidariedade da imprensa brasileira foi de duração limitada. O próprio Piccarolo, que colaborava esporadicamente no O Estado de S. Paulo, teve vários artigos recusados em consequência de pressões do embaixador italiano. Francesco Frola, que assinava uma página de *Vida Italiana* na *Folha da Manhã* desde praticamente a sua chegada, dela foi privada em 1927, por uma intervenção de cima. Em 1930, a seção caiu em mãos fascistas, quando o novo responsável por ela, Nino Daniele, foi substituído por Ferruccio Rubbiani, chefe do serviço de imprensa do consulado. O mesmo Rubbiani substituiria, mais tarde, Mario Mariani em *A Platea*, em que se entrara em 1931 e na qual escrevia quase cotidianamente (TRENTO, 1989, p. 359).

Especificamente no caso do Rio Grande do Sul, os jornais regionais tiveram uma visão mais "neutra" dos episódios envolvendo a Itália e as críticas ao governo de Benito Mussolini. Por se tratar de um período de consolidação do fascismo, ao menos nas notícias vinculadas entre 1922 e 1930, em regra geral a ênfase foi bastante informativa, sem pender em demasia para um lado ou para outro. Parte significativa das notícias relativas à Itália foram compostas por matérias de correspondentes internacionais ou relativas às movimentações do consulado italiano no estado. Quanto à pauta antifascista, seguiu em menor incidência o mesmo caminho. Entretanto, em ambos os jornais regionais, foram frequentes as notícias referentes à atuação do Grupo Giacomo Matteotti de Porto Alegre e às atividades antifascistas patrocinadas pelo grupo e pela maçonaria.

Por evidência, jornais e boletins vinculados aos anarquistas, sindicalistas e partidos de esquerda reproduziram em seus informativos temas da agenda antifascista, mas com uma pauta exclusiva, os periódicos foram bastante restritos. Em um importante trabalho sobre a imprensa italiana no Brasil, Angelo Trento aborda a questão da imprensa antifascista, indicando a sua frágil rede e um número bastante limitado de órgãos jornalísticos. Nesse sentido,

As publicações contrárias a Mussolini foram pouco menos de vinte (das quais só três não eram da cidade de São Paulo), mas circularam apenas dois números únicos — *Il Combattente* e *Il Reduce* — que saíram para dar voz aos membros que procuravam impedir que a *Associazione Reduci* (Associação dos Veteranos) da capital paulista passasse ao controle fascista. Normalmente com vida curta ou curtíssima (apesar de duração um pouco maior das duas gazetas libertárias do período, *Alba Rossa* e *Guerra Sociale*), não raramente foram fruto de divisões internas. Duas folhas tinham conotação levemente humorística e os nomes que mais apareciam entre os fundadores eram os de Alessandro Cerchiai e de Nino Daniele que deram vida, cada um, a um periódico e, os dois juntos, a mais três. Tratava-se de uma colaboração muito curiosa, pois Cerchiai havia sido um dos pilares da imprensa libertária até a Primeira Guerra Mundial (mas trabalharia no *Fanfulla* de 1922 a 1925), enquanto Daniele, nacionalista, havia participado da invasão de Rijeka e também tinha passado pela redação do *Fanfulla*. Na realidade, somente três jornais tiveram certa duração: *Il Popolo d'Italia*, do Rio, que durou de 1922 a pelo menos 1927 e do qual não restou, porém, nenhuma cópia; *Il Risorgimento*, de 1928 a 1929; e *La Difesa*, de 1923 a 1934, em São Paulo (TRENTO, 2013, p. 125).

O jornal *La Difesa* foi o veículo de imprensa antifascista que mais se destacou no período, pelo seu tempo de circulação, periodicidade e como vetor de divulgação da agenda antifascista. Foi fundado em 1923 por Antonio Piccarolo, socialista moderado que já se encontrava no Brasil desde 1906. Em sequência, assumiram a direção do jornal: Antonio Cimatti, Francesco Frola, Mario Mariani, Nicola Cilla e Bixio Piciotti. Na primeira fase, o jornal dirigido por Piccarolo se caracterizou por uma pluralidade de opiniões no âmbito das discussões de diversas correntes do antifascismo, não impondo uma linha editorial única. Ainda sobre a fase de formação do jornal, assim aborda João Fábio Bertonha:

Este periódico (que, sob diferentes direções e fases, durou, como veremos, até 1934) surgiu por iniciativa de diversos militantes políticos e intelectuais italianos e, especialmente, de Antonio Piccarolo, em 7 de abril de 1923. O motivo imediato para sua criação foi a conversão

do jornal *Il Piccolo* (onde Piccarolo fazia propaganda antifascista) ao fascismo, mas Piccarolo também indicou, posteriormente, como os objetivos de ordenar e reorganizar o antifascismo em um momento difícil também estavam (PICCAROLO, 1934b, p. 21).

O jornal, financiado basicamente com recursos das lojas maçônicas, foi publicado quinzenalmente até 29/6/1924, quando foi suspenso em razão da Revolução Paulista de 1924.

Retomado em 25/12/1924, continuou sob direção de Piccarolo até 1926, quando ele a transferiu para o conde Francesco Frola, o qual imprimiu uma linha diferente ao jornal e entrou em conflito com Piccarolo, gerando divisões que marcaram o antifascismo (BERTONHA, 2023, p. 83).

Em 1926, Francesco Frola assumiu a direção do jornal a convite de Piccarolo, vivendo o jornal antifascista uma nova fase. O conteúdo se tornou mais agressivo, ação característica de Frola que, por seu dinamismo, impôs uma condução mais contundente da pauta antifascista⁵⁷. O período de Frola marcou uma aproximação do jornal com um antifascismo mais à esquerda, em contraponto a uma linha editorial anterior de um movimento antifascista de caráter mais intelectual, com Piccarolo. Francesco Frola flertou com amplos setores, inclusive com os comunistas (BERTONHA, 2023, p. 97).

Após o período de Frola, a direção do *La Difesa* passou para Mario Mariani e, na sequência, para Nicolla Cilla, ambos com relações estreitas com Piccarolo, retornando o jornal a uma linha editorial próxima à de Piccarolo. Em 1931, o jornal passou a se chamar *L'Italia*, mas a experiência não funcionou e o nome *La Difesa* foi retomado, com a direção de Bixio Picciotti, encerrando suas publicações em 1934.

O jornal *La Difesa* foi o principal veículo de circulação de ideias antifascista no Brasil, exercendo, em suas diversas fases, uma coesão das diversas linhas de pensamento do antifascismo. Com o seu fim, o mundo antifascista italiano entrou em decadência, pressionado por eventos como a Guerra da Etiópia em 1935, novos jornais em circulação, o contínuo crescimento da popularidade do *fascio* dentro e fora da colônia italiana (BERTONHA, 2017, p. 94).

⁵⁷ Piccarolo, descontente com os rumos do *La Difesa*, editou em 1928 o jornal *Il Risorgimento*, direcionado aos ítalo-brasileiros.

4 ANTIFASCISMO EM PORTO ALEGRE

4.1 O GRUPO ANTIFASCISTA GIACOMO MATTEOTTI

Como já foi abordado anteriormente, o movimento antifascista no Brasil, destacadamente na cidade de São Paulo, iniciou uma fase de maior organização, impulsionado pelo assassinato do deputado italiano Giacomo Matteotti, em junho de 1924, por militantes fascistas⁵⁸.

Giacomo Matteotti nasceu em Fratta Polesine, região do Vêneto, e desde muito cedo aderiu aos ideais socialistas, participando ativamente de atividades políticas. Formado em Direito pela Faculdade de Bolonha, foi conselheiro comunal em sua cidade e também conselheiro provincial, sendo eleito deputado pelo Partido Socialista Italiano no ano de 1919. Reconhecido como um combativo deputado socialista, em confronto permanente com os fascistas, publicou em 1923 um trabalho sob o título “Um ano de dominação Fascista”, em que realizou uma ampla análise do fascismo e de suas violências, o que provocou amplos debates nos meios políticos na Itália.

Em 30 de maio de 1924, Matteotti realizou um potente discurso no parlamento italiano denunciando fraude no processo eleitoral, promovida pelos fascistas, e suscitando a anulação daquelas eleições — o que, após votação dos deputados, não foi aprovado. Matteotti, já sabedor da truculência dos fascistas, poderia imaginar que reações ao seu discurso aconteceriam, como o próprio Matteotti comentou, de acordo com relato da pesquisadora Simona Colarizzi:

Matteotti sapeva bene quale prezzo i fascisti gli avrebbero fatto pagare per il suo temerario intervento in Parlamento, dove aveva alzato la voce per contestare <in tronco la validità delle elezioni della maggioranza> — la citazione è testuale; lo sapeva talmente bene che aveva chiuso la sua denuncia com queste parole rivolte as compagni del grupo socialista unitario <lo, il mio discorso l'ho fatto. Ora voi

⁵⁸ Os jornais Correio do Povo — com mais ênfase — e A Federação publicaram diversas matérias referentes à morte de Giacomo Matteotti, no período que vai de junho de 1924 a agosto de 1924. Em duas oportunidades, o Correio do Povo publicou matéria de capa (edição número 147, de 11 de junho e edição número 152, de 27 de junho de 1924) acerca dos acontecimentos em desenvolvimento na Itália, decorrentes do sequestro seguido de morte de Matteotti. Em mesmo sentido, em busca online na Hemeroteca Digital Brasileira, verificou-se que diversos jornais do centro do país também deram destaque aos eventos decorrentes do assassinato de Matteotti.

prepararei l discurso funebre per me> (COLARIZI, 2023, p. 59, grifo nosso).⁵⁹

Em 10 de junho de 1924, Matteotti foi raptado em Roma, próximo a sua casa, quando se dirigia para o parlamento. Rapidamente, pistas do evento indicaram a participação de militantes fascistas, tendo o evento repercutido em toda a imprensa internacional. O corpo de Matteotti foi localizado em 16 de agosto em uma localidade próxima a Roma, gerando uma grande comoção na Itália e amplas consequências políticas naquele contexto. Albino Volpi, Americo Dumini e Anleto Poveromo, três destacados fascistas próximos a Mussolini foram condenados, mas logo anistiados pelo rei da Itália.

Na sequência do assassinato de Matteotti, o *Aventino* foi o principal movimento de contestação do fascismo naquele momento, que consistiu no abandono do parlamento italiano por um grupo de deputados entre socialistas, republicanos, populares, democratas radicais e comunistas, motivados pelo recente assassinato de Giacomo Matteotti, em uma tentativa de conduzir a sociedade italiana a se insurgir contra o governo fascista e obrigar o rei Vittorio Emanuele III a demitir Mussolini do poder. Em análise sobre o período histórico do Aventino, José Carlos Mariátegui assim aborda o tema:

O programa da oposição do Aventino se concretiza numa só palavra: Liberdade. Quando se traça o programa da liberdade política, da liberdade civil — dizem os grupos do Aventino para explicar sua eventual coalizão — todos os demais problemas passam para um segundo plano.

[...] na oposição do Aventino se confundem burgueses e proletários. Mussolini a chama de "oposição variegada". E o termo não é, na verdade, inexato. Variegado e heterogêneo, o bloco do Aventino o é realmente. Contém grupos e programas diversos e até antitéticos: liberais de vários matizes ligados por uma comum adesão à monarquia constitucional; republicanos de ideologia mazziniana que trabalham para obter da presente crise ampliação do proselitismo da república; populares ou católicos a quem seu grande animador Dom Sturzo deu um programa social-cristão; socialistas unitários ou reformistas prontos a colaborar no governo; socialistas maximalistas que oscilam entre a tática colaboracionista e a tática intransigente. Cada um desses grupos afirma, dentro do bloco do Aventino, a independência de seu próprio programa. [...] Só os comunistas lutam pela revolução.

⁵⁹ Matteotti sabia bem qual o preço que os fascistas o fariam pagar pela sua intervenção imprudente no Parlamento, onde levantou a voz para contestar — em essência a validade das eleições majoritárias — a citação é textual; ele sabia tão bem que encerrou a sua reclamação com estas palavras dirigidas aos camaradas do grupo socialista unitário "Já fiz o meu discurso. Agora você prepararia o discurso fúnebre para mim" (tradução nossa).

O Partido Comunista tentou empurrar os grupos do Aventino para uma via revolucionária. Convidou-os a funcionar como Parlamento do povo em oposição ao Parlamento do fascismo. O bloco do Aventino evitou escutar esse convite. Aos interesses que representam Amendola, Colonna Di Cesaró, o senador Albertini e o conde Sforza lhes interessa muito que caiam Mussolini e o fascismo; mas lhe interessa muito mais, contido, que sua queda não comprometa a sorte da burguesia (MARIATEGUI, 2008, p. 220-221).

Embora o movimento estivesse em um momento político propício, as dificuldades de articulação desta heterogênea base constitutiva do grupo do Aventino reduziram a sua capacidade de ação diante dos movimentos de Mussolini para se manter no poder. Ainda, em decorrência dessa falta de coesão estratégica, a capacidade de mobilização popular — também cerceada pelas violências fascistas — não foi utilizada com força suficiente para constranger o rei da Itália a indicar a demissão do *Duce*.

Após a trágica morte de Matteotti, seu nome — e suas ideias — passaram a representar, em grande medida, um símbolo do antifascismo no mundo, recebendo constantes homenagens e permanente lembrança de sua destacada atuação parlamentar, consagrando Giacomo Matteotti como uma figura marcante no movimento antifascista durante toda a década de 1920 e referência ainda nos tempos atuais, destacadamente na Itália.

Neste cenário de ampliação do movimento antifascista, um grupo de imigrantes italianos da capital do Rio Grande do Sul decidiu criar o Grupo Antifascista Giacomo Matteotti em Porto Alegre. O jornal *Correio do Povo*, em 23 de junho de 1926 (matérias em mesmo sentido também foram publicadas no jornal *A Federação*, na mesma data⁶⁰, e no jornal *O Paiz*, de 25 de junho de 1926⁶¹), assim descreveu o ato de fundação do grupo:

GRUPO ANTI-FASCISTA "Um grupo de membros da colonia italiana, aqui residente, em reunião anteontem, realizada resolveu fundar um grupo anti-fascista. Depois de terem falado varios oradores, foi eleito o seu comité director, que ficou constituido dos srs.: Amilcare Ferrari, Carlos Galti, Antonio Campagna, Aman Piattelli, Geremia Bini, Luigi Superti, Afonso Diquigiovanni, Eugenio Zannini, Eriberto Piovesan, Enrico Gherard, Ferrucio Piattelli e Arduino Bernardo. O grupo anti-fascista tomou o nome de "Giacomo Matteotti", como em homenagem á memória do deputado italiano, assassinado há dous annos." (BRUM, 2009, p. 196).

⁶⁰ A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 23/06/1926. Hemeroteca Digital Brasileira.

⁶¹ O PAIZ, Rio de Janeiro, 25/06/1926. Hemeroteca Digital Brasileira.

Esse grupo antifascista da cidade de Porto Alegre pode ter sido o primeiro no país criado em homenagem ao deputado Giacomo Matteotti, em que pese a existência de outros grupos com denominação similar. Existem registros da criação da Associazione Giacomo Matteotti no ano de 1926 (TRENTO, 1989, p. 371) e do Gruppo Socialista Giacomo Matteotti⁶², ambos no estado de São Paulo. Há também registro da criação, em São Paulo, da loja maçônica Giacomo Matteotti, em 1926 (BERTONHA, 2023, p. 238). No ano de 1926, mostrou-se uma intensificação das atividades antifascistas no Brasil, destacadas pela criação de grupos como os acima mencionados.

Embora todos esses grupos estivessem ligados pela figura de Giacomo Matteotti e por uma conotação antifascista em sua atuação, não foi possível identificar a existência de uma articulação e interação entre eles. A representatividade do símbolo político de Matteotti pode ter incentivado a formação desses grupos, mas ela não derivou de uma única ação propulsora, como por exemplo, uma diretriz geral do Partido Socialista ou uma orientação relacionada ao movimento maçônico nacional. Assim, tais grupos não foram formados nem atuaram de forma unificada.



Figura 18 - Destaque da matéria de criação do Grupo Anti-fascista Giacomo Matteotti no jornal A Federação de 23 de junho de 1926. Fonte: Print de arquivo digital (Hemeroteca Digital Brasileira). Acervo.

⁶² LA DIFESA, São Paulo, 21/11/1926. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

As informações sobre a atuação do Grupo Matteotti de Porto Alegre estão registradas na imprensa, com citações nos jornais regionais *Correio do Povo* e *A Federação*, nos jornais *O Paiz* e *Folha da Manhã*, do centro do país, e no jornal *La Difesa*, publicado em São Paulo em língua italiana. Os periódicos registram as atividades do grupo, as manifestações públicas e as articulações com os movimentos antifascistas brasileiro e europeu. As análises sobre estas matérias mostram a evolução de sua atuação, o surgimento de novos componentes e, fundamentalmente, demonstram a existência de atividades orgânicas, desde a sua fundação até o final da década de 1920.

Retomando a construção da trajetória de vida de Attilio Superti, a partir da narrativa apresentada pelos depoimentos de suas netas, a existência desse grupo e da sua participação no ato de fundação não era de conhecimento dos familiares e, portanto, não apareceu nos depoimentos orais. Também não havia nenhuma evidência da existência do grupo em seus documentos pessoais e de seus familiares. Nesse sentido, a “descoberta” da participação de Attilio nesse grupo se constituiu como um “achado de pesquisa”, pois surgiu e tomou destaque ao longo do processo de pesquisa para esta dissertação.

Como registro inicial, é possível considerar que a formação do grupo não foi um objeto espontâneo, derivado de um impulso de alguns italianos em defesa da causa antifascista. Sua criação não ocorreu sem uma organização prévia e sem uma discussão, ao menos, inserida em um movimento maior do antifascismo brasileiro. Tal afirmação pode ser sustentada por dois episódios registrados no jornal *La Difesa*, envolvendo nomes de fundadores do grupo de Porto Alegre.

Em 21 de fevereiro de 1926, o jornal *La Difesa* registrou em sua sessão “*piccola posta*”, destinada a informações gerais de seus leitores, um comentário assinado por Enrico Gherardi⁶³, referente ao recebimento de exemplar do jornal *La Difesa* em Porto Alegre⁶⁴. Já em 23 de maio de 1926, o jornal registrou a “*sottoscrizione*⁶⁵ *pro-difesa*” de um conjunto de membros do futuro grupo de Porto Alegre, como Almicar Ferrari, Carlos Gatti, Enrico Gherardi, os irmãos Piattelli, Geremia Bini e Angelo Piattelli⁶⁶. Neste ponto, fica consignado, portanto, que já havia um grau de articulação dos futuros membros do Grupo Matteotti de Porto Alegre com os ideais antifascistas em âmbito nacional.

⁶³ Também denominado nos jornais pesquisados como Henrique Gherardi.

⁶⁴ LA DIFESA, São Paulo, 21/02/1926. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

⁶⁵ *Sottoscrizione* significa a assinatura para o recebimento periódico de jornais, no caso, o jornal *La Difesa*.

⁶⁶ LA DIFESA, São Paulo, 23/05/1926. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Em complemento, chama a atenção um evento na cidade de Porto Alegre, datado de 10 de janeiro de 1926 e registrado nas páginas do *La Difesa*. A matéria intitulada “*L’Ambasciatore Montagna a Porto Alegre*” registrou uma ação de 20 antifascistas que protestaram diante da chegada do embaixador italiano a Porto Alegre, que teria se pronunciado no sentido de sugerir, como representante do *fascio*, que somente considerava italianos aqueles que aderissem ao poder de Mussolini. Registrou a reportagem que foram apreendidos pela polícia boletins contendo as expressões “viva Matteotti” e “viva a Itália livre”. De forma irônica, o jornal complementa que a ação dos antifascistas em Porto Alegre teria sido o primeiro episódio — da colonização italiana no Brasil — de enfrentamento de um representante do estado italiano em uma visita oficial ao Estado ⁶⁷.

Neste ponto, é possível considerar, a partir dos elementos relatados, que os membros do Grupo Antifascista Giacomo Matteotti já preparavam, ao menos desde o mês de janeiro de 1926, atividades antifascistas na cidade de Porto Alegre, que culminaram na criação do grupo no mês de junho, próximo à data comemorativa do assassinato de Giacomo Matteotti, pouco mais de um ano e meio após a morte de Matteotti, em 1924.

Em uma abordagem complementar, a pesquisadora Rosemary Fritsch Brum analisa a criação do Grupo Matteotti de Porto Alegre, com uma ênfase diferenciada, como explica:

Em 12 de junho de 1926, o Correio do Povo noticia a conferência realizada no dia anterior, no salão do Palacete Rocco, de Erminio Gugliucci, jornalista italiano, sobre "A Itália de hoje." O conferencista fez um minucioso relato da marcha vitoriosa do fascismo até atingir seu estado atual, concorrendo poderosamente para o engrandecimento da Italia. Em seguida, fez um demorado exame e descrição do Rio Grande do Sul, falando do vasto campo que aqui se encontra aberto à atividade de seus compatriotas. O orador foi muito aplaudido pelo numeroso auditório presente à conferência. [...] Um dia antes, realiza-se na sede do 'Comitê Dante Alighier' uma reunião em que é eleito José Corsi como presidente do Grupo Fascista Porto-Alegre.

A reação não tarda, pois um grupo de membros da colônia italiana de Porto Alegre delibera pela fundação de um grupo antifascista. Constituem o comitê diretor: Amilcar Ferrari, Carlos Gerard, Ferruccio Piattelli e Arduino Bernardo (BRUM, 2009, p. 146).

⁶⁷ LA DIFESA, São Paulo, 10/01/1926. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

A análise da pesquisadora apresenta uma ênfase na formação do Grupo Matteotti em reação às atividades fascistas em Porto Alegre, o que complementa o universo de possibilidades de motivação para articular o movimento do grupo. A pesquisa, como foi relatado, sugere a existência de uma organização prévia ou, ao menos, o conhecimento da ação de membros do grupo em uma articulação antifascista entre Porto Alegre e o centro do país.

Em retorno a narrativa jornalística dos eventos e atividades relacionadas ao Grupo Matteotti de Porto Alegre, o jornal *Correio do Povo* de 06 de julho de 1926 registrou:

GRUPO ANTI-FASCISTA GIACOMO MATTEOTTI "Realizou-se ante-hontem, em uma das salas do Hotel Jung, a reunião do comitê organizador do Grupo Anti-Fascista Giacomo Matteotti, tendo a ella comparecido crescido numero de pessoas de todas as classes sociaes. Foi dado conhecimento das adesões recebidas, desde que se fundou o grupo, tendo-se, depois, resolvido que os artigos de propaganda sejam publicados na imprensa local. Ficou tambem combinado diffundir-se a venda do orgão 'La Difesa', que se publica em São Paulo, e a organização do comitê executivo, constituido pelos srs. Amilcar Ferrari, Carlos Gatti e Affonso Dequigiovanni." (BRUM, 2009, p. 197).

A matéria reforça a relação do grupo com o jornal *La Difesa* de São Paulo, e a pouco menos de um mês da reunião de fundação do grupo, também houve o anúncio de novas adesões e da promoção de campanha de propaganda na imprensa local. Ainda em julho de 1926, o jornal *A Federação* publicou nota, informando que foi definida a produção de um semanário de propaganda e a escolha do major Dante Pettinelli para compor a direção do grupo⁶⁸.

O jornal *Correio do Povo*, em 28 de julho de 1926, detalhou a reunião do grupo, citada pelo jornal *A Federação*:

CENTRO ANTI-FASCISTA "Esteve reunida, ante-hontem a commisao organizadora do Centro Anti-Fascista Giacomo Matteotti. Entre as diversas deliberações de ordem administrativa em relação á propaganda anti-fascista e a publicação de um boletim semanal ou bimensal, a comissão votou unanimemente os estatutos. Os paragraphos 1º e 2º são: § 1º – O fim do Centro Giacomo Matteotti é: combater o fascismo italiano, que no estrangeiro especialmente, só serve para desunir os componentes das diversas nacionalidades, dos mesmos italianos entre si, e crear antipatias entre elles e os brasileiros, reunir todos os homens, em geral, e os italianos aqui

⁶⁸ A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 17/07/1926. Hemeroteca Digital Brasileira.

residentes, em particular, sob a bandeira deste paiz hospitaleiro e pregar a harmonia completa entre todos os homens no ambito das leis da nação, sem influir de modo qualquer nas questões sociaes. §2º – O combate deve-se effectuar por meio da palavra, da imprensa, conferencias publicas etc., etc.” (BRUM, 2009, p. 200).

Dos estatutos do grupo — citados na matéria jornalística — é possível identificar três aspectos relevantes naqueles que constituíram os objetivos centrais da criação do grupo. Por evidência, (1) o combate ao fascismo como eixo central de atuação; (2) evitar disputas entre italianos e brasileiros decorrentes da ação dos fascistas, sem interferência em questões sociais locais; e (3) ações do grupo pela palavra, em eventos e imprensa. Estes eixos estão em linha com o movimento geral do antifascismo no Brasil. Nas palavras de Angelo Trento, o antifascismo acentuava o caráter imperialista do nacionalismo fascista, buscando evitar o trazer da pátria italiana para a pátria brasileira e, portanto, contestar o fascismo italiano não interferindo nas questões locais brasileiras (TRENTO, 1988, p. 356).

As atividades do grupo foram novamente objeto de nota pela imprensa do centro do país, como ficou destacado em matéria do jornal *Correio da Manhã* de 14 de setembro de 1926⁶⁹. Com o título “Além do borgismo... o fascismo no Rio Grande do Sul”, o correspondente do jornal em Porto Alegre relata o contato do cônsul italiano junto às autoridades do governo do estado, no sentido de dificultar as ações de antifascistas. Registra ainda que o grupo “resolveu repelir as ameaças contidas na folha local *Tribuna d'Itália*, de 4 de setembro, dando a necessária resposta pela imprensa, intensificando cada vez mais a propaganda”.

As matérias jornalísticas datadas do ano de 1926 indicam que nos primeiros seis meses de atividades formais do grupo Matteotti, ocorreram atividades de divulgação do antifascismo e também uma relação de aproximação com o antifascismo de São Paulo, destacadamente em relação ao jornal *La Difesa*⁷⁰. Em consequência, as ações de divulgação do grupo envolveram também enfrentamentos com o corpo diplomático italiano, indicando uma movimentação intensa do grupo e

⁶⁹ CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, 14/09/2026. Hemeroteca Digital Brasileira.

⁷⁰ Ao longo do ano de 1926 e 1927, o jornal *La Difesa* apresentou matérias em uma coluna do jornal denominada “correspondente de Porto Alegre”. Não foi possível identificar nesta pesquisa quem foi este correspondente. Entretanto, existe a hipótese do correspondente ser Enrico Gherardi. No citado período, algumas matérias estavam relacionadas a Sociedade Graphica Italiana e seu jornal *Tribuna d'Italia*. Este tema volta em matéria de capa na primeira edição do Periódico Anti-fascista Italo-brasileiro *Liberdade*, editado pelo Grupo Antifascista Giacomo Matteotti, de 1927, tendo como redator Enrico Gherardi.

uma certa preocupação das autoridades com as suas atividades, como foi relatado no jornal Correio da Manhã.

Adentrando no ano de 1927, o grupo continuou em franca atividade, com novos registros na imprensa escrita. Uma nova direção foi eleita em 13 de fevereiro, composta por Almicare Ferrari, Carlo Gatti, Enrico Gherardi, Pierino Triccerri e os irmãos Piattelli⁷¹ e, em 29 de maio, houve mais um registro de *sottoscrizione* do jornal *La Difesa*, por Pierino Triccerri e Enrico Gherardi⁷².

No mesmo ano de 1927, ganhou destaque na imprensa do Rio Grande do Sul a visita do jornalista italiano Candido Testa e a articulação do Grupo Giacomo Matteotti com o ilustre visitante italiano. O Jornal Correio do Povo, em detalhada matéria, assim apresentou o tema, em 03 de março de 1927:

EM PROPAGANDA DO ENCAMINHAMENTO DE IMMIGRANTES A bordo do vapor "Commandante Alvin", chegou antehontem, a esta capital, o jornalista Candido Testa, que foi recebido no cães do porto, por grande numero de anti-fascistas e membros do "Grupo Giacomo Matteotti". Após receber os cumprimentos de todos que o aguardavam, seguiu elle para o Hotel Jung onde se hospedou. Hontem, pela manhã, o jornalista Testa deu-nos o prazer de sua visita, mantendo, por algum tempo, amistosa palestra na redação desta folha. Fazendo elle parte da Commissão Anti-Fascista, com séde em Paris e sendo secretario do sr. Maximo Rocca, único deputado opposicionista em exercício no governo do sr. Benito Mussolini, vem ao Rio Grande do Sul em missão especial, devendo aqui se demorar alguns dias. Candido Testa que já visitou os Estados de Pernambuco e da Bahia e que, no Rio de Janeiro, foi recebido pelo ministro da Agricultura e o director geral do Povoamento do sólo, declarou-nos que o fim principal de sua viagem é a necessidade de examinar os lugares em que possam ser collocados, no Brasil, diversos milhares de trabalhadores agricolas que se encontram desoccupados. Estes trabalhadores refugiaram-se na França, fugindo ás actuaes imposições do governo italiano. Em consequência da desvalorização do franco e das crises agrícolas e industriaes em França, encontram se elles desamparados e na impossibilidade de reentrar na Italia, onde, certamente, soffreriam humilhação e perseguições por parte dos fascistas. É nosso intuito — acrescentou o colega italiano — orientar essa massa de otimos trabalhadores agricolas para vir exercer a sua atividade nesta hospitaleira e grande terra do Brasil. Na missão que o trouxe ao Rio Grande do Sul, esteve, hontem, pela manhã, no palácio do governo, onde foi recebido pelo secretario da presidencia, tendo ido após á Secretaria do Interior, a cujo titular expoz o seu programma. O jornalista Testa, dentre os poucos dias, estender-se-á a respeito com o dr. Borges de Medeiros, presidente do Estado (BRUM, 2009, p. 201).

⁷¹ LA DIFESA, São Paulo, 13/02/1927. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

⁷² LA DIFESA, São Paulo, 29/05/1927. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

O jornal A Federação, em matéria datada de 08 de março de 1927, registrando a passagem do jornalista italiano em Porto Alegre, aduziu que no dia 7 de março, Candido Testa foi recebido em recepção à noite na sede do Grupo Antifascista Giacomo Matteotti⁷³. Já em 09 de março de 1927, o jornal Correio do Povo apresentou uma longa matéria sobre a conferência antifascista de Candido Testa, com detalhada descrição das atividades e falas do jornalista italiano:

CONFERENCIA ANTI-FASCISTA “Conforme havíamos noticiado, realizou-se, hontem, no salão de festas do Club Caixeral, a conferencia do sr. Candido Testa, jornalista italiano e representante do Comité Anti-Fascista de Paris e Ligados Direitos do Homem. Às 20:30 horas, repleto o salão, e galerias adjacentes de uma compacta assistencia, ali deu entrada o sr. Testa que foi recebido com uma prolongada salva de palmas, tomando lugar á mesa que presidia a sessão, composta, entre outros, dos srs. Marechal Carlos Frederico de Mesquita, dr. Attila Salvaterra e Carlos Gatti. Cessados os applausos, levantou-se o dr. Attila Salvaterra que, em breve allocução, apresentou o conferencista, expondo os motivos e a missão que o trazia até o Rio Grande. Em seguida o sr. Candido Testa iniciou a sua conferencia, revelando de inicio uma brilhante compleição de tribuno, elegante e imaginoso e um vasto conhecimento da matéria abordada. Disse elle de inicio que vinha ao Brasil em missão do Comité Anti-Fascista de Paris e da Liga dos Direitos do Homem que representavam o sentir de 300.000 italianos expatriados, dos quaes 48.000 se encontravam sem trabalho e expostos a todas as privações. A Italia, sob o guante ferreo de Benito Mussolini, tratava exclusivamente da emigração dos fascistas, motivo porque o Comité de Paris tomára a peito a colocação, no estrangeiro, daquelles que vão seguindo o governo ditatorial da Italia, se viam privados de um lar e do trabalho que garantisse a propria subsistencia e de suas familias. [...] Pormenorizadamente e de maneira empolgante descreve todo o attentado e assassinio do deputado socialista Giacomo Matteoti, fazendo vibrar a assistência que irrompeu em vivas á Italia livre e ao Brasil. Analysa com grande precisão a vida politica de Mussolini de 1911 até agora, frisando as incoherencias das suas attitudes, culminadas com a tentativa de supressao da maçonaria, lendo trechos do manifesto lançado pelo ‘duce’ sobre essa inqualificavel resolução. Si os anti-fascistas — diz o conferencista — não suprimiram de inicio o germen nefasto do fascismo na Italia é porque, de começo e sempre lhes faltou um guia, um conductor que os levasse á supressao desse grande mal que avassalou a sua grande patria. Mas este dia não está longe, e a aurora de 1928 encontrará a Italia livre do ‘duce’ e dos seus asseclas. Tece um hymno de admiração ao Brasil e diz, dirigindo-se aos brasileiros: ‘Vos tendes, escriptos em vossa bandeira duas palavras admiraveis: “Ordem e Progresso”. Nós, os italianos, proscriptos, queremos escrever em nossa bandeira tricolor:

⁷³ A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 08/03/1927. Hemeroteca Digital Brasileira.

“Liberdade e Justiça”. O conferencista continuou numa peroração vibrante terminando com um ‘viva’ á Italia livre e ao Brasil, sendo correspondido com vigor e entusiasmo pela grande assistencia que abafou as ultimas palavras do orador comum a frenética salva de palmas, vivas á Italia e ao Brasil.” (BRUM, 2009, p. 203).

A visita de Candido Testa ao Rio Grande do Sul e o apoio do Grupo Antifascista Giacomo Matteotti demonstra que, para além de um pequeno grupo de italianos antifascistas no sul do Brasil, as articulações do grupo estavam alinhadas tanto com o movimento nacional quanto com a articulação internacional antifascista, da qual Candido Testa, como mandatário do Comitê Anti-fascista de Paris, representava. Ademais, a agenda de Testa revelou contatos com representantes do governo do Rio Grande do Sul, incluindo Borges de Medeiros, Presidente do Estado, o que reforça e valoriza a agenda do jornalista em Porto Alegre. Outro ponto importante da reportagem é o registro, no discurso de Testa, do embate de Benito Mussolini com a maçonaria italiana.

A importância do grupo em seu contexto não deve ser subestimada, uma vez que articulava, como foi visto, com movimentos nacionais e internacionais antifascistas, com a imprensa italiana no Brasil (*La Difesa*), com a imprensa local (Correio do Povo e A Federação) e a imprensa do centro do País (Correio da Manhã e O Paiz). Esses movimentos são aderentes aos objetivos do grupo, no que diz respeito à propaganda e difusão dos ideais antifascistas, em um período de pouco menos de um ano da fundação do grupo até a visita de Candido Testa ao Rio Grande do Sul.

Torna-se relevante, também, registrar uma pequena nota de solidariedade do grupo Matteotti, datada de 11 de novembro de 1927, publicada no jornal Correio do Povo⁷⁴. A Matéria diz respeito ao envio de telegrama assinado por Tricieri, Piattelli, Gatti e Gherardi, em desagravo à tentativa de assassinato do Conde Francesco Frola, editor do jornal *La Difesa*. O tema ainda repercutiu no dia 12 de novembro⁷⁵ (matéria em destaque na contracapa do jornal) daquele ano, no mesmo jornal.

⁷⁴ CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 11/11/1927. Arquivo NPH-UFRGS.

⁷⁵ CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 12/11/1927. Arquivo NPH-UFRGS.



Figura 13 – Capa do jornal *La Difesa*. Ano IV, número 169, 12/06/1927. Print de arquivo digital (Arquivo Público do Estado de São Paulo).

Retroagindo ao mês de junho de 1927, o período foi marcado por uma série de matérias na imprensa do país, relacionadas ao aniversário de três anos da morte de Giacomo Matteotti, com destaque para a cobertura jornalística do jornal *La Difesa* de São Paulo⁷⁶. Nesse contexto, em 10 de junho de 1927 foi publicada a primeira edição do *Liberdade*, Periódico Anti-fascista Italo-brasileiro organizado pelo Grupo Antifascista Giacomo Matteotti de Porto Alegre, sob a redação de Enrico Gherardi.

Esse primeiro exemplar se caracterizava por textos em homenagem a Giacomo Matteotti e críticas ao fascismo. A publicação convergiu para a ampliação da divulgação de atividades antifascistas em Porto Alegre e pode ser considerada como um marco organizativo relevante nos trabalhos do grupo. O periódico foi identificado no transcorrer da pesquisa, através dos contatos com os pesquisadores Frederico Bartz e Vicente Chiesa que tiveram acesso a alguns exemplares. Também não há

⁷⁶ LA DIFESA, São Paulo, 12/06/1927. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

evidências de tiragem e do número efetivamente produzido e distribuído. Na bibliografia consultada, o periódico aparece listado na obra de João Batista Marçal, relativa à imprensa operária do Rio Grande do Sul:

Órgão anti-fascista que apareceu em Porto Alegre em 10 de junho de 1927. Diretor: Henrique Gherardi. “Periódico anti-fascista ítalo-brasileiro. Distribuição gratuita”. Tesoureiro: Eliseu Cauduro. Era ligado ao Grupo Giacomo Matteotti. Lema: “Move-o de liberdade amor tão grande que, quem a preza, dá por ela a vida” (Dante).

O Grupo Giacomo Matteotti estava sediado na rua dos Andradas, 1305, nos altos da Livraria Americana. Amilcar Ferrari era seu presidente. Nesse mesmo endereço também funcionava o Partido Trabalhista de Porto Alegre. Essa entidade — que mais tarde passaria a chamar-se “Grêmio Antifascista Giacomo Matteotti” — trouxe a Porto Alegre, em julho de 1928, o conde e deputado italiano Francisco Frola, exilado em São Paulo e que ali editava o jornal “**La Difesa**”. Frola foi recepcionado pelo “Grêmio” e pela maçonaria gaúcha, proferindo uma série de palestras em que reiterou suas denúncias sobre as barbáries cometidas por Mussolini na sua Pátria.

A alta cúpula da maçonaria gaúcha e a direção do “Grêmio” levaram o conde e militante antifascista em Palácio, e ele foi recebido por Getúlio Vargas, então governador do Estado. São Gabriel, na época, fundou uma entidade similar (MARÇAL, 2004, p. 138).

Em uma primeira análise, há a possibilidade desse periódico ter sido produzido apenas nos períodos do mês de junho de cada ano, em homenagem à morte de Giacomo Matteotti, uma vez que os periódicos localizados de 1927, 1928 e 1929 são todos datados de 10 de junho, data oficial do falecimento de Matteotti. Entretanto, o periódico de junho de 1928 registra o número de quatro edições no ano. Já o periódico de 1929 consta cinco edições. Assim, não foi possível determinar com precisão o número de exemplares que foram efetivamente produzidos, considerando as informações disponíveis neste momento.



Figura 19 – Capa do Liberdade, Periodico Anti-fascista Italo-brasileiro. Ano 1, número 1, 10/06/1927. Print de arquivo digital. Acervo pessoal.

Na primeira página do periódico antifascista (Fig. 19) consta o cabeçalho com o título Liberdade, Periodico Anti-fascista Italo-brasileiro, redator Henrique Gherardi, data de 10 de junho de 1927, o endereço da redação à rua Marechal Floriano, número 132 e a indicação ano I, número I e 4 páginas. As matérias destacam o homenageado Matteotti. A nota da redação na capa, campo superior esquerdo, assim introduz a edição do periódico⁷⁷:

“Liberdade” surge neste recanto meridional do Brasil, para alumiar o negro quadro desenhado pelo iníquo deshumano e truculento fascismo actual. Neste momento, em que a Itália, throno e reação, conspirando contra a Liberdade e a justiça, entravam o surto da Civilização e do Prograssso, decretando abolidas a liberdade da Imprensa, a livre manifestação do Pensamento, a livre iniciativa e a livre investigação, que são os indispensáveis precurssores do progresso; agora em que trono e reação conjugados outhorgam poderes discricionários a hordas armadas, sedentas de ouro e de sangue, “Liberdade” aparece. “Liberdade” projectará a luz neste tetrico e infame quadro fascista, para que todo o homem de cérebro e coração veja e julgue a obra nefanda de um governo liberticida e vandálico. Junho 1927. A Redação.

⁷⁷ LIBERDADE, Porto Alegre, 10/06/1927. Cópia fotográfica, acervo pessoal.

As matérias internas do periódico apresentam loas a Giacomo Matteotti, críticas ao fascismo e informações gerais a respeito da situação da Itália. Em sua maioria, são reproduções de textos italianos, sendo que esta edição foi toda publicada em português. Também há destaque para a notícia de uma possível visita do Conde Frola ao sul do Brasil e o convite do Grupo Giacomo Matteotti para a comemoração do aniversário do assassinato do deputado italiano em uma solenidade no Grande Oriente do Rio Grande do Sul, tendo como orador oficial Attila Salvaterra.

Ainda constam publicações publicitárias no periódico, referentes a: (1) A Graniteira Piattelli Irmãos, oficina de mármore e granitos; (2) Oficina de chapeamento para automóveis e solda oxygenia, de Pierino Tricerri; e (3) Nicola Boccuto, eletricitista. Os irmãos Piattelli e Pierino Tricerri compunham o Grupo Giacomo Matteotti desde a sua fundação. Sobre Nicola Boccuto não há referência a sua participação no grupo. Entretanto, curiosamente, propaganda de mesmo conteúdo de Nicola Boccuto, eletricitista de Porto Alegre, foi publicada na edição de 14 de fevereiro de 1927 no jornal *La Difesa*, de São Paulo⁷⁸.

Antes de adentrar no período de 1928, é interessante mencionar o trabalho desenvolvido pelo pesquisador Frederico Duart Bartz. Ao analisar o antifascismo, o pesquisador faz uma abordagem relacionada aos espaços de ação do grupo Matteotti na cidade de Porto Alegre, detalhando o cenário de atuação do grupo. Nesse sentido, o pesquisador observa:

Em termos de espaços de ação e organização, podem ser destacados dois lugares: o primeiro é o Hotel Jung, na Rua Voluntários da Pátria, local em que se deram as reuniões de formação do grupo e onde foi instalada a sede do jornal *Liberdade* em 1929 (o periódico também teve sua sede na Rua Marechal Floriano, n. 132, atual n. 112) (*Correio do Povo*. Porto Alegre, 6/7/1926, p. 4; *Liberdade*. Porto Alegre, 10/6/1927, p. 4 e *Liberdade*. Porto Alegre, 10/6/1929, p. 1). Outro local importante de organização foi a Livraria Americana, na Rua dos Andradas, que foi a primeira sede do Grêmio Anti-Fascista, também abrigando reuniões organizativas (*Correio do Povo*. Porto Alegre, 8/7/1926, p. 4). Também ocorriam atividades em outros lugares, como na loja maçônica Grande Oriente do Rio Grande do Sul, na Rua General Câmara (*Liberdade*. Porto Alegre, 10/6/1927, p. 4) ou na Chácara de G. Piovesan, na Rua União, n. 624 (atual Pedro Boticário), no arrabalde da Glória (*Correio do Povo*. Porto Alegre, 31/10/1929, p. 4). Mas destacamos o Hotel Jung e a Livraria Americana porque estes podem ser considerados os locais de nascimento do movimento antifascista na cidade. Além disso, mostram que as atividades do grupo se realizavam prioritariamente na região central de capital (BARTZ, 2021, p. 355-356).

⁷⁸ LA DIFESA, São Paulo, 14/02/1927. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

No ano de 1928 registrou-se o maior número de citações do Grupo Antifascista Giacomo Matteotti de Porto Alegre na imprensa. Informes de reuniões do grupo, manifestações sobre pautas nacionais e, com grande destaque, a visita do Conde Francesco Frola ao Rio Grande do Sul, a convite do grupo Matteotti. Novos integrantes do grupo surgiram nas matérias, e as fontes sugerem um aumento na intensidade das reuniões e atividades do grupo.

Em 23 de abril de 1928, o jornal *A Federação*⁷⁹ noticiou a realização de reunião para tratar da eleição de nova diretoria e da ampliação da propaganda antifascista, na sua sede, à rua dos Andradas, 1305. Em mesmo sentido, o jornal *Correio do Povo*⁸⁰ de 24 de abril de 1928 noticiou matéria de igual conteúdo.

O jornal *Correio do Povo*⁸¹ destacou em abril a chegada do novo cônsul italiano ao Rio Grande do Sul, o deputado fascista Manfredo Chiostrì. Após o relato da chegada e recepção de Chiostrì, a matéria registrou que “O Grupo Anti-fascista Giacomo Matteotti, sabendo que o novo cônsul geral é deputado fascista, pelos passeios das calçadas fez estampar frases dedicadas a memória de seu patrono. Também distribuiu folhetos de propaganda antifascista”.

O fato demonstra uma ação ousada do grupo diante de uma recepção oficial de um funcionário do governo italiano, o que indica que a linha geral dos seus estatutos de “palavras e propaganda” também coexistiu com atividades de maior tensionamento. Entretanto, tal enfrentamento com a representação do *Duce* no Rio Grande do Sul remete à ação registrada na imprensa em janeiro de 1926, quando do enfrentamento de antifascistas com o Embaixador Montagna em sua chegada a Porto Alegre, fato já abordado no início deste capítulo.

Nova diretoria do grupo foi formada em junho de 1928, tendo como presidente Amilcare Ferrari, vice-presidente Hugo Gherardi, secretários Carlo Ferrari e José Marino, tesoureiro Feruccio Piatelli, Amancio Piatelli, conselho fiscal Pierino Tricerri, Francisco D’Agostino, Cesar Fuari, Carlo Gatti, Amancio Piatelli.⁸²

⁷⁹ A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 23/04/1928. Hemeroteca Digital Brasileira.

⁸⁰ CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 24/04/1928. Arquivo NPH-UFRGS.

⁸¹ CORREIO DO POVO, Porto Alegre 10/04/1928. Arquivo NPH-UFRGS.

⁸² A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 05/06/1928. Hemeroteca Digital Brasileira.

O Grupo Matteotti também participou de solenidades comemorativas a datas relevantes do calendário italiano, como o dia da promulgação de sua constituição, sem esquecer a inflexão de combate ao fascismo, missão fundamental do grupo. O Correio do Povo de 05 de junho de 1928 assim retratou as comemorações alusivas à constituição italiana em Porto Alegre:

A CONSTITUIÇÃO DA ITALIA "Ante-hontem, passou mais um aniversario da promulgação da constituição da Italia. Por esse motivo durante o dia se conservaram embandeirados, não só o consulado, como as succursaes dos bancos Francez e Italiano e Popular Italiano, e varias sociedades italianas. O Grupo Anti-Fascista Giacomo Matteotti, por meio de uma comissão, depositou no pedestal de José Garibaldi um grande "bouquet" de flores naturaes, do qual pendia um cartão com os seguintes dizeres: "O Grupo Anti Fascista Giacomo Matteotti, ao Duce de camisas encarnadas, José Garibaldi." "Paladino da liberdade! Hoje, 46o aniversario de seu passamento, hoje tambem aniversario em que foi a constituição da Italia supprimida pelo Duce de camisas pretas... Porto Alegre, 3 de junho de 1928..." (BRUM, 2009, p. 235).

No mês de junho de 1928, quarto aniversário da morte de Giacomo Matteotti, o grupo publicou nova edição do *Liberdade*, Periodico Anti-Fascista Italo-brasileiro que, em linha com a primeira edição de 1927, trazia textos exaltando o líder socialista e com severas críticas ao fascismo. A publicação foi objeto de nota publicada no jornal *Correio do Povo* de 12 de junho de 1928⁸³. No mesmo mês, o jornal *La Difesa* registrou que o grupo também se reuniu para definir uma nova diretoria, que foi composta por Almicare Ferrari, Enrico Gherardi, Carlo Ferrari, Giuseppe Massimo, Ferruccio Piattelli, Carlo Gatti, Pierino Tricerri, Aman Piattelli e Cesare Ferrari⁸⁴. Chama a atenção, nesta edição do *La Difesa* de 17 de junho de 1928, a *sottoscrizione* do jornal de 21 pessoas da cidade de Muçum, no Rio Grande do Sul⁸⁵.

⁸³ CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 12/06/1928. Arquivo NPH-UFRGS.

⁸⁴ LA DIFESA, São Paulo, 17/06/1928. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Também em A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 05/06/1928. Hemeroteca Digital Brasileira.

⁸⁵ Fernando Chitto, Arcangelo Passagno, Antonio Bernasconi, Abrelino Ferreira Bueno, Leone Ambrosi, Antonio M. Stimzuer, Antonio Bello, Jerolimo ventorini, Cabico Kotta, Lorenzo Zilio, Un fascista ingannato, M. M. M., N. N., Roberto Ferreira Bueno, Felice Bertolo, Alesi PATussi, Vittorio Colossi, Roberto Bertolio, Tertuliano M. Benazzi, Angelo Chitto, Agostinho, Vivian.



Figura 20 – Capa do *Liberdade*, Periodico Anti-fascista Italo-brasileiro. Ano 2, número 4, 10/06/1928. Print de arquivo digital. Acervo pessoal.

O periódico *Liberdade* de 1927 preservou o mesmo delineamento visual da edição do ano anterior. Na capa, o local da redação é alterado para rua Voluntários da Pátria, número 89, com a indicação de ano II, número 4 e 4 páginas. Os conteúdos das matérias são também similares a edição de 1927⁸⁶.

Com a chegada do mês de julho, a visita do Conde Francesco Frola ao Rio Grande do Sul recebe uma ampla cobertura do jornal *Correio do Povo*. Nas reproduções abaixo, retomam aspectos relacionados as práticas e redes de sociabilidade do Grupo Matteotti, como a ampla propaganda antifascista, a relação com a maçonaria e a articulação com o movimento nacional e internacional antifascista.

Em 08 de julho de 1928:

A CHEGADA DE UM DEPUTADO ITALIANO "Na próxima terça-feira, pelo "Commandante Capella", chegará a esta capital o conde Francisco Frola, deputado ao parlamento italiano, mas que, há dois

⁸⁶ *LIBERDADE*, Porto Alegre, 10/06/1928. Cópia fotográfica, acervo pessoal.

annos, se encontra em São Paulo. Vem elle, aqui a convite do Grupo Anti-Fascista "Giacomo Matteotti, realizar conferencias contra o actual regimen politico dominante na Italia. Seus admiradores e partidarios de suas ideias far-lhe-ão festiva recepção, na qual se fará representar, por uma comissão, a maçonaria rio-grandense. Depois de uma breve estada, partirá para a região colonial, onde falará a convite de anti-fascistas dali." (BRUM, 2009, p. 240-241)

Na data de 18 de julho, o Correio do Povo noticia a conferência de Francesco Frola no Clube Caxeiral e a reunião do Grupo Matteotti em recepção a visita do ilustre diretor do jornal *La Difesa*:

A VISITA DO CONDE FRANCISCO FROLA "Hoje, ás 21 horas, o Gremio Anti-fascista Giacomo Matteotti reunir-se-á em assembléa extraordinaria, em sua séde provisoria, á rua dos Andradas n. 1305, altos da Livraria Americana, afim de receber o conde Francisco Frola, que se encontra actualmente nesta capital. Estando já restabelecido da enfermidade que o atacára, há dias, o conde Frola realizará, amanhã, às 20 1/2 horas, no Club Caxeiral, a sua annunciada conferencia, sob a origem do fascismo. Falarão, apresentando-o ao publico, o dr. Attila Salvaterra e saudando-o, em nome dos intellectuaes, o dr. Alberto Gigante." (BRUM, 2009, p. 241)

Em agosto de 1928, novamente o Correio do Povo deu destaque à visita de Frola. Em duas matérias datadas de 03 de agosto, o jornal noticiou a despedida de Frola do Estado. É de se destacar a articulação social e política — decorrente da representatividade de Frola — que extrapola o Grupo Matteotti e suas relações com a maçonaria. Isso, derivado da notícia que registrou em sua despedida a presença da Liga Anti-imperialista Mexicana e, também, da realização de uma conferência de Frola na Federação Operária do Rio Grande do Sul. Portanto, um amplo espectro de relações articuladas na divulgação da causa antifascista.

A VISITA DO CONDE FROLA "Depois de alguns dias de estada nesta capital, regressou hontem para São Paulo, o conde Frola, que aqui viera fazer conferencias anti-fascistas, que despertaram muito interesse. Seu embarque, effectuado no caes do porto, esteve concorridissimo, vendo-se entre os presentes o marechal Carlos Frederico de Mesquita, grão mestre da maçonaria rio-grandense, commissões de lojas maçonicas, do Gremio Giacomo Matteotti e Liga Anti-Imperialista Mexicana. À exma. sra. condessa Frola foram oferecidos vários "bouquets" de flores naturaes. Na ocasião em que o vapor "Commandante Capella" levantou ferros, foram erguidos vivas á Italia Liberal, ao Brasil e ao conde Frola. Em sua passagem pelo Rio Grande o conde Frola fará uma conferencia, sob os auspicios da maçonaria dali, devendo, tambem, realizar duas palestras em Curityba." (BRUM, 2009, p. 243).

CONFERENCIA CONTRA O FASCISMO "Ante-hontem, na séde da Federação Operaria, á rua Jeronymo Coelho n. 40 promovida por uma commissão, realizou-se uma conferencia sobre o actual regime fascista, na Italia. Fez-se uma conferencia sobre "A attitude das classea trabalhadoras e dos partidos avançados em face da calamidade fascista", o sr. Florentino Carvalho, que recebeu muitos applausos dos presentes, pelo modo como desenvolveu essa these. Seguiram-se com a palavra o conde Frola, convidado para participar da conferencia, o dr. Attila Salvaterra e o sr. Carlos Ferreira, que tambem condenaram o actual systema politico da Italia." (BRUM, 2009, p. 243).

As páginas do jornal *La Difesa* também destacaram a visita de seu diretor ao Rio Grande do Sul, em especial nas edições de 22 de julho e 05 de agosto de 1928⁸⁷. A edição de 22 de julho detalhou o desembarque em Porto Alegre, fazendo referências ao Grupo Matteotti e a representações da Maçonaria. Outro dado relevante é a notícia de que o Conde Francesco Frola também participou de atividades nas cidades de Pelotas e Rio Grande. O *La Difesa*, em 22 de julho, reproduziu matéria do jornal Diário de Notícias de Porto Alegre, de 11 de Julho de 1928:

Chegou, hontem, as 10 horas, a esta capital, procedente de Santos o conde Francisco Frola, director do jornal anti-fascista *La Difesa*, que se publica em S. Paulo. No caes do Porto aguardaram a sua chegada o grupo Anti-Fascista Giacomo Matteoti, as Lojas Maçonicas Luz e Ordem, Estrella e o Grande Oriente do Rio Grande do Sul, bem como muitos representantes da colonia Italiana, domiciliada nesta capital. Tambem achava-se representada a Liga Pro-Mexico Anti-Imperialista. Quando o vapor *Commandante Capella*", em que viajava o conde Francisco Frola atracou ao caes do porto, os presentes saudaram-no, erguendo vivas entusiasticos. Quando se s. desembarcava tomou a palavra o dr. Attila Salvaterra que pronunciou um discurso de saudação. dando as boas vindas ao conde Frola em nome dos anti-fascistas de Porto Alegre. O conde Frola agradeceu, commovido, ao discurso do dr. Salvaterra. Ainda, na mesma ocasião, a senhorita Piatelli offereceu ao conde Frola um bouquet de flores, em nome do Grupo Anti-Fascista Giacomo Matteotti. Em seguida, organizou-se um cortejo que acompanhou o conde Frola até o Grande Hotel, onde s. s. tomou aposentos. Durante o trajecto do caes do porto até o referido hotel foram erguidos vivas entusiasticos ao Brasil, á Italia Livre e ao Conde Frola.

Um fato pitoresco da visita do Conde Frola a Porto Alegre foi registrado em um livro publicado por Francesco Frola em São Paulo, em 1931, sob o título "*Tre Furfanti*,

⁸⁷ LA DIFESA, São Paulo, 22/07/1928 e 05/08/1928. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

*Piccarolo, Mariani, Cilla*⁸⁸. A publicação apresenta um conjunto de ácidas opiniões a respeito de importantes nomes do antifascismo de São Paulo e também expoentes do jornal *La Difesa*. Em uma passagem do livro, Frola refuta suposta acusação de que teria deixado dívida no Hotel em que se hospedou quando da visita a Porto Alegre. Em contraponto, Frola relata a situação e a referência em membros do Grupo Matteotti de Porto Alegre, conforme expresso:

Frola! Le sue conferenze, la sua propaganda nell'interno! Che lavoro! E che capacita! e che risultati! E citano il caso di Porto Alegre, in cui mi fermai 40 GIORNI (non una decina di giorni, come affermano i tre sullodati furfanti) e fenni numerosissime conferenze coll'esito da tutti gli onesti riconosciuto, per concludere che io lasciai di pagare spese dela mia permanenza as Grande Hotel.

Altra menzogna, che i tre furfanti sanno essere tale.

Io andai a Porto Alegre com patti ben chiari: le spese di permanenza erano a conto degli antifascisti locali. Quando io giunsi in quella città fui condotto ai "Grande Hotel". Io non sapevo neppure che esistesse.

Il giorno in cui ripartii, si presentó all'Hotel il maresciallo Carlo Frederico de Mesquita, coll'avv. Salvaterra ed il maggiore Pettineli, i quali a nome della massoneria brasiliana, di cui il primo era il Grande Maestro, dichiararono che assumevano in loro nome il pagamento del conto dell'Hotel.

*Mario Mariani, farabutto di tre cotte, per coonestare la sua calunnia, cita, a questo riguardo, um periodo di una lettera, che dice di aver ricevuto dal defunto compagno Carlo Gatti. Se Carlo Gatti é morto, rimangono i vivi. Quando affermo é la pura verità: la possono confermare Enrico Gherardi, i fratelli Piattelli ed in genere tutti gli antifascisti del "**Gruppo Matteotti**" di Porto Alegre.⁸⁹*

⁸⁸ FROLA, Francesco. **Le Tre Furfanti**: Piccarolo, Mariani, Cilla. São Paulo: 1931. Documento digitalizado no Arquivo Nacional. Disponível em: <http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_rjanrio_c8/0/apl/0089_v_01/br_rjanrio_c8_0_apl_0089_v_01_d0001de0001.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2024.

⁸⁹ Frola! Suas conferências, sua propaganda interna! Que trabalho! E que habilidade! e que resultados! E citam o caso de Porto Alegre, onde fiquei 40 DIAS (não uns dez dias, como afirmam os três canalhas elogiados) e realizei inúmeras conferências com resultado reconhecido por todas as pessoas honestas, para concluir que deixei de pagar as despesas da minha estadia no Grande Hotel. Outra mentira, que os três canalhas sabem ser tal.

Fui para Porto Alegre com acordos muito claros: os custos da minha estadia seriam pagos pelos antifascistas locais. Quando cheguei naquela cidade fui levado ao “Grande Hotel”. Eu nem sabia que isso existia.

No dia em que saí, o marechal Carlo Frederico de Mesquita apareceu no hotel, acompanhado do seu advogado. Salvaterra e o Major Pettineli, que em nome da Maçonaria Brasileira, da qual o primeiro era Grão-Mestre, declararam que assumiram o pagamento da conta do hotel em seu nome. Mario Mariani, um canalha com três paixões, para provar sua calúnia, cita, a esse respeito, parte de uma carta que diz ter recebido de seu falecido camarada Carlo Gatti. Se Carlo Gatti estiver morto, os vivos permanecem. Quando digo que é a pura verdade: Enrico Gherardi, os irmãos Piattelli e em geral todos os antifascistas do “Grupo Matteotti” de Porto Alegre podem confirmá-lo (tradução nossa).

No ano de 1928 ainda foram registrados três fatos envolvendo membros do Grupo Antifascista Giacomo Matteotti, que também expressam a rede de sociabilidade envolvida com o Grupo — em alguma medida com o antifascismo — e a identificação e reconhecimento de seus membros e suas ações antifascistas em Porto Alegre. O primeiro episódio diz respeito à formação da Sociedade Amigos da Rússia⁹⁰. Em notícia datada de 27 de outubro de 1928, o jornal *Correio do Povo*⁹¹ assim descreveu a formação dessa sociedade:

Sociedade Amigos da Rússia – Hontem ás 21 horas, na sede da Leopoldina, com vultosa assistência, teve logar a sessão inaugural da Sociedade Amigos da Rússia.

O presidente da mesa, dr. Raul Bittencourt, após ter declarado aberta a sessão, deu a palavra ao respectivo secretario, dr. S. Grinberg, que produziu aplaudido discurso, falando, também, sob as palmas do numeroso auditório.

A seguir foi proclamada a primeira diretoria da sociedade que está assim constituída: presidente, dr. Raul Bittencourt; 1 vice, dr. Corrêa da Silva; 2 vice, Amancio Piatelli; 1 secretario, José Jobim; 2 dito Manoel Scliar; 1 thesoureiro, Carlos Maftal; 2 dito Eugenio Zanini; comissão fiscal, Francisco Rayas, Carlos Maconecy, Antonio Naliapinsky, um representante do “Diario de Noticias” e outro do “Correio do Povo”, segundo o critério das respectivas direções.

Na constituição da diretoria da Sociedade Amigos da Rússia estão dois fundadores do Grupo Matteotti, Amancio Piatelli⁹² e Eugenio Zanini, o que pode indicar uma articulação mais ampla de difusão dos ideais antifascistas no corpo social porto-alegrense. Embora não tenham sido localizadas as finalidades da referida sociedade, parece adequada a hipótese de valorização da Rússia, à época um estado socialista. Em reforço à hipótese, o jornal *A Noite*, do Rio de Janeiro, em matéria datada de 30 de outubro de 1928⁹³, registrou a criação da Sociedade Amigos da Rússia em Porto Alegre, referindo-se à sociedade pelo termo “Amigos da Rússia Soviética”, e comentando em sequência: “Deve isto, entretanto, servir as nossas autoridades, para que ellas não se descurem na vigilância rigorosa que devem exercer sobre os inimigos da Pátria, que se disfarçam, manhosamente, sornateiramente, em sympathizantes e admiradores do comunismo.”

⁹⁰ A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 27/10/1928. Hemeroteca Digital Brasileira.

⁹¹ CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 27/10/1928. Arquivo NPH-UFRGS.

⁹² Amans Piattelli é a grafia correta. Além de "Amancio" também é denominado como "Aman".

⁹³ A NOITE, Rio de Janeiro, 30/10/1928. Hemeroteca Digital Brasileira.

O segundo episódio diz respeito à noticiada tentativa de atentado ao consulado italiano de Porto Alegre, em setembro de 1928. O episódio foi amplamente divulgado na imprensa de Porto Alegre, retratado com um enredo de trama policial, assim descrito em minúcias de detalhes pelo jornal *Correio do Povo* de 04 de setembro de 1928⁹⁴:

O ATTENTADO DE HONTEM AO CONSULADO DA ITALIA "Hontem, ás primeiras horas da manhã, circulou pela capital a noticia de que um attentado tinha sido levado a effeito contra o consulado da Italia, installado no predio n. 766 da rua dos Andradas, [...] Dias atrás, como foi noticiado, a placa do referido consulado foi toda coberta de immundicies e, levado o facto ao conhecimento da policia, esta, afim de evitar que o caso se repetisse, destacou um secreta para vigiar o predio onde funciona o consulado. O referido secreta tinha ordem de permanecer pelas vizinhanças até cerca das 7 horas, quando então deveria chegar, uma mulher encarregada, de limpeza da casa. O consulado geral da Italia, após a chegada de seu novo regente, deputado Manfredo Chiostrì, (foto dele no jornal) foi occupar todo o andar superior do prédio [...] Paulina Correia da Silva, que conta 50 annos de idade, há uns 15 annos se dedica a fazer limpeza de varias casas, ás primeiras horas da manhã de cada dia, figurando entre estas, o consulado da Italia. Como de costume, hontem, pelas sete horas, Paulina Correia da Silva compareceu ao consulado da Italia, afim de desempenhar a sua missão, no que levou mais ou menos uns 30 minutos. Limpas todas as peças, poz o lixo num caixão, trazendo-o, após, para a porta da rua. Mal collocara o caixão no passeio, eis que della se aproxima um individuo desconhecido de côr morena, sem bigodes, de regular altura e mal vestido. Dirigindo-se a ella, quando já se encontrava um pequeno corredor, de onde parte a escada para o andar superior, perguntou-lhe si não estava o consul geral da Italia. Paulina respondeu lhe que sim, ao que o desconhecido retrucou ter urgencia de falar com o representante da Italia, sobre um assumpto de interesse, sendo, então, informado de que o consul sómente attendia nas horas de expediente, que habitualmente começa ás 9 horas. O individuo voltou a reafirmar que o assumpto em questão era urgentissimo, promettendo-lhe até dinheiro si ella o deixasse entrar. Nesse interim, sacou de um dos bolsos um pacote de cedulas de certo valor, sendo energicamente repellido. Vendo então frustradas as suas offertas, o individuo sacou de um lenço e amordaçou Paulina, com a qual luctou por algum tempo, por ser ella uma mulher um tanto forte, apesar de seus 50 annos. Não contente com isso, subjugando-a, amarrou com uma corda os seus braços e pernas, tendo isso feito depois de fechar a porta da rua. Em seguida, subiu elle as escadas, entrando por um corredor que vae dar aos aposentos onde dormia o consul da Italia, em companhia de seu auxiliar, sr. Guilherme Gobbi. Nessa occasião, dois grandes cães perdigueiros, ali deixados pelo deputado Manfredo Chiostrì, de volta de uma caçada que fizera ante-hontem, em companhia de amigos, começaram a latir fortemente, o que, segundo parece, assustou o assaltante, o qual, vertiginosamente desceu as escadas, tendo ao sahir á porta, pronunciado apenas estas

⁹⁴ CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 04/09/1928. Arquivo NPH-UFRGS.

palavras: "mi madre". Passaram-se talvez uns 15 minutos, quando deixou seus aposentos o deputado Chiostrì, em direção ao seu gabinete, que fica na sala da frente. Foi então que, olhando pela escada abaixo, viu, amarrada e gemendo fortemente, Paulina Correia da Silva. [...] O deputado Manfredo Chiostrì comunicou o ocorrido ao dr. Oswaldo Aranha, secretario do Interior e ao embaixador da Italia junto ao governo brasileiro. [...] Hontem, mesmo, depois de algumas diligencias, o dr. Valentim Aragon, **prendeu Antonio Campagna, conhecido por suas idéas anti-fascistas**, o qual, levado á Chefatura de Policia, foi interrogado demoradamente. Como Paulina tivesse declarado, em seu depoimento, que reconheceria o assaltante do consulado caso lhe fosse apresentado, **Campagna foi levado á sua presença, tendo, ella, então dito que o homem que a amordaçara e a amarrara não se parecia com a pessoa presa. Em vista disso, Antonio Campagna foi posto em liberdade.**" (grifo nosso).

Antonio Campagna, membro fundador do Grupo Antifascista Giacomo Matteotti, foi logo identificado como suspeito pela polícia, mas após o interrogatório foi solto, pois a empregada do consulado não o identificou como a pessoa que tentou invadir o consulado. É razoável concluir que os membros do grupo já eram pessoas conhecidas nas áreas de circulação dos italianos na cidade e, possivelmente, objeto de monitoramento por órgãos de segurança e pelo consulado. Ao menos duas ações do Grupo Matteotti afrontaram diretamente os agentes consulares italianos, como já foi narrado aqui — no caso dos enfrentamentos ao embaixador Montagna e ao próprio cônsul Chiostrì.

Também em matéria datada de 03 de setembro de 1928⁹⁵, o jornal A Federação publicou na "secção livre" uma declaração do Grupo Matteotti no contexto do episódio do atentado ao Consulado, assim descrito:

Os [...] do Giornale d'Italia accusan este grupo e a seus consocios de haverem coberto de immundicies a placa do Consulado Italiano a rua dos Andradas.

Não aos assalariados, mas ao publico em geral vem o grupo prestar esta declaração:

O Grupo Matteotti tem por fim congregar em seu seio os patriotas que se batem pela liberdade da Pátria Italiana. Sua elevação moral e de sus socios, luctando por este ideal commum a todos os povos civilizados não desce a baixesa que lhe atribuem os escribas agressores da Patria, com o intuito deliberado de deprimi-lo publicamente.

Aos tribunaes a ultima palavra.

P. Alegre, 3-9-928

Pelo Grupo G. Matteotti

Amilcar Ferrari

(A firma estava reconhecida)

⁹⁵ A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 03/09/1928. Hemeroteca Digital Brasileira.

O ano de 1928 ainda reservou mais duas passagens significativas, retratadas em matérias no jornal *Correio do Povo*, que estavam alinhadas com as atividades do Grupo Matteotti e também com a circulação de propaganda antifascistas no estado. As passagens dizem respeito à segunda visita ao estado do jornalista italiano Candido Testa e aos episódios ocorridos em São Paulo com o “empastelamento”⁹⁶ do jornal italiano *Il Piccolo*, editado em São Paulo.

A matéria relacionada à visita do jornalista italiano não fez referência expressa à participação do Grupo Matteotti, mas informou o *Correio do Povo* que a vinda do jornalista italiano estava articulada com o Comitê Democrático Anti-fascista de Paris, e para realizar uma palestra no Grande Oriente do Rio Grande do Sul, sob o tema “A Maçonaria na italiana”. A circulação de ideais antifascistas nesta segunda visita ao estado do jornalista Candido Testa foi reproduzida no *Correio do Povo* de 16 de setembro de 1928⁹⁷:

JORNALISTA ITALIANO "Pela segunda vez, chegou a esta capital, tendo-nos dado o prazer de sua visita, o conhecido Jornalista Italiano Giovanni Amendola e do Comité Democratico Anti-Fascista de Paris. É elle um dos elementos de destaque do movimento anti-fascista, agora, de Buenos Aires, onde escreve para varios jornaes. Há dois annos atrás, o confrade Candido Testa fez uma conferencia aqui, muito apreciada pelos adeptos dos seus ideaes, tendo, depois, partido para a capital da França, de onde acaba de voltar, novamente, para a America do Sul. Em palestra que manteve nesta folha, manifestou elle sua boa impressão pela forma como no novo continente é acompanhado o movimento contra o actual regimento politico da Italia. Accrescentou-nos que, em Paris, se encontram exilados nada menos que uns 800 jornalistas da velha nação latina, considerados, em sua patria como brilhantes pennas. Quanto ao movimento anti-fascista está agora dirigindo para a implantação da republica democratica socialista na Italia, nos moldes da franceza, idéa à qual têm aderido elementos de valor, que se viram obrigados a abandonar aquelle paiz, devido acharem que a monarchia não se coaduna com as actuaes aspirações de todo o povo livre. Aproveitando sua estada aqui, o confrade Testa fará uma conferencia, no Grande Oriente, na proxima quinta-feira, sobre o thema: "A maçonaria italiana" (BRUM, 2009, p. 247).

⁹⁶ Forma violenta de invasão da sede de um jornal. Para detalhamento da conceituação, ver em: <<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/empastelamento-modo-de-emprego/>>. Acesso em: 26 jun. 2024.

⁹⁷ Embora a matéria cite o nome de “Giovanni Amendola”, o nome deve derivar de um erro de grafia na matéria. A leitura integral do texto remete à visita de Candido Testa, e não de Amendola. Ademais, o jornalista italiano Giovanni Amendola faleceu no ano de 1926.

Tema de ampla repercussão na imprensa do país, o empastelamento do jornal *Il Piccolo* em São Paulo também gerou repercussões nas atividades antifascistas em Porto Alegre. Para situar a motivação do ocorrido, Brum assim discorre sobre o tema⁹⁸:

A narrativa do empastelamento está suficientemente realizada em vários trabalhos que historiam o incidente político por ocasião da queda do avião dos italianos Carlo Le Prete e Arturo Ferrarin, na baía da Guanabara, em 8 de agosto. O voo havia sido promovido pelo governo de Mussolini.

A queda de Le Prete, após uma convalescença, o leva à morte. Homenageados como heróis, eis que a imprensa brasileira tem suas simpatias pelo fascismo. Porém, uma escritora, Maria Lacerda de Souza, resolve questionar a promoção do fato. Lembra que um verdadeiro herói, Ronald Amundsen, encontra-se perdido no pólo norte e não há mobilização em torno de seu resgate. Os jornais italianos *Fanfulla* e *Il Piccolo* resolvem polemizar. Está dada a celeuma, que termina com o empastelamento do *Il Piccolo* (BRUM, 2003, p. 152).

No jornal *Correio do Povo* de 26 de setembro de 1928, em matéria referente ao empastelamento do jornal *Il Piccolo*, registrou-se a manifestação do Grupo Matteotti em apoio aos manifestantes. Em telegrama enviado ao Centro Acadêmico Onze de Agosto da Faculdade de Direito de São Paulo, o grupo se solidarizou com os estudantes paulistas, repudiando a conduta do jornal *Il Piccolo* e criticando o fascismo⁹⁹.

"[...] o Grupo Anti-fascista Giacomo Matteoti resolveu secundar a attitude da classe academica porto-alegrense, enviando ao Centro Academico Onze de Agosto o seguinte telegramma: "Centro Academico Onze de Agosto — Faculdade de Direito - S. Paulo — Grupo Giacomo Matteoti protesta contra ignominiosa conducta "Piccolo" e "Fanfulla" e testemunha sua solidariedade estudantes povo paulista, pedindo fazer notar aquelles jornaes representam pensamento despotismo fascista não sentimentos italianos, sempre gratos tradicional hospitalidade brasileira ciosos fraternidade dois povos. (A) Amilcar Ferrari, presidente."

A polêmica jornalística, que contrapôs o conteúdo e a propaganda fascista patrocinados pelo jornal *Il Piccolo* ao movimento da imprensa brasileira em solidariedade à escritora brasileira Maria Lacerda de Souza, ascendeu sentimentos de nacionalismo brasileiro que implicaram as violências contra a sede do jornal. Angelo Trento assim aborda as consequências do tema:

⁹⁸ O nome correto do aviador italiano é Carlo Del Prete e não como consta no texto de Brum.

⁹⁹ CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 26/09/1928. Arquivo NPH-UFRGS.

A situação voltou à normalidade depois da fuga do ex-vice-secretário do Fasci do Rio de Janeiro e sua imediata repatriação por parte das autoridades diplomáticas. Na ocasião, o ressentimento difuso ameaçou envolver todos os imigrados, induzindo o *Fanfulla* (que, no entanto, havia posto lenha na fogueira) a creditar toda a responsabilidade ao comportamento celerado de Freddi, cujos excessos jornalísticos não podiam envolver toda a “grande família italiana” e muito menos os governos de Roma e Mussolini, que claramente não eram responsáveis (TRENTO, 2013, p. 134).

No ano de 1929, as atividades do Grupo Matteotti não cessaram, mas a frequência das matérias na imprensa reduziram, havendo também a redução das fontes relativas a esse período. A base de dados do Arquivo Público do Estado de São Paulo só dispõe de 11 exemplares do jornal *La Difesa* no ano de 1929, não se encontrando, nesta reduzida série, nenhuma referência ao Grupo Matteotti de Porto Alegre. Em mesmo sentido, as bases de dados no Arquivo Histórico de Porto Alegre e do Núcleo de Pesquisas Históricas da UFRGS dispunham de números reduzidos de edições do Jornal Correio do Povo. Quanto ao jornal A Federação, há o registro de três matérias relacionadas ao Grupo Matteotti.

Foi possível identificar, em 22 de outubro de 1929¹⁰⁰, nota de reunião do grupo e aprovação de voto de protesto contra o fuzilamento de um estudante iugoslavo na Itália, e em 31 de outubro¹⁰¹, anúncio de reunião do grupo com diversos oradores na Chácara do senhor G. Piovesan, no bairro Glória. Retroagindo a 02 de agosto de 1929¹⁰², o jornal noticiava o envio de telegrama do Grupo Matteotti endereçado ao presidente do Estado Getúlio Vargas:

Tenho a honra de comunicar a V. Exa. que o Grupo Anti-fascista “G. Matteotti”, reunido em assembleia extraordinária para deliberar sobre o momentoso caso da sucessão presidencial, e considerando o Liberalismo a base fundamental do magestoso edifício da moderna sociedade, por unanimidade de votos deliberou o mais entusiástico apoio a candidatura de V. Exa. na suprema magistratura do paiz.

Nesse período, estava em formação a Aliança Liberal, chapa de oposição ao presidente Washington Luiz, composta da candidatura de Getúlio Vargas para presidente e João Pessoa para vice-presidente, articulada pelas oligarquias regionais do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba, que após o pleito eleitoral eivado de fraudes em ambos os lados em disputa, derivou para o processo revolucionário de 1930 que alçou Getúlio Vargas ao comando do país.

¹⁰⁰ A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 22/10/1929. Hemeroteca Digital Brasileira.

¹⁰¹ A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 31/10/1929. Hemeroteca Digital Brasileira.

¹⁰² A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 02/08/1929. Hemeroteca Digital Brasileira.

Pelo terceiro ano consecutivo, em 10 junho de 1929, o Grupo Matteotti editou o *Liberdade*, Periódico Antifascista Italo-brasileiro¹⁰³, redator Henrique Gherardi, data de 10 de junho de 1929, o endereço da redação à rua Voluntários da Pátria, número 89 e a indicação ano III, número 5 e 2 páginas (somente duas páginas disponíveis, possivelmente de um original de quatro páginas). As matérias destacavam o homenageado Matteotti com textos alusivos ao seu nome e críticas ao fascismo.

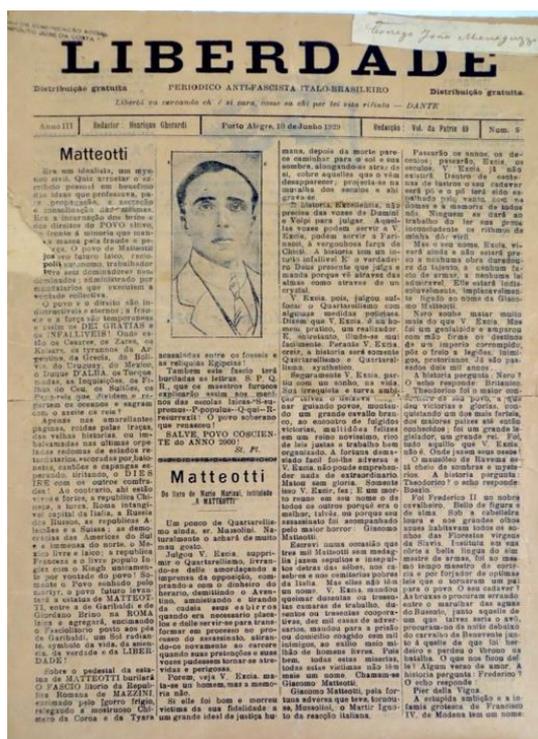


Figura 21 – Capa do *Liberdade* Periódico Anti-fascista Italo-brasileiro. Ano 3, número 5, 10/06/1929. Print de arquivo digital. Acervo pessoal.

O Grupo Antifascista Giacomo Matteotti adentrou o ano de 1930¹⁰⁴ em atividade, registrando — em menor volume do que nos anos anteriores — notas na imprensa de suas atividades, como o apontamento da reunião do grupo e preparação para atividades comemorativas ao 1º de maio, em 28 de abril de 1930¹⁰⁵. No jornal *La Difesa*, membros do Grupo Matteotti novamente apareceram na sessão *sottoscrizione* do jornal em 31 de agosto de 1930¹⁰⁶. Entretanto, afora estas citadas referências, não surgiram novos registros de atividades a partir dos anos 1930.

¹⁰³ LIBERDADE, Porto Alegre, 10/06/1929. Cópia fotográfica, acervo pessoal.

¹⁰⁴ A partir de 1930, aparecem matérias (pequenas notas) referentes às atividades do Grupo Giacomo Matteotti de São Paulo. No jornal *La Difesa*, nos exemplares pesquisados no Arquivo Público do Estado de São Paulo, não há registro de atividades deste grupo de São Paulo antes de 1930.

¹⁰⁵ ESTADO DO RIO GRANDE, Porto Alegre, 28/04/1930. Hemeroteca Digital Brasileira.

¹⁰⁶ LA DIFESA, São Paulo, 31/08/1930. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Em linhas gerais, os registros de imprensa das atividades do Grupo Antifascista Giacomo Matteotti demonstram uma militância na causa antifascista, suas redes de articulação nacionais e internacionais e a sua inserção no meio social da cidade. Também revelam os nomes de um conjunto de protagonistas da história do grupo, suas interações e efetiva participação nas agendas de divulgação e propaganda do antifascismo em Porto Alegre. Do cenário apresentado, é possível delinear algumas conclusões e hipóteses.



Figura 22 – Membros do Grupo Antifascista Giacomo Matteotti de Porto Alegre em uma pedra em terras de Attilio Superti. Primeira linha de baixo para cima, da esquerda para a direita: Giuseppina Superti, Attilio Superti, Annunciata Bottini. Outros não identificados. Fotografia digital de fotografia original. Acervo da família de Nelia Rosalina Passuelo de Oliveira.

No ambiente de Porto Alegre da segunda metade da década de 1920, é de se considerar que o Grupo Matteotti estava inserido de forma efetiva na luta antifascista, como um grupo conhecido em sua comunidade, no universo dos imigrantes italianos e da rede consular italiana no Estado. Parece evidente que o volume de atividades retratadas nas matérias jornalísticas na imprensa de ampla circulação no estado do

Rio Grande do Sul, como o caso dos jornais *Correio do Povo* e *A Federação*, já poderia indicar que o grupo e suas atividades ocupavam um espaço destacado na sociedade porto-alegrense naquele período. Em complemento, é hipótese razoável de que o grupo, com suas ações de propaganda, conferências e divulgação antifascista, representavam uma referência no antifascismo, no âmbito da comunidade italiana.

O antifascismo do grupo estava associado intrinsecamente ao tema da liberdade. Uma análise do conteúdo do periódico *Liberdade*, editado pelo grupo, e das falas dos conferencistas trazidos a Porto Alegre, evidenciam o tema da liberdade em destaque. A Figura 22 acima demonstra este “sentimento”, com a expressão “*W la libertà*”¹⁰⁷, exibida ao fundo da fotografia, pintada na pedra. Assim, o antifascismo aqui se apresenta como um contraponto ao totalitarismo e ao cerceamento das liberdades individuais. E aqui, trata-se de uma característica que demarca uma diferenciação de método de abordagem do antifascismo. Não há referências na imprensa ou nos materiais do grupo que vinculem ou demonstrem a articulação do grupo sob um viés de antifascismo relacionado à pauta da política partidária e ideológica da época.

Por evidência, no período analisado, o antifascismo permeava o ambiente da política partidária, envolvendo ações de movimentos anarquistas, socialistas, comunistas, entre outros. Entretanto, este universo da política não aparece retratado na imprensa pesquisada, tampouco há alguma sugestão de articulação do Grupo Matteotti nesse meio. O mais próximo disso foi o registro do envio de correspondência endereçada a Getúlio Vargas em apoio a sua pretensão eleitoral à presidência da república e, neste ponto, a inflexão do grupo se deu no tema da liberdade, e não no universo da política, conforme demonstra o relato na imprensa.

Se o universo da política não foi o eixo fundamental que unificou a opinião daqueles italianos e os conduziu a fundar o grupo antifascista de Porto Alegre, como explicar a capacidade de articulação e dimensão das ações que o grupo tomou a partir de sua fundação, em 1926? Todas as fontes da pesquisa levam ao caminho da articulação com a maçonaria. É evidente, nos jornais pesquisados, a constante referência das atividades antifascistas ligadas a membros e a lojas maçônicas.

Diversas atividades do grupo foram articuladas no Grande Oriente do Rio Grande do Sul. Grandes dirigentes do antifascismo internacional, como o conde

¹⁰⁷ O “w” ou duplo “v” é utilizado na Itália como sinônimo de “viva”. No caso, a expressão significa “viva a liberdade”. Este termo aparece com maior frequência nas imagens relacionadas à liberação da Itália do nazifascismo, após 1945. Exemplos podem ser acessado em: <<https://www.anpi.it/w-la-liberta>> e <<https://elduomomagazine.com/lifestyle/arte-cultura/25-de-abril-el-aniversario-de-la-liberacion-de-italia/>>.

Francesco Frola e o jornalista Candido Testa, foram ligados à maçonaria; membros do grupo Matteotti também foram maçons. A partir de pesquisa junto ao acervo do Grande Oriente do Rio Grande do Sul, em seu Índice de Maçons da capital, foi possível identificar o registro de Dante Pettinelli, Attila Salvaterra, Ferruccio Piattelli, Amilcare Ferrari e Carlos Frederico Mesquita. Não por acaso, o título do periódico do grupo é denominado Liberdade e a inflexão dos textos do grupo reflete palavras que permeiam o universo da maçonaria, como progresso, liberdade, “edifício da moderna sociedade”, entre outros.

O grupo também foi capaz de se articular com o movimento internacional antifascista a partir da cidade de Porto Alegre. A vinda e circulação de italianos antifascistas na cidade merecem destaque nas ações do grupo. Como já foi referido no segundo capítulo, esta fase do antifascismo estava bastante ligada aos movimentos internacionais, como a *Lega Italiana Dei Diritti dell’Uomo - LIDU*, o Comitê Anti-fascista de Paris, entre outras articulações. É de se considerar a expressiva população italiana no Rio Grande do Sul no início dos anos 1920, que motivassem ações desse tipo em busca de apoio e repercussão do movimento antifascista. Assim, este fato confere importância para a articulação do grupo, que propiciou a divulgação dos ideais antifascistas e a vinda de representantes internacionais do movimento para o Rio Grande do Sul.

4.2 PERSONAGENS, LAÇOS FAMILIARES E O FIM DO GRUPO MATTEOTTI

Diversos membros do Grupo Antifascista Giacomo Matteotti de Porto Alegre estamparam as páginas dos jornais da cidade. Membros fundadores, entre outros nomes que foram sendo citados ao longo dos anos finais da década de 1920. Embora a pesquisa tenha focado na análise das atividades desenvolvidas pelo grupo em Porto Alegre, foi possível identificar personagens que participaram das ações do grupo e, também, que foram objeto de citações e notas nos jornais. Assim, foi possível identificar algumas informações preliminares que poderão servir de base para pesquisas mais detalhadas sobre os participantes do Grupo Matteotti.

Iniciando pelos membros fundadores — excetuando Luigi Attilio Superti, objeto desta pesquisa —, o grupo foi composto majoritariamente por italianos atuando como profissionais liberais, empresários e pequenos comerciantes, portanto membros de

uma pequena classe média empreendedora na cidade. Tendo por base o banco de dados da Hemeroteca Digital Brasileira, em pesquisa livre por nome, foi possível identificar, em periódicos do acervo desta hemeroteca, pequenas “pistas” das atividades desses membros.

Enrico Gherardi¹⁰⁸, editor do Periódico Antifascista Ítalo-brasileiro Liberdade e membro fundador do grupo, não registrou ocorrências nos jornais pesquisados, exceto quando de matérias relacionadas ao Grupo Matteotti. Em mesmo sentido, as notícias referentes aos fundadores Geremia Bini, Arduíno Bernarde, Eugenio Zanini, Pierino Tricerri¹⁰⁹ e Enrico Piovesan¹¹⁰ são escassas.

Amilcare Ferrari, presidente do Grupo Antifascista Giacomo Matteotti, possuía laços com o movimento espírita da capital, registrados no periódico Eternidade: Órgão das Sociedades Espíritas Dias da Cruz e Allan Kardec. No ano de 1913¹¹¹, há registros de que Ferrari ministrava palestras públicas sobre a doutrina espírita e, em 1914¹¹², consta o registro de que compunha o rol de assinantes do periódico Eternidade.

Nas festividades em homenagem à comissão executiva do Partido Republicano da capital, nos salões da Confeitaria Rocco, Ferrari está entre as inúmeras pessoas que participam da atividade, destacada em matéria de página inteira no jornal a Federação, datado de 23 de novembro de 1927¹¹³. No ano de 1929¹¹⁴, Ferrari compôs a comissão executiva para elaboração dos estatutos da Associação dos Proprietários de Alfaiatarias. Já como presidente da associação, Ferrari dirigiu ofício em apoio à candidatura de Getúlio Vargas à presidência, em agosto do mesmo ano¹¹⁵. Em 1934, Amilcare Ferrari compunha o quadro de conselheiros do Grêmio Náutico Gaúcho¹¹⁶.

Carlos Gatti participou, em 1910¹¹⁷, da Companhia Italiana de Operetas Lahoz, desempenhando o papel de cômico nas apresentações. Em sequência, no ano de

¹⁰⁸ Há notícias relacionadas ao tenor Henrique Gherardi, nos anos de 1933 e 1934, no jornal A Federação. O tenor realizou apresentações no Teatro São Pedro de Porto Alegre e em Caxias do Sul, atuando no setor cultural e de eventos. Entretanto, esta pesquisa não pode concluir ser possível se tratar da mesma pessoa.

¹⁰⁹ Pierino Tricerri está registrado como pintor, com endereço na rua Luiz Afonso, 312, Porto Alegre, conforme registro no Almanak Laemmert: administrativo, mercantil e industrial (RJ), edição de 1936, p. 1257. Hemeroteca Digital Brasileira.

¹¹⁰ Enrico Piovesan está registrado como funcionário na Casa Aloys entre 1914 e 1919, possivelmente exercendo tarefas com mármore (GUILHERME, 2019, p. 74).

¹¹¹ ETERNIDADE, Porto Alegre, ano IV, nº 4, maio 1913. Hemeroteca Digital Brasileira.

¹¹² ETERNIDADE, Porto Alegre, ano V, nº 4, abril 1914. Hemeroteca Digital Brasileira.

¹¹³ A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 27/11/1927. Hemeroteca Digital Brasileira.

¹¹⁴ A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 09/05/1929. Hemeroteca Digital Brasileira.

¹¹⁵ A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 19/08/1929. Hemeroteca Digital Brasileira.

¹¹⁶ A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 13/01/1934. Hemeroteca Digital Brasileira.

¹¹⁷ A OPINIÃO PÚBLICA, Pelotas, 18/05/1910. Hemeroteca Digital Brasileira.

1914¹¹⁸, empreendeu em Porto Alegre, inaugurando à rua dos Andradas, 317, a loja Photo-Films, especializada em fotografias, havendo registro de seu funcionamento ao menos até 1917. Um detalhe que chama a atenção é a notícia referente a um registro de sinistro realizado pelo Corpo de Bombeiros, em nome de Carlos Gatti para o endereço rua dos Andradas nº 308, datado de 26 de junho de 1926¹¹⁹. No mesmo ano, na data de 21 de março, o Corpo de Bombeiros registrou outro sinistro, na rua 24 de maio nº 28, em nome de Antonio Campagna, também componente do Grupo Giacomo Matteotti.

Antonio Campagna, para além do seu envolvimento no caso do atentado ao cônsul italiano, aparece como membro da comissão de contas da sociedade União dos Oficiais Alfaiates, conforme notícia do jornal A Federação de 1911¹²⁰. Retomando o tema do sinistro reportado no parágrafo anterior, Campagna recebeu valores da companhia de seguros Loyd Industrial, referentes ao sinistro atribuído em 1926 e, em mesmo sentido, Carlos Gatti também recebeu valores das seguradoras Aliança da Bahia e Anglo Americana. A notícia destes pagamentos consta no jornal A Federação do ano de 1927¹²¹.

Alfonso Diquigiovanni foi sócio da empresa Binetti & Diquigiovanni, especializada em exportação e importação¹²². No ano de 1905, se envolveu em um processo judicial federal sob denúncia de repasse de moeda falsa na cidade de Rio Grande, terminando o feito com o julgamento pela improcedência da denúncia¹²³. Consta ainda, que Diquigiovanni participou da diretoria do *Club I. Canottieri Duca degli Abruzzi*¹²⁴, em 1909¹²⁵.

Os irmãos Piattelli tiveram destacada atuação no Grupo Matteotti de Porto Alegre, desde a sua fundação. Ferruccio e Amans Piattelli foram fundadores e atuaram ao longo de todo o período de atividade do grupo. Originários da região da Toscana, se dedicaram ao trabalho com pedras, destacadamente na marmoraria. Conforme relata a pesquisadora Regina Zimmermann Guilherme, os irmãos chegaram da Itália em 1912 e 1913, fundando em 1921 a firma Irmãos Piattelli,

¹¹⁸ A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 21/08/1914. Hemeroteca Digital Brasileira.

¹¹⁹ A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 26/06/1926. Hemeroteca Digital Brasileira.

¹²⁰ A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 15/02/1911. Hemeroteca Digital Brasileira.

¹²¹ A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 15/10/1927. Hemeroteca Digital Brasileira.

¹²² CITÁ DI CAXIAS, Caxias do Sul, 30/06/1918. Hemeroteca Digital Brasileira.

¹²³ A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 18/04/1905. Hemeroteca Digital Brasileira.

¹²⁴ Clube esportivo de remo, criado em 1908, em Porto Alegre.

¹²⁵ A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 11/02/1909. Hemeroteca Digital Brasileira.

especializada em granitos. Esta firma produziu alguns dos monumentos funerários mais importantes do Estado, como as capelas das famílias Sá Berthe e Mathias Velho, tendo trabalhado nessa firma escultores como André Arjonas, Antonio Caringi, Luiz Sanguin e Alfred Adloff (GUILHERME, 2019, p. 84-85).

Complementa Guilherme a respeito dos irmãos Piattelli¹²⁶:

O jornal *Correio do Povo* de 6 de agosto de 1926 veiculava que os Piattelli Irmãos concorreriam à Exposição-Feira Internacional de Roma, com um mostruário de granito polido dos arredores da capital. Em uma caixa, exposta na vitrine do jornal, era possível observar vinte e quatro qualidades de granito. A matéria salienta que os Irmãos Piattelli tiveram seu estabelecimento premiado em vários concursos. O mesmo jornal, em 20 de julho de 1927, anunciou que os Piattelli Irmãos, estabelecidos na Lomba do Cemitério, n 7, expuseram na vitrine do jornal, um mostruário de granitos dos arredores de Porto Alegre, que foi apresentado na Exposição Feira Internacional de Roma, na qual receberam o grande prêmio; e na Exposição Feira do Cinquentenário da Colonização Italiana, onde receberam medalhas de ouro. Os prêmios também foram expostos nesta vitrine. O mostruário seria oferecido ao Museu Julio de Castilhos. O Jornal *A Federação* também notificou a participação dos Irmãos Piattelli na referida exposição, assim como o prêmio e a doação do mostruário para o museu (GUILHERME, 2019, p. 85).

Os empreendedores toscanos do mármore foram destacados nos estudos realizados por Antonio de Ruggiero, ao analisar o movimento migratório dos toscanos para o Brasil, entre 1875-1914. Conforme relata Ruggiero, o Brasil não esteve excluído do que denominou como "Estradas do Mármore", tendo a arte funerária, a construção civil e a estatuária como um dos primeiros setores onde os italianos conseguiram se firmar, presentes nas construções dos grandes centros urbanos e amplo desenvolvimento da virada do século (DE RUGGIERO, 2014, p. 80).

Neste ponto, é interessante notar a presença de membros do Grupo Matteotti inseridos nesse contexto de empreendedores no trabalho com pedras, como no caso dos toscanos Ferruccio Piattelli, Amans Piattelli e Geremia Bini. Embora não identificado como originário da região da toscana, Enrico Piovesan também atuava no ramo como empregado do alemão Aloys Friederichs, empreendedor do ramo de pedras citado por Ruggiero como relevante empregador de operários italianos. Ainda

¹²⁶ Ferruccio Piattelli e Amans Piattelli estão registrados no *Casellario Politico Centrale* da Província de Lucca, Itália. O *Casellario* registra as atividades de pessoas consideradas "subversivas" pela província. Disponível em <<https://www.isreclucca.it/casellario-politico-centrale/>>. Acesso em 08 ago. 2024.

no tema, Attilio Superti também possuía em sua propriedade na Vila Nova, em Porto Alegre, uma área de extração e corte de pedras, de acordo com relato em depoimento da neta Norma Superti, consignado em registros fotográficos, conforme mostram as Figuras 15 e 22.

As famílias Piattelli, Bini e Superti, fundadoras do grupo Matteotti, também estabeleceram laços familiares entre elas. Geremia Bini casou-se com Emilia Piattelli. Do casamento, nasceu a filha Serina Bini Piattelli que posteriormente se casaria com Tranquillo Superti, filho de Luigi Attilio Superti¹²⁷. Deste casamento, nasceu Norma Superti, neta de Attilio que com o seu depoimento, contribuiu para a construção desta pesquisa.

É relevante destacar que as famílias Piattelli e Bini tiveram um movimento de circulação entre o Brasil e a Itália, como demonstra a lista de bordo do navio *Principe di Udine*. Nessa lista, datada de 12 de dezembro de 1923, foram registradas as chegadas ao Brasil de Angelo Piattelli, 61 anos (pedreiro¹²⁸), Rosa Piattelli, 67 anos (dona de casa), e Floro Piattelli, 38 anos (pedreiro). Na mesma lista, constam as chegadas de Emilia Bini, 27 anos (dona de casa), suas filhas Serina Bini¹²⁹ e Bice Bini, respectivamente com 3 e 1 anos, Geremia Bini, 34 anos (pedreiro) e Vincenzo Bini¹³⁰, 12 anos (pedreiro).¹³¹

Emilia Piattelli nasceu no estado de São Paulo em 1896, período em que seus pais estiveram no Brasil pela primeira vez. Após retornar à Itália, Emilia, então com 27 anos, contraiu matrimônio¹³² com Geremia Bini na *comune* de Pescia, Província de Pistoia, no dia 4 de outubro de 1923, partindo para o Brasil no mês de novembro do mesmo ano. Conforme registro no ato de nascimento de Geremia Bini¹³³, antes do matrimônio com Emilia, Geremia foi casado com Ida Piattelli, em ato matrimonial datado de 24/04/1910. Neste ponto, sobrevêm as memórias de Norma Superti

¹²⁷ Tranquillo Superti e Serina Bini registraram seu matrimônio em 23/05/1938 na cidade de Porto Alegre. Cópia do original certidão de casamento. Arquivo pessoal.

¹²⁸ O termo “pedreiro” é utilizado para denominar aquela pessoa que trabalha com pedras, e não no sentido atual, de trabalhador que constrói ou reforma edificações.

¹²⁹ Na lista de bordo, o nome de Serina Bini está registrado como “Severina” Bini.

¹³⁰ Vincenzo Bini é filho de outro casamento de Geremia Bini, fruto do matrimônio com Ida Piattelli.

¹³¹ Lista de Bordo, navio *Principe di Udine*. 15/12/1923. Relação de passageiros em vapores. Arquivo Nacional.

¹³² *Certificato di matrimonio*, 04/10/1923, *comune di Pescia*. Cópia documento original. Arquivo pessoal.

¹³³ *Estratto per riassunto di atto di nascita di Geremia Bini*, 24/10/1889, *comune di Pescia*. Cópia documento original. Arquivo pessoal.

registradas em seu depoimento, no qual relata que Ida Piattelli adoeceu na Itália e, perto da morte, pediu para Emilia, sua prima, se casar com Geremia Bini, o que de fato aconteceu.

Um outro elemento que chama a atenção e demonstra o forte envolvimento de Ferruccio Piattelli na agenda política antifascista, está registrado no acervo da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro¹³⁴. Em pesquisa no banco de dados da fundação, foi localizada uma correspondência anônima de 1931, endereçada a Oswaldo Aranha, então Ministro da Fazenda de Getúlio Vargas, denunciando atividades dos irmãos Piattelli. A correspondência assim se apresenta:

Comunico a V.Excia. que os meus informantes contataram diversas reuniões, em caracter secreto excecional do elemento comunista desta capital, reuniões essas, feitas em casas particulares: uma em Navegantes em casa de um chefe de seção de fabrica, o qual brevemente identificaremos e duas no bom fim em casa do sr. Mauricio Cotlar, israelita brasileiro. Como também levo ao Vosso conhecimento que, um dos maiores incitadores a rebelião, após a intervenção policial são os comunistas Irmãos Piatelli, os quaes estão subvencionando até com dinheiro o movimento contra os poderes do Estado. Hospedaram na própria casa (Marmoraria na Lomba do Cemitério) indivíduos suspeitos, dando-lhes subvenções e ajudas em trabalho e auxiliando todos os elementos que vinham de Montevideo e Buenos Aires. O Sr. Piatelli tem frequentado com sua família os picnics, realizados neste ultimo anno, pelo partido comunista local. Estando este senhor em observação, há diversos mezes e não querendo, visto o mesmo ser um anti-fascista, fazer uma injustiça, procuramos primeiro aprofundar as nossas investigações, o que nestes últimos dias se revelaram extraordinariamente positivas. O Sr. Piatelli sabe disfarçar muito bem. Recomendo também V.Excia. muita prudencia, visto exaltação dos ânimos neste momento. Existem muitas ameaças exageradas, mas não se deve confiar. Estamos a caminho para descobrir um deposito de explosivos e se tal conseguirmos será uma nota sensacional de grande benemerência para o Fascio local que, não mede sacrifícios para que esta peste bubónica seja varrida definitivamente do nosso ambiente.
Excellencia, "A NOI".
Licença especial nº 1

Como já foi abordado, a pesquisa não identificou novas atividades do Grupo Antifascista Giacomo Matteotti após o ano de 1930, também não ocorrendo referências em depoimentos ou demais fontes históricas pesquisadas nesta dissertação. Assim, não foi possível identificar se o grupo permaneceu reunindo e em

¹³⁴ Documento acervo Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro.

que período encerrou — se encerrou — as suas atividades. De fato, a conjuntura política brasileira se alterou significativamente com episódios como a Revolução de 1930, alçando Getúlio Vargas ao poder no Brasil, a criação da Ação Integralista Brasileira de Plínio Salgado, em 1932, e a consolidação e fortalecimento do fascismo na Itália.

Apesar da não identificação de fontes sobre o fim do Grupo Matteotti, Ferruccio Piattelli, membro fundador do grupo, lançou um pequeno indício do encerramento das atividades do grupo. Em reportagem datada de 18 de julho de 1945, o jornal Folha da Tarde de Porto Alegre destacou, em matéria de meia página, o drama do pós-guerra na Itália e o sofrimento e a fome por que passavam os italianos. Em sua entrevista, Ferruccio falou sobre a necessidade de solidariedade da comunidade italiana no Rio Grande do Sul com a situação dramática vivida pelos italianos, enalteceu o trabalho da Força Expedicionária Brasileira e as ações da condessa Sforza buscando minimizar o sofrimento das crianças italianas no pós-guerra¹³⁵.

Em excerto da reportagem, assim apresenta o jornalista da Folha da Tarde:

Houve época em que Ferruccio ficou só, completamente isolado. Os velhos companheiros foram morrendo. Ele ficou só, com sua voz de lutador anti-fascista. Fundou o grupo anti-fascista “Giacomo Matteotti”, **do qual ainda é o presidente — presidente aposentado — esclarece, porque a sociedade foi fechada a pedido do consulado mussoliniano da época.** Declara ao repórter que desde 1921 vem lutando contra o fascismo, de viseira erguida, sem nunca capitular, porque essa era a luta contra o inimigo comum do povo italiano e do povo brasileiro, do inimigo do povo italiano e da ameaça mais tarde revelada, contra o povo brasileiro. [...]

Tudo isto será possível se unirmos e trabalharmos auxiliando com todas as forças a iniciativa dos promotores da campanha. E com este esforço unitário, devemos esquecer todos os ressentimentos antigos, deixando de lado as diferenças ideológicas e partidárias, pois se trata de auxiliar os nossos irmãos, acima de tudo. Como anti-fascista, estou pronto a colaborar com todos para que alcancemos o alto objetivo exposto, sinto-me na obrigação de estar na linha de frente numa posição de vanguarda ao lado do meu povo. E é por isso que me dirijo, dessa forma, à colônia italiana, tanto na capital como no interior do Estado, estendendo a mão mesmo para meus adversários políticos. (grifo nosso).

O texto sinaliza que o Grupo Antifascista Giacomo Matteotti de Porto Alegre foi fechado ou encerrou suas atividades por pressão do consulado italiano, a partir do

¹³⁵ FOLHA DA TARDE, Porto Alegre, 18/07/1945. Original acervo pessoal de Elizabete Maria Fassina.

início dos anos 1930. Por evidência, conforme já descrito, o grupo promoveu intensos confrontos com a estrutura consular em Porto Alegre na divulgação da pauta antifascista e, portanto, em contraponto à política consular fascista na capital gaúcha. Nesses termos, a mudança da conjuntura política no Brasil e o fortalecimento do fascismo nos anos 1930 (consolidação do poder de Mussolini na Itália, surgimento do nazismo na Alemanha, o integralismo no Brasil, entre outros movimentos de orientação fascista) podem ter contribuído para a diminuição e encerramento definitivo das atividades do grupo Giacomo Matteotti.

Uma carta anônima endereçada a Oswaldo Aranha (apresentada anteriormente) também contribui para esta possível conclusão. O texto é claro quando o denunciante sinaliza que o monitoramento realizado aos irmãos Piattelli significaria uma “benemerência aos *Fascio*”. Do mesmo modo, quando o denunciante chega ao final da carta, usa uma expressão de camaradagem a Oswaldo Aranha, saudando o Ministro com um “A NOI”. A expressão indica uma tentativa de ligação de Aranha — possivelmente do governo — com o movimento fascista.

Em conclusão ao que foi destacado neste subcapítulo, foi possível narrar um conjunto de informações relacionadas aos membros do Grupo Matteotti de Porto Alegre, com destaque para os indícios de redes de sociabilidade que se estabeleceram para além do Grupo Matteotti e as suas relações familiares.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dissertar sobre a trajetória de vida de Luigi Attilio Superti, suas conexões entre a Itália e o Brasil, a ascensão do fascismo na Itália e o movimento antifascista no Brasil, em particular na cidade de Porto Alegre, foi o desafio desta pesquisa. O amplo e conturbado período histórico da década de 1920, a multiplicidade de possibilidades de ênfases teóricas e metodológicas e um conjunto diverso de fontes (em muitos momentos, escassas) foram o desafio perseguido ao longo de todo o período de pesquisa para esta dissertação.

Em especial, a construção de uma narrativa histórica tendo como uma linha mestre a trajetória de vida de um personagem que vivenciou o período do *novecento*, interferiu e foi influenciado por ele. Não se tratava da análise de um grande expoente da sociedade, uma figura pública relevante no campo da política ou que carregasse, por si próprio, uma singularidade a ser estudada. O desafio permanente foi construir o cenário do período analisado sob uma lente reduzida, uma “pequena história”, capaz de se constituir em uma trilha para contextualizar uma “grande história” do período do *novecento* na Itália e no Brasil.

Nos primeiros momentos de elaboração do projeto de pesquisa, o grande desafio que se apresentou foi o da existência (ou não) de fontes históricas suficientes para a construção da dissertação. Em especial, quanto à trajetória de vida de Attilio, foi possível identificar um conjunto de fontes na Itália e no Brasil, que se constituíram no primeiro elemento para a construção da linha que vertebrou a pesquisa, como documentos pessoais, fotografias, documentos oficiais e fontes de imprensa. Embora com muitas lacunas e se constituindo como fragmentos de uma trajetória de vida, o sopesamento delas com a metodologia da história oral se apresentou como uma decisão válida durante a pesquisa.

A partir dos depoimentos de netas de Attilio Superti, foi possível realizar um trabalho de cotejamento de memória oral com as fontes disponíveis, melhorando a construção de sua trajetória, confirmando ou refutando elementos trazidos durante os depoimentos — em particular, de Norma Superti e Gileza Superti. Nesse sentido, a utilização de um número diverso de fontes materiais, e o seu “confronto” com os depoimentos, se mostrou adequado e possível, no universo teórico-metodológico da Micro-História.

Ainda no que diz respeito às fontes, a pesquisa pode consignar que há um universo de possibilidades ainda a serem exploradas. Em destaque, algumas bases de dados que não foram acessíveis para este estudo, e que podem agregar novos elementos, propiciar novas análises e entendimentos sobre o período dos anos 1920. Cito, por exemplo, o acervo de correspondências diplomáticas do Ministério de Relações Exteriores da Itália que, em seu catálogo, indica a existência de correspondências do Ministério com a embaixada no Brasil no período. Essa base de dados pode propiciar novas informações sobre os movimentos antifascistas no Brasil. Do mesmo modo, o acervo do Grande Oriente do Rio Grande do Sul pode contribuir para desvendar elementos da movimentação de membros do Grupo Antifascista Giacomo Matteotti ligados à maçonaria.

Sobre as fontes de imprensa, exemplares não disponíveis dos jornais *A Federação* e *Correio do Povo* podem ainda ser pesquisados no acervo do Museu Hipólito José da Costa e no acervo do próprio jornal *Correio do Povo*, pois exemplares de determinadas datas não estiveram disponíveis durante esta pesquisa. Em mesmo sentido, exemplares não disponíveis do periódico *La Difesa*, importante fonte de pesquisa relativa à movimentação e articulação das atividades do Grupo Antifascista Giacomo Matteotti de Porto Alegre.

Quanto ao personagem central da narrativa, as fontes disponíveis se esgotaram sobre a participação de Attilio Superti na reunião de fundação do Grupo Matteotti. Após este registro na imprensa, não há outras menções da participação de Attilio nas atividades do grupo. Attilio morre em 1941, deixando uma lacuna quanto as suas atividades e redes de sociabilidade após o ano de 1926, excetuando-se os laços que uniram a família Superti com outros membros do grupo, como as famílias Piattelli e Bini.

A análise realizada sobre o Grupo Antifascista Giacomo Matteotti abre caminho para pesquisas relacionadas aos movimentos antifascistas nos anos 1920, sob o viés de um enfrentamento ao fascismo de caráter não político-partidário. Se é possível esta conclusão, novas pesquisas poderão explorar este caminho. O Grupo é um exemplo dessa possibilidade, na medida em que foi possível apontar que suas atividades estavam relacionadas a um movimento amplo de contestação ao fascismo, solidificado na expressão “antifascista”, como aqueles que lutam pela liberdade em contraponto ao caminho autoritário e violento do fascismo. Não à toa, o periódico do

Grupo é denominado Liberdade¹³⁶. Num mesmo sentido, os textos publicados no Periodico Anti-Fascista Italo-Brasileiro Liberdade exaltam fortemente o tema da liberdade diante da ditadura fascista.

Nesse diapasão, a participação da maçonaria no movimento antifascista poderá também abrir novos caminhos de pesquisa. As pesquisas que analisaram o antifascismo no Brasil apontam nessa direção, demonstrando que uma ação internacional da maçonaria foi articulada no sentido de combater o fascismo. Evidências de tal articulação estão na participação de lojas maçônicas no movimento antifascista, destacadamente de membros do Grupo Antifascista Giacomo Matteotti e, também, como evidência, em uma constante produção de matérias jornalísticas no periódico *La Difesa*¹³⁷.

Outra possibilidade de ampliação de pesquisas sobre o antifascismo está na análise dos membros do grupo Matteotti. Mais de uma dezena de nomes constituintes do grupo foram mencionados nas fontes disponíveis, envolvendo profissionais liberais, empresários, membros da maçonaria, fotógrafos, marmoristas, entre outros. Buscar o universo de cada um desses homens poderá revelar outros caminhos e novas informações sobre a estrutura e funcionamento do grupo, assim como uma melhor identificação da base social dos seus membros. Esta pesquisa utilizou a base de dados online de periódicos do Arquivo Nacional para identificar ações dos membros do grupo Matteotti. Várias referências em jornais foram identificadas, mas carecem de um melhor detalhamento e análise sobre cada membro do grupo.

As redes de sociabilidade e o caráter transnacional da trajetória de vida e do movimento antifascista se constituem em elementos importantes na análise apresentada, assim como para o aprofundamento de pesquisas neste contexto. Foi possível identificar relações entre grupos sociais diversos em Porto Alegre que estiveram unidos em torno da pauta antifascista. Para além do Grupo Matteotti, seus membros também participaram de outras sociedades, partidos e estabeleceram relações familiares entre si, ampliando o universo de relacionamento e de possibilidades de difusão dos seus ideais.

¹³⁶ O tema liberdade também aparece no subtítulo do jornal *La Difesa*: “*organo settimanale degli uomini liberi*”.

¹³⁷ Por amostragem, nos 42 exemplares pesquisados do jornal *La Difesa* do ano de 1925, em todos há matérias relacionadas ao tema fascismo/antifascismo/maçonaria.

O tema do antifascismo na década de 1920, período da gênese do fascismo, ainda possui um campo de pesquisa a ser explorado. Excetuando-se a ampla análise propiciada por pesquisadores como Angelo Trento e Fabio Bertonha, é possível afirmar que a pesquisa no período ainda pode gerar conhecimento científico relevante, considerando o ressurgimento de aspectos do fascismo em nossa sociedade na atualidade. A narrativa dos fatos pretéritos sobre o surgimento do fascismo e suas vicissitudes pode propiciar, naquilo que pode convergir ou divergir enquanto doutrina e método, uma reflexão sobre o mundo em que vivemos hoje.

Como ficou expresso na introdução deste trabalho, parte importante da justificativa deste projeto estava alicerçada no crescimento ou na retomada de conceitos, valores e práticas do fascismo em nossa sociedade, permeando a vida política e social nos dias de hoje. Em especial, a retomada de discursos de ódio, de nacionalismos exacerbados, xenofobia, entre outros exemplos. Nesse sentido, a retomada de estudos históricos sobre o período do surgimento do fascismo na Itália e os movimentos antifascistas podem contribuir para uma melhor compreensão do cenário atual. Falar sobre o significado do fascismo para a Itália e o mundo, manter pesquisas sobre o tema, enfim rememorar um triste período na história mundial, deve ser tarefa permanente de historiadores e cientistas sociais.

A dissertação também se constituiu como um registro sobre a trajetória de vida de Attilio Superti e sua família, uma memória oral de seus antepassados que, a partir de pesquisa e ponderação com fontes, foi possível sistematizar neste texto uma narrativa aproximada dos acontecimentos vividos por esse personagem. Não havia registro escrito desta história familiar, suas articulações e redes de sociabilidade. Outrossim, em se tratando de memórias orais de terceira geração, os registros orais gravados e a dissertação se constituem em um material perene para o futuro. Talvez outros pesquisadores possam avançar na busca por novas fontes e fragmentos, iluminando o caminho de um passado ainda possível de encontrar novas histórias.

Para além de ampliar informações da trajetória de vida de Attilio, da busca por novas fontes e análises a respeito das atividades do Grupo Antifascista Giacomo Matteotti de Porto Alegre e as atividades e ações de seus membros, esta pesquisa também evidenciou uma importante lacuna historiográfica relacionada à história do bairro Vila Nova de Porto Alegre. Esse bairro, na então zona rural da cidade, se

desenvolveu a partir da chegada de um conjunto de famílias de imigrantes italianos que lá residiram. Afora o pioneiro trabalho da pesquisadora Ana Maria Monteggia Malmann, esta história ainda está por ser contada.

REFERÊNCIAS

- ÁLBUM do Cinquentenario della Colonizzazione Del Rio Grande Del Sud.** Porto Alegre, EST, V.1. 2000.
- ÁLBUM do Cinquentenario della Colonizzazione Del Rio Grande Del Sud.** Porto Alegre, EST, V.2. 2000.
- AMBIEDO, Fernanda Trentini. **Imigrante, Filantropo e confeitiro: a vida de Nicolau Rocco (1856-1932).** Tese (Doutorado em História). Escola de Humanidades. Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), 2023.
- ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- AZZONI, Giuseppe. **Il Novero dei Sovversivi.** Cremona (IT): s/d
- AZZONI, Giuseppe. **Cremona rossa: Figure e vicende della sinistra nel '900 cremonese.** Cremona (IT): Cremonabooks, 2011.
- BARTZ, Frederico Duarte. Os espaços da luta antifascista em Porto Alegre (1926-1937). In: **Revista Cantareira** – UFF, nº 34, 2021.
- BARROS, José D'Assunção. Sobre a feitura da micro-história. **OPIS**, n. 9, v. 7, jul-dez, 2007.
- BARROS, José D'Assunção. Cinema-História, múltiplos aspectos de uma relação. In: **Dispositiva**, Revista Interinstitucional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC Minas e da UFMG, n. 1, v. 3, 2014.
- BERTONHA, João Fábio. A resistência além oceano: os “fuorusciti” italianos e a experiência antifascista brasileira. In: **Anos 90**, n. 4, dez, 1995.
- BERTONHA, João Fábio. **Fascismo, antifascismo e as comunidades italianas no exterior: guia bibliográfico.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.
- BERTONHA, João Fábio. **Fascismo e antifascismo italianos: Ensaio.** Caxias do Sul: EDUCS, 2017.
- BERTONHA, João Fábio. **Sob a sombra de Mussolini: Os italianos de São Paulo e a luta contra o fascismo, 1919-1945.** São Paulo: FAPESP: Annablume, 1999.
- BERTONHA, João Fábio. **O Antifascismo Italiano no Brasil: a comunidade italiana e a oposição ao regime de Mussolini, 1919-1945.** São Paulo: Lutas Anticapital, 2023.
- BERTONHA, João Fábio. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

BERTONHA, João Fábio. Um antifascista controverso: Francesco Frola. In: **História Social**. Revista da Pós-Graduação em História. Universidade de Campinas, São Paulo, n. 7, 2000.

BIONDI, Luigi. **Classe e nação**: trabalhadores socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920. São Paulo: Editora Unicamp, 2011.

BIONDI, Luigi. Aventuras e desventuras da Sociedade Italiana de Socorro Mútuo 'Lega Lombarda'. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, 2011.

BOBBIO, Norberto. **Do fascismo à democracia**: os regimes, as ideologias, os personagens e as culturas políticas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

BORGES, Stella. **Italianos**: Porto Alegre e trabalho. Porto Alegre: EST Edições, 1993.

BORGHETTI, Giorgio. **La prima guerra mondiale a Voltido**. Voltido (IT): s/e, 2020.

BRUM, Rosemary Fritsch. **Uma cidade que se conta**: Imigrantes italianos e narrativas no espaço social da cidade de Porto Alegre (1920-1937). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

BRUM, Rosemary Fritsch. **Cadernos de Pesquisa**: Notícias de imigrantes italianos em Porto Alegre, entre 1911 e 1937. São Luiz do Maranhão: EDUFMA, 2009.

CIUFFOLETTI, Zeffiro; MORAVIA, SERGIO. **La Massoneria**: La storia, gli uomini, le idee. Milano (IT): Mondadori, 2004

COLARIZI, Simona. **La resistenza lunga**: Storia dell'antifascismo 1919-1945. Roma (IT): Editori Laterza, 2022.

CONEDERA, Leonardo de Oliveira. **Músicos no novo mundo**: a presença de musicistas na banda municipal de Porto Alegre (1925-1950). Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), 2017.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O italiano da esquina**. Imigrantes na sociedade Porto-Alegrense. Porto Alegre: EST, 1991.

CROCE, Benedetto; GENTILE, Giovanni. **I Manifesti degli intellettuali fascisti e antifascisti**. Firenze (IT): Passigli Editori, 2024.

DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINKSY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2015, p. 111-153.

DE RUGGIERO, Antonio. L'emigrazione italiana nei contesti urbani del Rio Grande do Sul: prospettive di ricerca. In: RADÜNZ, Roberto.; HERÉDIA, Vânia Beatriz

Merlotti (org.). **Imigração e Sociedade**. Fontes e acervos da imigração italiana no Brasil. Caxias do Sul: EDUSC, 2015, p. 388-405.

DE RUGGIERO, Antonio. Os empreendedores toscanos do mármore nas cidades brasileiras. In: DE RUGGIERO, Antonio; FAY, Claudia Musa (org.). **Imigrantes empreendedores na história do Brasil: estudos de casos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014, p. 75-90.

ECO, Umberto. **O Fascismo Eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1995.

FINCHELSTEIN, Federico. **Uma breve história das mentiras fascistas**. São Paulo: Vestígio, 2020.

FRANCESCONI, Mario P. **Storia della conragazione scalabriniana**. Roma (IT): Istituto Storico Scalabriniano, 2021

GATTAI, Zélia. **Anarquistas, graças a Deus**. E-book Kindle. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GENTILE, Emilio. **Fascismo: storia e interpretazione**. Roma: Editori Laterza, 2005.

GERTZ, Rene E. **O fascismo no sul do Brasil**. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1987.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GIRON, Loraine Slomp. **As sombras do littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: Educs, 2017.

GUILHERME, Regina Zimmermann. **O marmorista italiano Leone Domenico Leonardi em Porto Alegre (1927-1961): um estudo de caso sobre imigração qualificada, redes sociais e transnacionalismo**. Dissertação (Mestrado em História). Escola de Humanidades. Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), 2019.

GRAMSCI, Antonio. **Os líderes e as massas: escritos de 1921 a 1926**. São Paulo: Boitempo, 2023.

GRIFFIN, Roger. **Fascismo**. Madrid (ES): Alianza editorial, 2018.

GRIFFIN, Roger. **Fascismo: uma immersión rápida**. Barcelona (ES): Tibidado Ediciones, 2020.

KARSBURG, Alexandre. A micro-história e o método da microanálise na construção de trajetórias. In: VENDRAME, Maíra Inês; KARSBURG, Alexandre; WEBER,

Beatriz; FARINATTI, Luis Augusto (org.). **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, 2015.

LESSER, Jeffrey. **A invenção da brasilidade**: Identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

MALMANN, Ana Maria Monteggia. **Vila Nova**. Texto de Ana Maria Monteggia Malmann. 2 ed. Porto Alegre: UE/Porto Alegre, 1996.

MARÇAL, João Batista. **A imprensa operária no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: s/e, 2004.

MARÇAL, João Batista; MARTINS, Marisângela. **Dicionário ilustrado da esquerda gaúcha**. Porto Alegre: Palmarinca, 2008.

MARIATEGUI, José Carlos. **As origens do fascismo**. São Paulo: Alameda, 2008.

MARTINS, Carlos. **Fascismos**: para além de Hitler e Mussolini. Porto Salvo (PT): Desassossegos, 2022.

MARTINS, Marisângela T. A. **De volta para o presente**: uma história dos militantes comunistas de Porto Alegre e suas representações acerca da democracia (1945-1947). Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2007.

MANSUINO, Daniele. **Massoneria e Fascismo**. E-book Kindle. 2014.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. Ijuí: UNIJUÍ, 2007.

MORAVIA, Sergio; CIUFFOLETTI, Zeffiro. **La Massoneria**: La storia, gli uomini, le idee. Milano (IT): Mondadori, 2004.

MUSSOLINI, Benito. A doutrina do fascismo. In: **Textos fundamentais e históricos do século XX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

OLIVEIRA, Angela Meirelles. **Palavras como balas**: imprensa e intelectuais antifascistas no Cone Sul (1933-1939). São Paulo: Alameda, 2015.

OLIVEIRA, Clovis Silveira. **Porto Alegre a cidade e sua formação**. Porto Alegre: Editora Metropole, 1993.

OLIVEIRA, Tamara Zambiasi Superti. A resistência antifascista entre os imigrantes italianos em Porto Alegre. In: FAY, Claudia Musa; MACHADO, Janete da Rocha (Orgs.). **Vozes Urbanas**: experiências com história oral. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.

PACHUKANIS, Evguiéni B. **Fascismo**. São Paulo: Boitempo, 2020.

PALLA, Marco. **A Itália fascista**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

PARIS, Robert. **As origens do fascismo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.

PAXTON, Robert O. **Anatomia do Fascismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética em história oral. **Projeto História**, n. 15, São Paulo, p. 13-50, 1997.

ROSAS, Fernando. **Salazar e os fascismos**. São Paulo: Tinta-da-China, 2023.

SARAIVA, Tiago. **Porcos Fascistas**. Porto (PT): Dafne editora, 2022.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SCARRONE, Marcello. **Nelo, Libero e Giuseppe: do Rio contra Mussolini. Percursos políticos do antifascismo italiano na capital federal (1922-1945)**. Tese (Doutorado em História). Instituto de História. Programa de Pós-Graduação em História Comparada. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2013.

SCHMIDT, Benito. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. **História** (São Paulo), v. 33, n. 1, p. 124-144, jan./jun., 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Brasil: uma biografia**. Lilia Moritz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling: São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. População e sociedade. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org). **História do Brasil Nação**. São Paulo: Objetiva, v. 3, 2013.

SCURATI, Antonio. **Fascismo e Populismo**. Milano (IT): Bompiani, 2024.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo: a política do “nos” e “eles”**. Porto Alegre: L&PM, 2020.

TEDESCO, João Carlos. **Estrangeiros, extracomunitários e transnacionais: paradoxos da alteridade nas migrações internacionais: brasileiros na Itália**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo; Porto Alegre: Ed. PUCRS; Chapecó: Argos, 2010.

TOLEDO, Edilene. **Travessias revolucionárias: ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico: Um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel: Instituto Italiano di Cultura di San Paolo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1988.

TRENTO, Angelo. **Fascismo Italiano**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

TRENTO, Angelo. **Imprensa italiana no Brasil: séculos XIX e XX**. São Carlos: EdUFSCar, 2013.

VENDRAME, Máira Inês. O poder da aldeia: redes e práticas de justiça na Ex-colônia de Silveira Martins (1881-1900). IN: **Oficina do Historiador**. Porto Alegre: PUCRS, 2014.

ZANI, Marcello. **Cremona 1922-1945 Storie di Sovversive**. Cremona (IT): Cremonabooks, 2024.

FONTES DE IMPRENSA

Jornal Correio do Povo. Porto Alegre.

Jornal A Federação. Porto Alegre.

Jornal Folha da Tarde. Porto Alegre.

Jornal O Paiz. Rio de Janeiro.

Jornal A Manhã. Rio de Janeiro.

Jornal Correio da Manhã. Rio de Janeiro.

Jornal A Noite. Rio de Janeiro.

Periódico Liberdade. Porto Alegre.

La Difesa. São Paulo.

L'Eco dei Comunisti. Cremona (IT).

L'Eco del Popolo. Cremona (IT).

La Provincia di Cremona. Cremona (IT).

Corriere della sera. Milano (IT).

Avanti. Milano (IT).

FONTES ORAIS

Depoimento Norma Superti. Registro em áudio e vídeo. Dezembro/2018.

Depoimento Gileza Superti. Registro em áudio. Dezembro/2018.

Depoimento Giorgio Borghetti. Registro em áudio e vídeo. Maio/2024.

Depoimento Luigina Superti. Registro em áudio. Maio/2024.

ACERVOS DIGITAIS

Hemeroteca Digital Brasileira - <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Museu da Imigração de São Paulo - <https://museudaimigracao.org.br>

Senado Italiano - <https://www.senato.it/home>

Antenati - <https://antenati.cultura.gov.it>

NPH-UFRGS - <https://www.ufrgs.br/nph/>

Arquivo Edgard Leuenroth da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) - <https://ael.ifch.unicamp.br>

ACERVOS FÍSICOS

Archivio di Stato di Cremona (IT).

Archivio Comune di Voltido (IT).

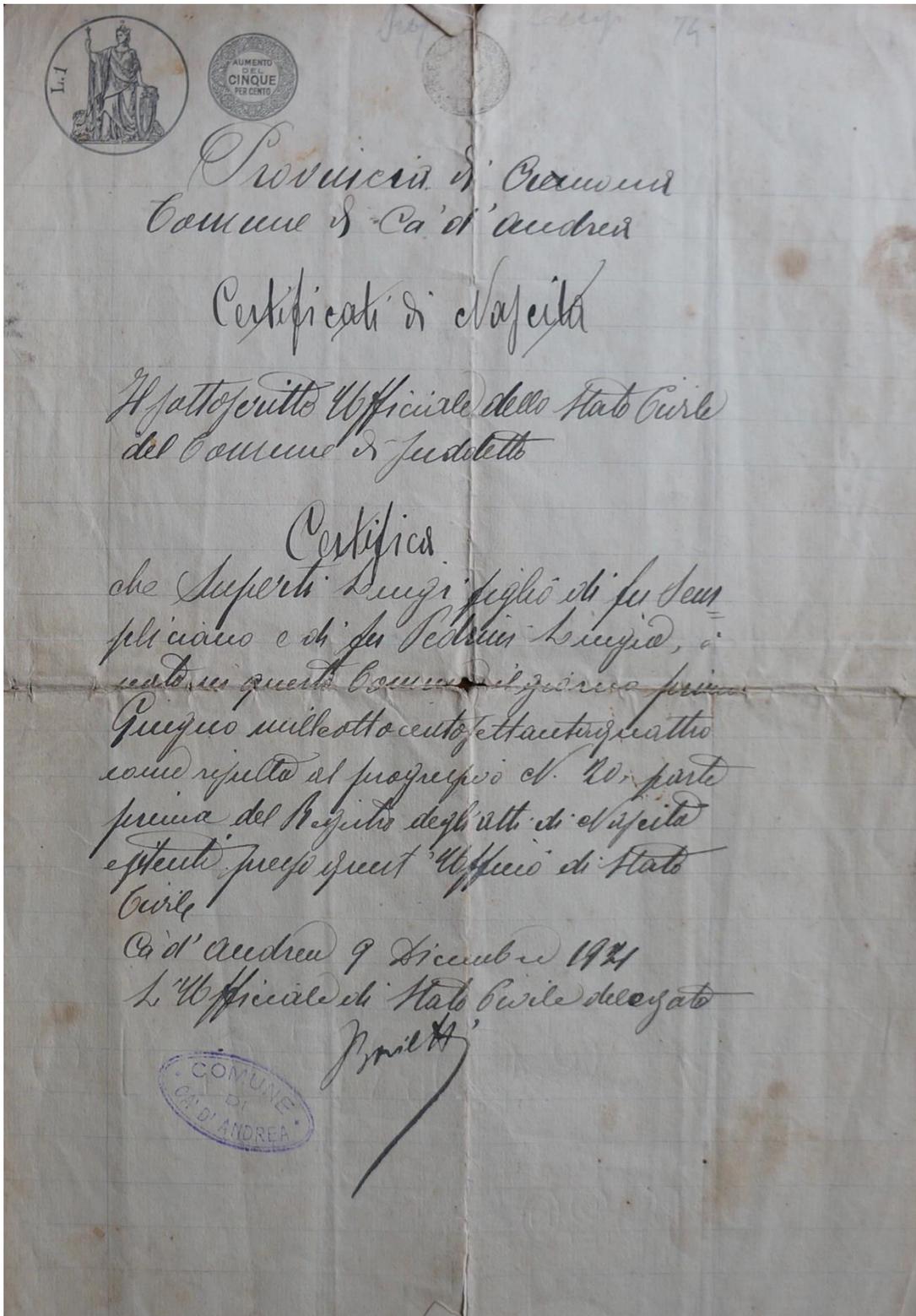
Arquivo Histórico de Porto Alegre.

Acervo NPH-UFRGS.

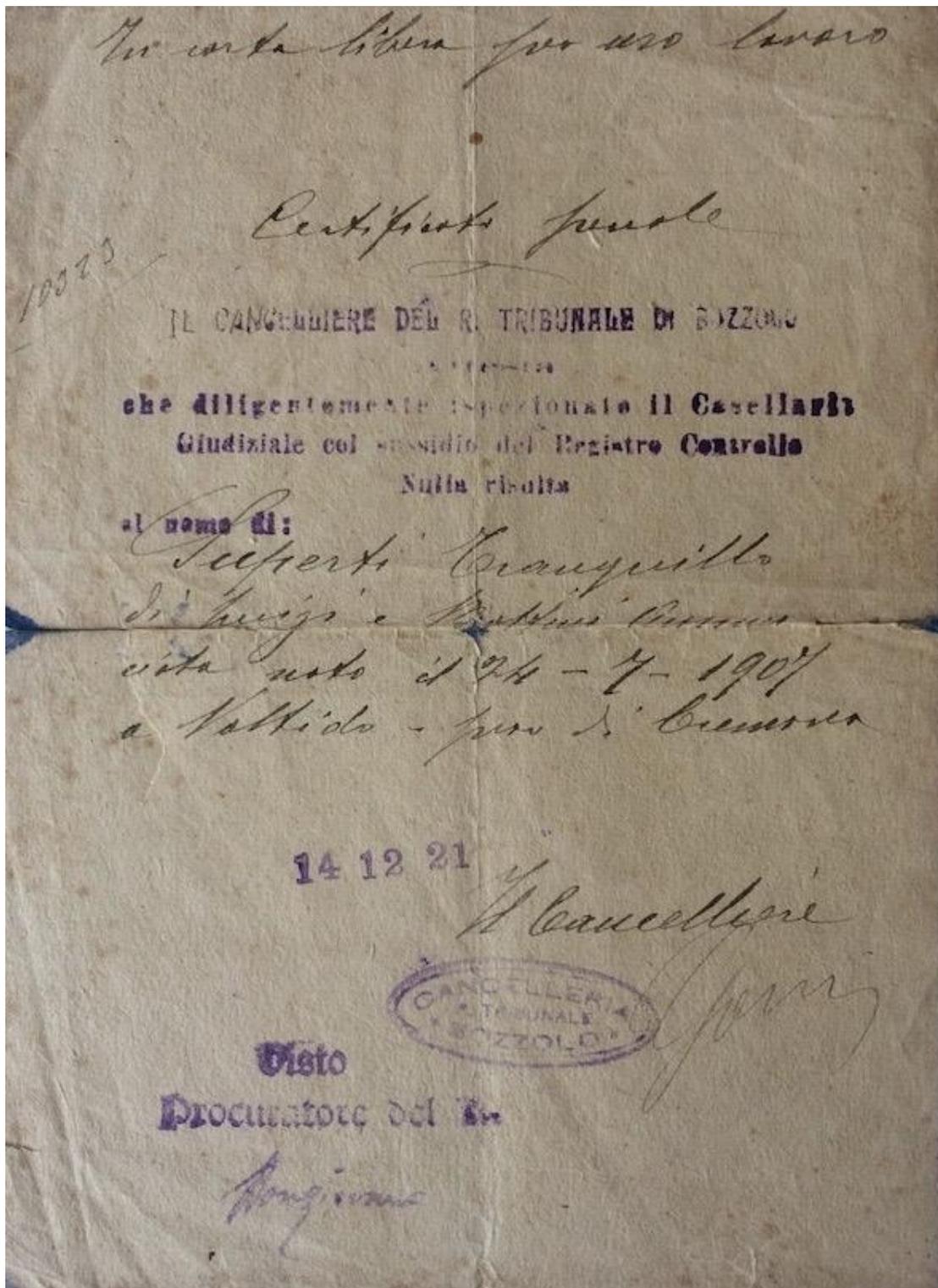
Acervo histórico do Grande Oriente do Rio Grande do Sul.

ANEXOS

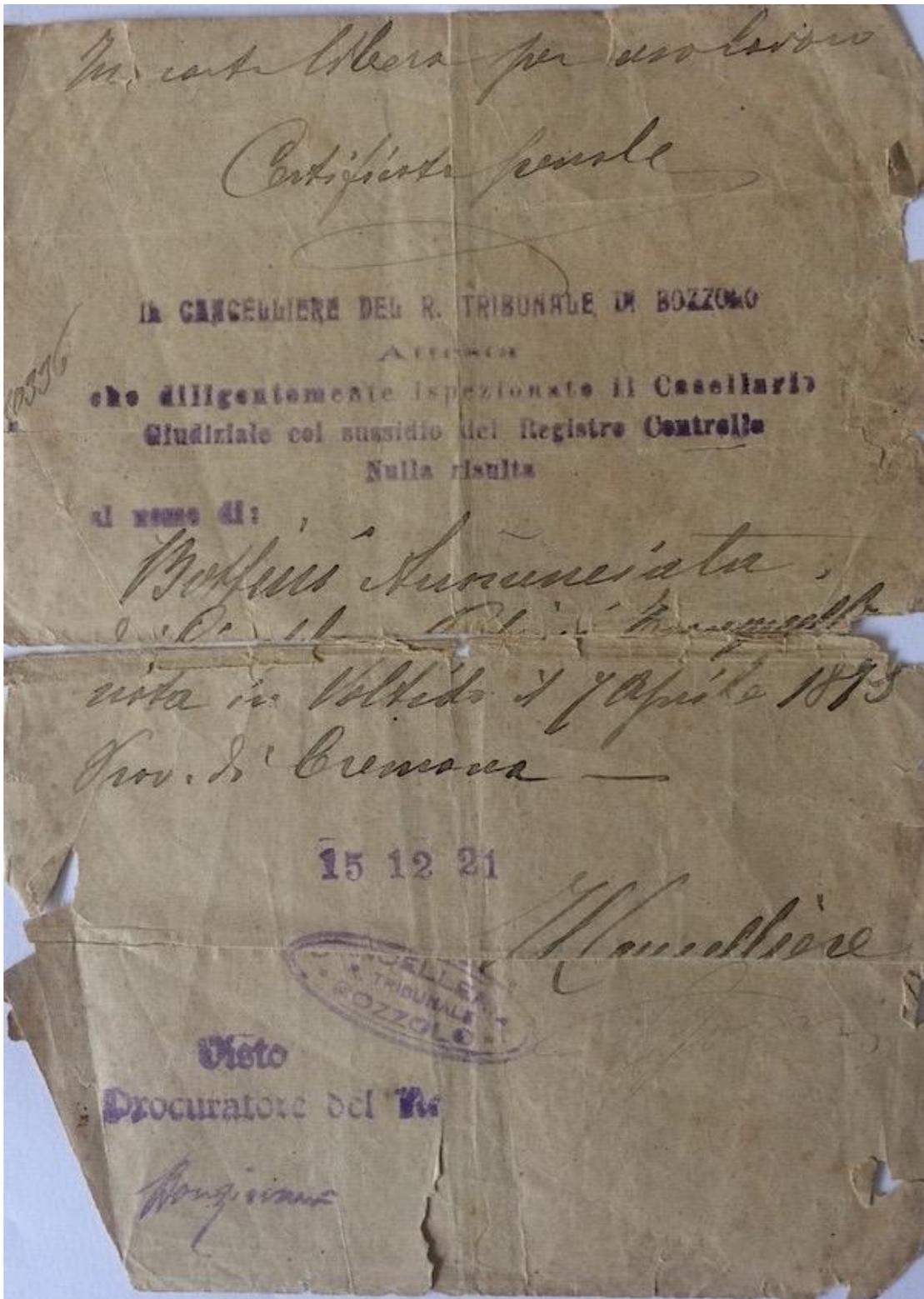
ANEXO A – Certificado de nacimiento de Luigi Superti



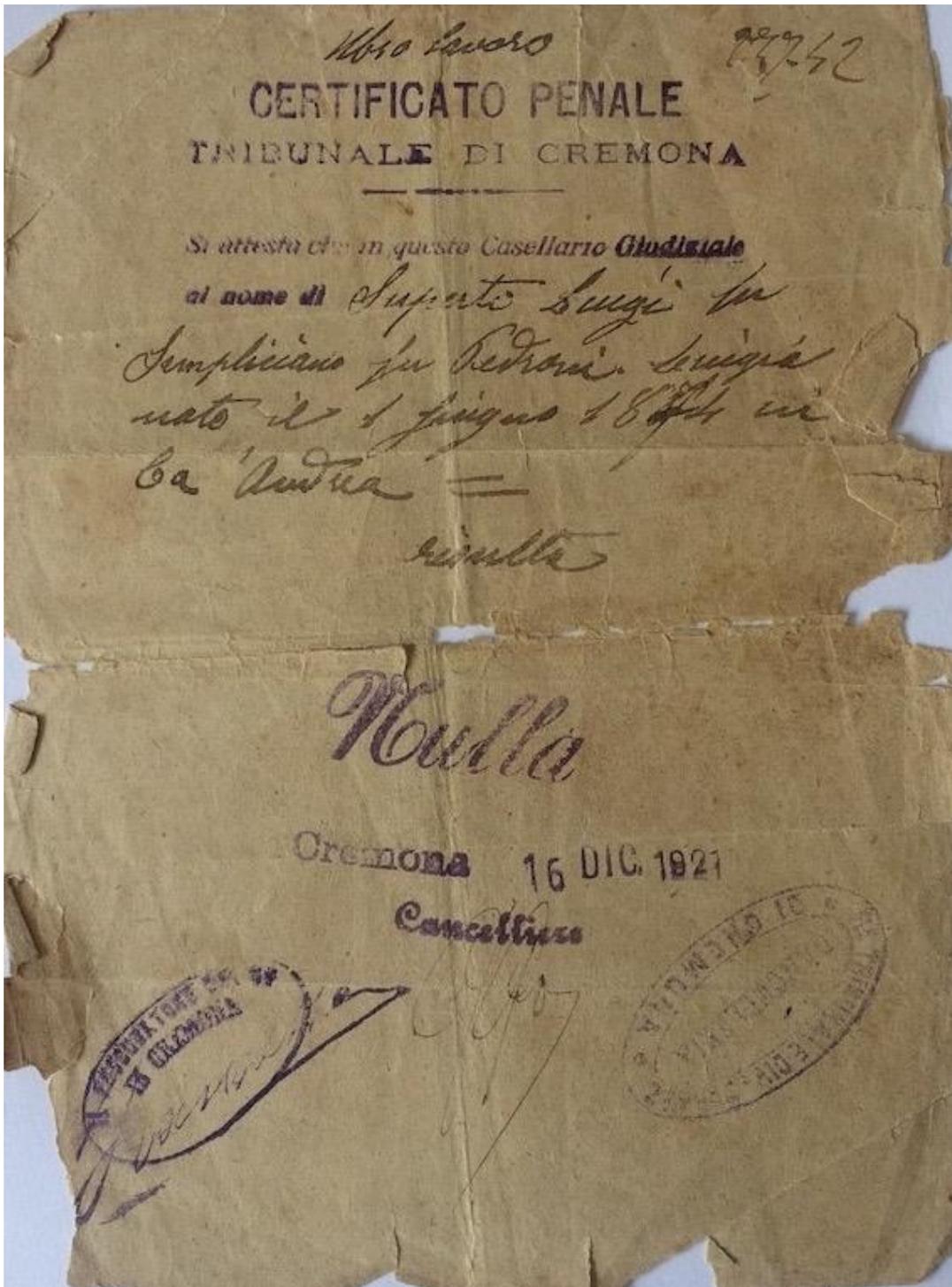
ANEXO B – Certificado penal de Tranquillo Superti



ANEXO C – Certificado Penal de Annunciata Bottini



ANEXO D – Certificado Penal de Luigi Superti



ANEXO E – Apólice de seguro de Luigi Superti

Polizza N. 12589

Sezione Incendi - Edizione 1921 - mod. 12
ESEMPLARE PER L'ASSICURATO

 **RIUNIONE ADRIATICA DI SICURTÀ**
Compagnia di Assicurazioni a Premio Fisso

ISTITUITA NELL'ANNO 1838

(Società Anonima per Azioni — Capitale sociale L. 10 500 000 interamente versato)

DIREZIONE — MILANO
Via Manzoni, 38

POLIZZA N. 12589

RILASCIATA DALL'AGENZIA PRINCIPALE

di Cremona

a favore del Sig. Superti Luigi

in data 2-12- 1921 pel capitale valore di L. 20000

e con l'annuo premio di L. 127,25

Il pagamento annuale del presente contratto scade il giorno 3-12-

ANEXO F – Carteira de identidade de Luigi Attilio Superti

N. 216 d'ord.
del foglio di famiglia

MOD. B

Comune di Voltido

SCHEDA INDIVIDUALE

Cognome Superti
 Nome Luigi Attilio
 figlio di fu Sempliciano
 e di fu Fedrico Eugenio
 nato a Ca' d'Andrea
 li 1.6.1874 (N. 91 P. 1^a S.)
 Stato Civile conv. con Botteri annunciata
2.2.1900 Voltido

Professione o condizione: Contadino

DATA della 1 ^a iscrizione	PROVENIENZA	N° della posizione relativa all'iscrizione
<u>17-11-1881</u>	<u>Ca' S. Andrea</u>	<u>C</u>

Abitazioni Newfano
 1^a
 2^a
 3^a
 4^a

* Numero, parte e serie dell'atto di nascita.

ANEXO G – Fotografia família Superti em Porto Alegre, 1939



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 1 – Térreo
Porto Alegre – RS – Brasil
Fone: (51) 3320-3513
E-mail: propesq@pucrs.br
Site: www.pucrs.br